

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Luiza Batú Rubin

**SEXO E GÊNERO EM GALENO DE PÉRGAMO:
OS CUIDADOS DE SI E A GERAÇÃO DO SER HUMANO**

Santa Maria, RS
2024

Luiza Batú Rubin

**SEXO E GÊNERO EM GALENO DE PÉRGAMO:
OS CUIDADOS DE SI E A GERAÇÃO DO SER HUMANO**

Dissertação de Mestrado em História
apresentado ao Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade Federal de Santa
Maria (UFSM), como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Semíramis Corsi Silva
Coorientador: Prof. Dr. Francisco de Paula Sousa de Mendonça Junior

Santa Maria, RS
2024

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Batú Rubin, Luiza
Sexo e gênero em Galeno de Pérgamo: os cuidados de si e a geração do ser humano / Luiza Batú Rubin.- 2024.
99 p.; 30 cm

Orientadora: Semíramis Corsi Silva
Coorientador: Francisco de Paula Souza de Mendonça Júnior
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, RS, 2024

1. Medicina Antiga 2. Filosofia Antiga 3. Gênero 4. Corpo 5. Galeno de Pérgamo I. Corsi Silva, Semíramis II. de Paula Souza de Mendonça Júnior, Francisco III. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, LUIZA BATÚ RUBIN, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Luiza Batú Rubin

**SEXO E GÊNERO EM GALENO DE PÉRGAMO:
OS CUIDADOS DE SI E A GERAÇÃO DO SER HUMANO**

Dissertação de Mestrado em História
apresentado ao Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade Federal de Santa
Maria (UFSM), como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em 11 de Abril de 2024:

Semíramis Corsi Silva, Dr^a. (UFSM)
(Presidenta/Orientadora)

Francisco de Paula Souza de Mendonça Júnior, Dr. (UFSM)
(Coorientador)

Carlos Eduardo da Costa Campos, Dr. (UFMS)

Nikelen Witter, Dr^a. (UFSM)

Carlos Armani, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS
2024

Dedico este trabalho a todas as mulheres que conseguiram desnaturalizar o lugar de fraqueza e fragilidade que diariamente nos colocam, mas principalmente à minha mãe, a mulher mais forte do meu mundo.

AGRADECIMENTOS

Para que este trabalho fosse possível diversas pessoas foram imprescindíveis. Agradeço à Dra. Semíramis Corsi Silva pelos oito anos de orientação no Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrâneo (GEMAM) e na pós-graduação, e também ao coorientador Dr. Francisco de Paula Souza de Mendonça Junior pela disponibilidade e atenção.

Agradeço a banca de qualificação desta dissertação que foi composta pela Profa. Dra. Nikelen Witter (UFSM) e pelo Prof. Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos (UFMS) pela grande contribuição que fizeram ao trabalho com suas observações.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em especial ao Dr. Carlos Henrique Armani pela compreensão e sensibilidade em diversos momentos dessa jornada.

A instituição da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) eu agradeço pelos anos incríveis de graduação que vivi nesse lindo campus, e pelas políticas criadas durante a pandemia que permitiram que alunos com dificuldade pudessem ter a chance de acompanhar a academia.

Sou imensamente grata pela presença constante de meus amigos e familiares durante esses longos e difíceis anos de pós-graduação, principalmente aqueles que tiveram conselhos e ideias mais específicas sobre o que eu estava passando: Ingra, Taiane, Gabrielle, Gabriela, Gabriel, Rodrigo, Marcos e Wendell.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, portanto, agradeço a CAPES, que incentiva a pesquisa em nosso país.

Agradeço ao meu pai pelo incentivo à leitura e ao gosto pela história que devo à sua influência durante minha infância, e à minha mãe, Josiane Batú Rubin, sem a qual o processo não teria sido concluído.

You know what makes me unhappy?
When brothers make babies
And leave a young mother to be a pappy
And since we all came from a woman
Got our name from a woman
And our game from a woman
I wonder why we take from our women
Why we rape our women? Do we hate our women?
I think it's time to kill for our women
Time to heal our women, be real to our women
And if we don't, we'll have a race of babies
That will hate the ladies that make the babies
And since a man can't make one
He has no right to tell a woman
When and where to create one
So will the real men get up?
I know you're fed up, ladies
But keep ya head up
Tupac Shakur (1993), "Keep Ya Head Up".

RESUMO

SEXO E GÊNERO EM GALENO DE PÉRGAMO: OS CUIDADOS DE SI E A GERAÇÃO DO SER HUMANO

AUTORA: Luiza Batú Rubin
ORIENTADORA: Semíramis Corsi Silva

O objetivo desta pesquisa é compreender a visão do médico grego Galeno de Pérgamo (129-ca. 210 EC) a respeito do corpo e de elementos de gênero presentes em seus manuais médicos, mais especificamente nos livros XIV e XV da obra *Sobre o uso das partes* ou *De usu partium*, escrita entre os anos 164 e 175, na qual ele descreve as funções das diversas partes e sistemas do corpo humano além de classificar o gênero do homem e da mulher a partir de elementos do seu corpo sexuado. Acreditamos que Galeno enfatiza regimes de prazeres e cuidados de si especiais para cada gênero/sexo, seguindo determinações de sua época, com a intenção de indicar a melhor forma de gerar um ser humano, que viria a ser o cidadão ideal. Pretendemos abordar as influências de Galeno em termos filosóficos e médicos e, em especial, compreender como tais ideias circulavam em seu contexto de escrita, o final do século II EC. Utilizaremos o conceito de *gênero* para observar as categorizações realizadas por Galeno relativas ao que seriam elementos masculinos ou femininos da sociedade greco-romana a partir de sua visão do corpo sexuado. Delimitaremos nosso estudo em uma visão historicamente localizada em meados do século II, a partir dos manuais médicos de Galeno, identificando o autor e suas ideias em seu contexto, trajetória e influência filosófica.

Palavras-chave: Medicina Antiga; Filosofia Antiga; Gênero; Corpo; Galeno de Pérgamo.

ABSTRACT

SEX AND GENDER IN GALEN OF PERGAMON: THE CARE OF THE SELF AND THE GENERATION OF HUMAN BEING

AUTHOR: Luiza Batú Rubin
ADVISOR: Semíramis Corsi Silva

The objective of this research is to understand the vision of the Greek physician Galen of Pergamum (129- ca. 210 CE) regarding the body and gender elements present in his medical manuals, more specifically in books XIV and XV of the work *On the Usefulness of the Parts of the Body* or *De usu partium*, written between 164 and 175 EC, in which he describes the functions of the various parts and systems of the human body in addition to classifying the gender of men and women based on elements of their sexual body. We believe that Galen emphasizes special regimes of pleasure and self-care for each gender/sex, following determinations of his time, with the intention of indicating the best way to generate a human being, who would become the ideal citizen. We intend to address Galen's influences in philosophical and medical terms and, in particular, understand how such ideas circulated in his writing context, the end of the 2nd century CE. We will use the concept of gender to observe the categorizations made by Galen related to what would be masculine or feminine elements of Greco-Roman society based on his vision of the sexed body. We will limit our studies to a view historically located in the mid-2nd century, based on Galen's medical manuals, identifying the author and his ideas in their context, trajectory and philosophical influence

Keywords: Ancient Medicine; Ancient Philosophy; Gender; Body; Galen of Pergamon.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	GALENO, SUA TRAJETÓRIA, SEU CORPUS DOCUMENTAL E SUA ARTE MÉDICA	31
2.1	A TRAJETÓRIA DE GALENO DE PÉRGAMO	31
2.2	O CORPUS DOCUMENTAL DE GALENO	36
3	O PENSAMENTO MÉDICO-FILOSÓFICO DO SÉCULO II	42
3.1	GALENO: UM MÉDICO GREGO NA CORTE IMPERIAL ROMANA	42
3.2	AS CONCEPÇÕES MÉDICO-FILOSÓFICAS NO PERÍODO DE GALENO.....	47
3.3	O MELHOR MÉDICO É TAMBÉM UM FILÓSOFO	55
4	O GÊNERO E O CORPO SEXUADO NA MEDICINA DE GALENO	63
4.1	AS DIFERENÇAS ANATÔMICAS DE HOMENS E MULHERES EM <i>SOBRE O USO DAS PARTES</i>	63
4.2	CUIDADOS DE SI E REGIMES DE PRAZERES PARA A CONCEPÇÃO DO SER HUMANO EM <i>SOBRE O USO DAS PARTES</i>	76
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
	REFERÊNCIAS	89
	REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS	89
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, de maneira indireta, resulta da pesquisa realizada em nosso Trabalho de Conclusão de Graduação em História, apresentado em 2019 na UFSM, que tratou sobre as temáticas de corpo e gênero presentes no documento intitulado *A Paixão de Perpétua e Felicidade* (203 EC)¹. Através da análise da narrativa sobre o martírio de um grupo de cristãos, constatamos que, no trato a respeito do corpo “material e biológico” do homem e da mulher, as categorizações de sexo e gênero daquela época estavam presentes e eram vistas de diferentes formas conforme o narrador do documento, uma vez que esse texto possui três diferentes narradores. Ao longo de nossos estudos sobre gênero, ainda na graduação, entramos em contato com a obra *Inventando o Sexo dos Gregos à Freud* (2001), de Thomas Laqueur, que nos apresentou a medicina de Galeno de Pérgamo e suas reflexões médicas sobre o corpo sexuado e generificado. A partir disso, nos interessamos por Galeno como autor a ser analisado em nossa pesquisa de Mestrado, pesquisando sobre seus manuais médicos.

Cláudio Galeno ou Galeno de Pérgamo foi um médico grego atuante na corte imperial romana de Marco Aurélio (161-180), Cômodo (177-192) e em parte do governo de Septímio Severo (193-211). Galeno foi um grande estudioso e produtor de vastas obras escritas ao longo do século II e início do III, sendo um dos autores cujos textos mais chegaram até nossa contemporaneidade justamente pela temática médica ter perpassado pelo interesse das tradições da Antiguidade, Idade Média e Moderna. Em seu manual médico intitulado *Sobre o uso das partes*, Galeno estruturou uma lógica sobre os corpos humanos na qual a mulher era colocada como um “homem imperfeito” que não obteve calor suficiente para se tornar completo, mas que, ao mesmo tempo, era necessária para a continuação da espécie. Sendo essa uma explicação ligada aos estudos e experimentações médicas que Galeno realizava, nos interessamos pensar sobre a perspectiva de gênero de seu material, uma vez que, o mesmo apresenta aspectos ditos biológicos, em termos contemporâneos, que podem ser vistos como arbitrários e seguindo padrões da cultura da época em que Galeno escrevia.

Analisamos Galeno e suas obras pensando no contexto em que ele as produziu – meados do século II – e buscando como as normativas sobre gênero se manifestavam na época do governo imperial de Marco Aurélio, imperador do qual Galeno foi médico. Em nosso trabalho, dividimos os momentos em que falamos sobre sexo e gênero na Antiguidade e os

¹ O trabalho citado foi realizado com apoio do Fundo de Incentivo à Pesquisa – FIPE, da Universidade Federal de Santa Maria e igualmente orientado pela Prof.^a Dr.^a Semíramis Corsi Silva. Este TCG teve como título: *Corpo e Gênero em um martírio cristão: uma análise da Paixão de Perpétua e Felicidade (século III EC)*.

mesmos conceitos no presente, uma vez que ambos têm significados diferentes. A análise do corpo humano como tal, sua anatomia, sua materialidade, seu físico, e sua “biologia”, como diríamos no século XXI, reflete as concepções gerais de uma sociedade antiga que punha o masculino em sobreposição ao feminino em diversas questões. A defesa de todos os temas que Galeno escolheu debater em sua época – a anatomia, a fisiologia, os sistemas de funcionamento do corpo humano, a reprodução humana, as dietas, regimes e recomendações de cuidados de si, suas concepções filosóficas – tinha ligação com o ambiente político e social em que ele se inseria – a elite imperial romana.

As influências culturais de Galeno transparecem em seu discurso sobre os corpos, assim, tornou-se essencial compreender suas concepções médico-filosóficas e os autores que o influenciaram na descrição da anatomia humana. A bagagem teórica de Galeno, no que concerne à filosofia e aos procedimentos médicos e o estudo da diferenciação sexual e de gênero na medicina Antiga, foi bastante trabalhada até nossos dias, nas áreas da História, Filologia, Filosofia e Medicina, principalmente, como apresentaremos ao longo desta introdução.

Apresentamos a anatomia do corpo humano feminino e masculino como descrito por Galeno, conectado aos seus interesses como médico da corte naquele momento. Uma vez que Galeno é um médico-filósofo, analisaremos como um determinado tipo de medicina e filosofia defende um modelo específico de “ideal romano”. Em seu discurso médico, o homem cidadão (*vir*) deve ser moderado em todos os tipos de ação humana, pois apenas aqueles que realizam os cuidados de si têm a possibilidade de gerar um ser humano perfeito, física e moralmente. Além da formação corporal das pessoas, o comportamento dos pais também afeta, segundo Galeno, as características de personalidade do filho. Se essa pessoa será calma ou violenta, corrupta ou honesta, entre outras características, seriam resultado da conduta daqueles que geraram o filho, e quando ela é descontrolada, tendências ruins podem ser a consequência. Ele obteve reconhecimento e foi influente enquanto ainda vivo, portanto, visamos compreender sua produção de conhecimento não apenas via concepção filosófica e de gênero, mas inserindo-o no contexto político e social do Império Romano, buscando mais sobre os aspectos políticos, econômicos e culturais que podem estar indiretamente relacionados ao pensamento de Galeno.

Michel Foucault, no terceiro volume de sua obra *História da Sexualidade*, O cuidado de si, aponta que houve entre os séculos I e II EC uma presença significativa da temática dos prazeres e de seus efeitos “para o corpo e para a alma” na escrita de filósofos e médicos, como, por exemplo, Sorano, Rufo de Éfeso, Musonios, Sêneca, Plutarco, Epicteto e Marco Aurélio (FOUCAULT, 2019, p. 51).

O regime de prazeres apresentado aqui pode ser considerado como um cuidado que faz parte do que Foucault (2019, p. 56) chama de “cultura de si”, fenômeno que pode ser traçado por um longo período, mas que teve seu auge no contexto dos primeiros séculos da era comum, quando, segundo o autor, “foram intensificadas e valorizadas as relações de si para consigo. [...] Essas ideias se transformaram em práticas sociais que foram ‘desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas’”, e tornaram-se, por fim, “um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber” (FOUCAULT, 2019, p. 58). É importante pontuarmos que esse tipo de reflexão moral e filosófica não abrange a sociedade antiga como um todo, na verdade “esse fenômeno só concerne aos grupos sociais, bem limitados em número, que eram portadores de cultura e para os quais uma *techne tou biou*² podia ter um sentido e uma realidade” (FOUCAULT, 2019, p. 56) – nessa delimitação está a elite imperial romana e seus filósofos, embora as recomendações tenham sido gerais. Essa ressalva é importante para nossa pesquisa e para nossa análise das fontes textuais de Galeno, pois limita e qualifica qual seria o público da época que entrava em contato com as ideias de “cultura de si”, e para quem a filosofia que Galeno descreve fazia sentido.

A cultura de si e o regime dos prazeres apresentam práticas saudáveis ao ser e a sua alma, como por exemplo “os cuidados com o corpo, os regimes de saúde, os exercícios físicos sem excesso” a satisfação, tão medida quanto possível, das necessidades” (FOUCAULT, 2019, p. 66). A cultura de si inclui se alimentar de bons alimentos, nunca em demasia, meditar, exercitar-se com moderação, satisfazer-se, porém não com abusos de álcool, festas e descontrole. Esta filosofia muito influenciou a escrita de autores cristãos posteriormente, “parece claro que se tornou mais insistente ‘a questão dos prazeres’ e mais precisamente a inquietação face aos prazeres sexuais, a relação que se pode ter com eles e o uso que deve ser feito deles” (FOUCAULT, 2019, p. 51).

Foucault também menciona que intervenções políticas no que se refere a limitar a liberdade sexual – ou os prazeres em geral – foram poucas e pontuais naquele contexto. No entanto, a reflexão nos textos médicos e filosóficos foi intensa, seguindo a linha de recomendar um regime mais moderado de prazeres para o próprio bem-estar das pessoas:

[...] é a insistência sobre a atenção que convém ter para consigo mesmo; é a modalidade, a amplitude, a permanência, a exatidão da vigilância que é solicitada; é a

² Arte da existência. A ideia de “cultura de si”, defendida por Foucault, é uma das formas que pode se manifestar a arte da existência, que consiste em “ter cuidados consigo”, ou “ocupar-se consigo mesmo”, que seria uma temática presente na cultura grega desde Sócrates (FOUCAULT, 2019, p. 57). Essa atitude pode se apresentar em inúmeras doutrinas, cada uma elaborando um saber específico sobre como o ser humano deve se desenvolver, cuidar do corpo e da alma.

inquietação com todos os distúrbios do corpo e da alma que é preciso evitar por meio de um regime austero; é a importância de se respeitar a si mesmo, não simplesmente em seu *status*, mas em seu próprio ser racional, suportando a privação dos prazeres ou limitando o seu uso ao casamento ou à procriação. [...] essa majoração da austeridade sexual na reflexão moral não toma forma de um estreitamento do código que define os atos proibidos, mas a de uma intensificação da relação consigo pela qual o sujeito se constitui enquanto sujeito de seus atos (FOUCAULT, 2019, p. 52-53).

A cultura de si e o regime dos prazeres são aspectos da formação filosófica de Galeno, entender como a medicina e a filosofia relacionavam as sugestões de moderação no comportamento em geral, tanto em âmbito de saúde física quanto nos preceitos da moral, tornou-se essencial para nossa compreensão. Ao analisar o livro XV de nossa fonte principal – *Sobre o uso das partes* – percebemos que a lógica da cultura de si e do regime de prazeres faz parte das recomendações médicas de Galeno para que o processo completo da geração do corpo humano ocorra de forma ideal.

Foi importante uma base teórica para a análise das categorizações realizadas por Galeno relativas ao que seriam elementos masculinos ou femininos da sociedade greco-romana de sua época a partir de sua visão do corpo. Para nós, os corpos biológicos não podem ser percebidos previamente ao gênero, o segundo antecede ao primeiro. Apesar de uma existência material, defenderemos em nossa pesquisa que os corpos não podem ser percebidos separados da cultura – e conseqüentemente das concepções de gênero. Para tratar da ideia de corpo, utilizamos as ideias de Judith Butler, em *Problemas de gênero* (2021), que apresentamos ao longo do texto.

Vários elementos sociais que compõe a análise sobre Galeno já foram amplamente discutidos, como sua educação, sua identidade grega, sua posição como um médico famoso e influente, suas concepções médico-filosóficas, sua medicina na prática, e outras tantas temáticas possíveis de serem encontradas em sua obra já foram debatidas. No entanto, utilizamos os debates mais atuais sobre sua formação médico-filosófica e sobre seu contexto histórico para contribuir a respeito da relação entre seu conhecimento a respeito dos corpos, as concepções de gênero de meados do século II, sua presença na corte imperial de Marco Aurélio, e a indicação dos cuidados de si presentes nos manuais médicos. Nossa pesquisa, portanto, buscou contribuir com a análise que coloca as indicações de moderação e cuidados de si presentes na obra de Galeno como intrinsecamente relacionadas à sua concepção de corpo e gênero.

A construção médica sobre os corpos dos homens e das mulheres também diz respeito a outras esferas sociais às quais se referem o gênero, e tentaremos conectar essa narrativa fisiológica dos corpos com os interesses de Galeno de justificar e manter sua posição na corte como médico e filósofo de imperadores, além de perceber como e porque o mesmo se auto elogia frequentemente, no sentido intelectual do termo, parecendo sempre se justificar e

defender suas ideias como um grego vivendo em Roma, ao mesmo tempo em que era criticado pelos médicos romanos, vistos como adversários.

O objetivo desta dissertação foi analisar o manual médico *Sobre o uso das partes*, escrito pelo médico grego Galeno de Pérgamo entre 164 e 175, em Roma e em Pérgamo, de modo a compreender as percepções sobre corpo e gênero presentes nas mesmas. Além disso, também tivemos como objetivo verificar a relação entre os regimes de cuidados de si existentes na filosofia de Galeno e sua caracterização da fisiologia e anatomia dos corpos humanos.

Visamos a compreensão das visões de corpo e gênero nos manuais médicos de Galeno de Pérgamo, especificamente os livros XIV e XV da obra *Sobre o uso das partes*, enfatizando os aspectos essenciais para o homem e para a mulher, segundo o médico em questão, para a melhor concepção e gestação humana. Inserimos o autor em seu contexto e relacionamos sua obra ao mesmo, além de traçar suas referências intelectuais em termos médico-filosóficos. Como mencionamos, esses manuais tratam especificamente da anatomia e fisiologia dos órgãos de reprodução e do processo completo de gestação do feto, possibilitando-nos utilizar esse recorte e essas fontes para entender como um discurso médico, sobre termos materiais do corpo humano, está conectado com as concepções de gênero de Galeno, ao mesmo tempo que ele evidencia sua visão sobre a posição do feminino e do masculino na sociedade romana em seu entorno.

Utilizamos gênero como uma categoria de análise histórica que permeia diversas temáticas, entre elas, em nosso caso, o discurso médico. Também a filosofia da natureza que cria uma hierarquia dos corpos, colocando o feminino como inferior ao masculino, foi analisada por meio de uma perspectiva de gênero.

Como o discurso é ao mesmo tempo filosófico, e as recomendações dos cuidados de si se apresentam nessas diversas esferas do texto de Galeno, nossos objetivos foram organizados de forma que conseguíssemos conectar as definições de gênero com as indicações de moderação e comportamento, a formação ideal dos corpos durante a gestação.

Nossa atenção principal recai sobre o manual médico intitulado *Sobre o uso das partes* (*De usu partium*)³. Optamos por citar a obra como *Sobre o uso das partes* e em sua sigla em latim DUP, conforme a nossa tradução para o português, que foi feita a partir da tradução espanhola do grego da Editora Gredos (ver referências documentais), ainda que tenhamos utilizado de forma instrumental a versão em greco-latim *Claudii Galeni Opera Omnia*,

³ Em função da denominação latina sempre que estivermos fazendo uma citação direta dessa fonte utilizaremos a sigla “DUP”, seguida de indicação do livro e da passagem.

publicada pela Cambridge University Press e editada por Karl Gottlob. As traduções para o português de obras modernas em línguas estrangeiras são de nossa autoria.

O manual, no qual Galeno descreve as funções das diversas partes e sistema do corpo humano (SALVÁ, 2010, p. 7), foi escrito em parte entre 164 e 166 e o restante entre 169 e 175, durante o período de governo do imperador Marco Aurélio. O médico dedicou dois livros inteiros, os livros XIV e XV, para explicar os órgãos do sistema reprodutor e a formação embriológica do ser humano, sendo nesse recorte da obra que ficam mais explícitas as ideias preliminares de gênero que ele possuía ao detalhar suas concepções sobre os corpos de mulheres e homens. Diante disso, selecionamos livros específicos que tratam de elementos importantes para a pesquisa, tais como: *Tratados filosóficos e autobiográficos*, *Sobre meus próprios livros*, *Sobre as faculdades naturais* e *As faculdades da alma seguem os temperamentos do corpo*. Também cruzamos informações, principalmente aquelas que apresentam recomendações de cuidados de si, de Galeno e na obra *Meditações*, de Marco Aurélio, imperador do qual o mesmo foi contemporâneo e conviveu.

Podemos perceber as classificações de gênero nos livros XIV e XV da obra *Sobre o uso das partes*, pois, ao mesmo tempo em que Galeno explana as funções dos órgãos específicos do homem ou da mulher, ele infere a respeito das qualidades naturais masculinas como se fossem sobrepostas, ou de mais valor que as femininas.

Para as sistematizações que realiza em seu tratado anatômico, percebemos que as concepções de gênero permeiam a totalidade do que ali está sendo definido como anatomia. Além disso, as influências culturais de Galeno transparecem muitas vezes diretamente citadas por ele em seu discurso sobre os corpos. Ele se refere a Aristóteles, por exemplo, para afirmar que o “feminino é muito mais imperfeito que o masculino” (DUP, XIV, 6, 159), e completa dando duas razões para essa imperfeição: a primeira razão seria que a mulher é mais “fria” que o homem, e a segunda seria que por consequência dessa diferença de temperatura, os órgãos da mulher permaneceram na parte interna do corpo, enquanto os do homem receberam calor suficiente irem para o exterior. Nestes livros, Galeno deu atenção para a constituição corporal de homens e mulheres sempre organizados em uma lógica de perfeição da natureza (DUP, XIV, 1, 142), na qual o ser imperfeito “mulher” existe pela lógica necessária de perpetuação da espécie, ligada aos processos de gestação, parto e amamentação.

Sobre o uso das partes foi escrito originalmente em grego, com o objetivo de demonstrar a função de cada órgão, membro e sistema do corpo humano. De acordo com as concepções filosóficas de Galeno, “a forma e a função das partes nada são se não manifestações da natureza

e expressões do desenho perfeito do ser vivo”: e essa premissa é parte do discurso que elabora a respeito de uma “ordem universal da natureza” (SALVÁ, 2010, p. 10-11). O manual teve ampla difusão ainda no século II EC, e foi consultada e reconhecida pelos médicos atuantes na mesma época (SALVÁ, 2010, p. 56). O tratado é composto por dezessete livros divididos de acordo com cada parte do corpo a qual Galeno se dedica a explicar o funcionamento, sempre relacionado com suas ideias do que era a “lei natural”. A obra é extensa, e faremos toda a sua leitura, porém nosso foco de análise será nos livros XIV e XV, aqueles em que é mais acentuada a sua classificação e diferenciação dos corpos do homem e da mulher, assim como as recomendações dos cuidados de si.

No conteúdo destacado para a nossa pesquisa, incluímos os escritos de Galeno sobre a natureza dos órgãos de reprodução do homem, sobre os quais a natureza “aponta primeiro a utilidade, uma vez que eles receberam uma posição, tamanho, forma e configuração adequada como um todo”; e sobre os da mulher que “o útero se situou embaixo do ventre, encontrando o melhor espaço para a relação amorosa e para a recepção do sêmen; e também para o crescimento do feto, assim como para a expulsão do feto maduro” (DUP, XIV, 3, 145).

A caracterização de Galeno sobre a mulher como um ser mais imperfeito e mais frio do que o homem, já mencionada, é importante para percebermos a construção mútua desses corpos enquanto relacionados um ao outro. Para Galeno “todas as partes que os homens têm, as mulheres também têm, e entre elas há uma única diferença [...] – que as partes das mulheres estão dentro enquanto as dos homens estão fora da zona chamada ‘períneo’” (DUP, XIV, 6, 159). Ele faz, assim, uma relação de partes do corpo do homem e da mulher paralelamente. Os ovários seriam equivalentes aos testículos e o prepúcio no homem seria a vagina na mulher, por exemplo.

A partir da construção de um conhecimento médico e fisiológico do corpo humano, Galeno dá forma às diferenças de concepção a respeito de homens e mulheres na sociedade, destacando a ação do homem como quente e ativa e a da mulher como fria e passiva. Para ele, “assim como o homem é o mais perfeito de todos os animais, assim, na espécie humana, o homem é, por sua vez, mais perfeito que a mulher” (DUP, XIV, 6, 162). A qualidade “fria” da mulher quer dizer, fisiologicamente, que quando estava sendo gestada não obteve calor suficiente para que as partes saíssem para fora. No entanto, essa ocorrência do “gênero feminino” é uma necessidade para a continuação da espécie, há uma vantagem sobre essa “raça imperfeita e mutilada”. É importante lembrar que o meio em que Galeno está inserido no momento em que escreve sua obra, a elite imperial romana, e os leitores e pessoas em geral que

tinham acesso aos seus escritos, compunham um grupo limitado da sociedade antiga.

A amplitude de referências e utilizações de autores antigos nos escritos de Galeno, especialmente em *Sobre o uso das partes*, é demasiadamente extensa para que recuperemos de maneira satisfatória uma contextualização histórica de cada uma delas. Assim, pretendemos apenas apresentar Hipócrates (460-377 AEC)⁴, Aristóteles (384-322 AEC)⁵ e Platão (428-348 AEC)⁶, por exemplo, como influências principais de suas ideias a respeito da visão anatômica e fisiológica do corpo do homem e da mulher. Enquanto isso, aquelas obras mais relacionadas ao nosso problema de pesquisa, como *Meditações*, de Marco Aurélio, serão conectadas com nossa análise de forma mais profunda, uma vez que, para nós:

Os significados das palavras no texto, para não mencionar suas metáforas e símbolos, dificilmente pode ser entendido sem referência a outros textos. O texto pode incluir referências a eventos e coisas fora de si e, se essas referências estiverem significativamente em desacordo com a realidade, queremos saber que, apenas para estabelecer se o texto deve ser levado a sério ou ironicamente. Há muito mais a ser discutido na questão da interpretação textual, mas neste momento devemos perceber que, por mais focado em nosso estudo, nunca podemos escrever sobre um texto antigo sem olhar para muitos outros (SCHAPS, 2011, p. 43).

O tratado *Sobre o uso das partes* é um documento escrito. Dessa forma, é preciso observar seu texto de maneira detalhada entendendo-o como representações da visão de mundo de Galeno em meio a temática da medicina. Destacamos como importantes para a nossa análise das obras de Galeno as passagens relativas à formação do corpo masculino e feminino, a reprodução, a concepção, a gestação e o parto como fenômenos de nosso interesse para entender gênero e corpo no pensamento médico-filosófico de Galeno, e suas funções para a ordenação da sociedade. Atentaremos especialmente a construção de uma ética dos corpos e do modo de viver para a criação do romano ideal como uma forma em que os cuidados de si aparecem nos manuais médicos escritos por Galeno. Veremos que essa filosofia presente na obra do mesmo e também em outros autores de sua época, assim como nos discursos do próprio Marco Aurélio, se relaciona com a construção anatômica dos corpos, e ao mesmo tempo, com o pensamento greco-romano sobre o cidadão ideal.

Uma vez que Galeno versa a respeito de diversas temáticas, selecionamos as bibliografias de nosso interesse para o estado da arte a partir de alguns critérios. A bibliografia selecionada deve tocar em nosso objeto em ao menos um dos temas a seguir: Galeno e seu contexto histórico; concepções filosóficas e escolas médicas; o manual *Sobre o uso das partes*

⁴ As obras *Dos ares, águas e lugares*, *Aforismos* e *Prognósticos*.

⁵ As obras *História dos animais* e *Do movimento dos animais*.

⁶ As obras *Timeu* e *Leis*.

e/ou corpo e gênero na medicina antiga. Damos enfoque nas pesquisas que se referem mais diretamente à nossa discussão de corpo e gênero na medicina e em discursos filosóficos, no entanto, também poderão ser inseridos alguns materiais não específicos, mas relacionados, que possam contribuir com reflexões críticas sobre nosso tema. Centramos nossa busca em uma bibliografia produzida por historiadores, mas também por filósofos e filólogos, nos últimos trinta anos, e apresentamos tanto trabalhos muito importantes no âmbito geral da pesquisa quanto artigos mais específicos. Devido às nossas possibilidades de leitura, o estado da arte é composto por autores e autoras americanos(as), ingleses(as), espanhóis e espanholas, portugueses(a) e franceses(as).

Abrindo a discussão do primeiro bloco de autores, aqueles que tratam sobre corpo e gênero na Antiguidade, começaremos com o pesquisador que nos apresentou Galeno de Pérgamo, assim como o conceito de corpo, primeiramente. O historiador Thomas Laqueur em *Inventando o Sexo - Corpo e gênero dos gregos à Freud* (2001) faz uma análise muito ampla do corpo sexuado no discurso de diversos autores e temporalidades, refletindo sobre a historicidade das concepções de corpo e gênero ao longo dos séculos, e entremeios, trata da medicina e anatomia do corpo humano proposta por Galeno. Assim, Laqueur abordou diferentes visões sobre o corpo de classificações históricas sobre sexo biológico (corpo) de forma binária, estando o conceito de gênero associado ao de sexo biológico no decorrer de um longo período temporal, do qual destacamos a Antiguidade. Laqueur (2001) nos informa sobre o modelo anatômico e fisiológico dos corpos apresentado por Galeno, e localiza as concepções do mesmo em uma classificação que ele chama de “modelo de sexo único”, em voga de maneira regular da Antiguidade ao Iluminismo, para que depois assumisse um “modelo de dois sexos”. Suas explicações para o corpo são baseadas apenas em exemplos individuais e naturalistas do que é uma interconectada explicação do corpo em diversos autores e épocas.

Ainda sobre os aspectos materiais e biológicos, que de forma primária não podem ser negados sobre o corpo humano, é importante localizar a posição de Laqueur. O autor não coloca como objetivo de sua obra invalidar o dimorfismo sexual entre homens e mulheres como um fator biológico. O que ele objetiva é argumentar que “quase tudo o que você disser sobre sexo – como o queira entender – já foi reivindicado para o gênero”. Assim, o discurso que é dado para o corpo/sexo masculino ou feminino dependerá do contexto em que está sendo pensado e escrito, que geralmente serão definidos por uma lógica de construção da sociedade e em “batalhas em torno de gênero e poder” (LAQUEUR, 2001, p. 33).

Laqueur (2001) acredita que a existência do modelo de sexo único, ou dessa “carne

única”, em suas diferentes versões entre Aristóteles, Platão, Galeno e outros, tenha sido formulada em função de uma “extraordinária afirmação cultural do patriarcado, do pai, frente à reivindicação sensorialmente mais evidente da mãe” (LAQUEUR, 2001, p. 47). Para a Antiguidade, então, nosso foco de interesse aqui, a partir desse autor, pode ser estudada com a base conceitual de que no período as categorias sociais são pensadas como naturais, uma vez que elas “estão no mesmo nível explicativo concedido a fatos físicos e biológicos”:

Portanto, a natureza não é para a cultura o que o sexo é para o gênero, como nas discussões modernas; o biológico não é, nem sequer em princípio, o fundamento das ordenações sociais concretas. (Aristóteles, diferentemente de comentaristas do século XIX, não precisa de detalhes sobre a menstruação ou metabolismo para situar as mulheres na ordem do universo) (LAQUEUR, 2001, p. 62).

Concordamos com a teoria de Laqueur, e mais tarde em nosso texto, com a de Butler, de que o gênero precede o sexo, pois tudo que pode ser dito a respeito do dimorfismo sexual entre homens e mulheres já vem carregado das ideias sobre o gênero feminino e masculino de cada cultura. Em Galeno, existem sim mulheres e homens enquanto corpos generificados, mas com o sexo masculino sendo utilizado para explicar o sexo feminino, como uma forma de padrão.

Na obra *Corpos em construção: Natureza e condições do corpo feminino na antiguidade greco-romana*, Cristina Pinheiro (2010) se propõe a dissertar a respeito do corpo da mulher em fontes da Antiguidade Clássica que tratam das “teorias biológicas”. Para Pinheiro (2010), a fisiologia e a anatomia do corpo da mulher foram moldadas por “considerações de ordem cultural, moral e política” que se mantiveram “incontestáveis pelo menos até ao século XVI” (PINHEIRO, 2010, p. 480). Se, com isso, a autora identifica a lógica antiga como inserida no “modelo de sexo único”, proposto por Thomas Laqueur (2001) para análise da concepção de Galeno, frisamos, no entanto, que não acreditamos em uma permanência estática de uma ordem, seja ela cultural, moral ou política, ao longo dos séculos. É necessário perceber que Galeno, ao atribuir elementos de gênero ao corpo físico da mulher e do homem, estava inserido em elementos culturais específicos de uma época e nos valores de seu grupo social – a elite imperial – o que esta pesquisa pretende explorar. Entendemos que, por mais generalizadas que as ideias de Galeno tenham sido por praticamente mil anos, elas foram reinterpretadas com o passar dos séculos, e utilizadas conforme convinha na subsequente sociedade medieval e moderna. Nesta dissertação, portanto, focaremos na contemporaneidade de Galeno, de forma específica e historicizada.

A partir de autores gregos como Hipócrates, Aristóteles, Herófilo, Sorano e Galeno, e

romanos como Celso e Plínio, o Velho, Pinheiro (2010, p. 481) identifica uma associação quase que simultânea dos aspectos de reprodução e gestação quando os autores abordam o corpo feminino em seus ensaios médicos ou filosóficos. Entre eles, a pesquisadora divide duas perspectivas: uma “mais científica”, considerada a continuação da influência hipocrática e helenística, que tem como seu principal expoente Galeno; e outra identificada com práticas de “origem popular”, as quais podem ser encontradas, por exemplo, na obra *História Natural*, de Plínio. Dessas fontes plurais, Pinheiro (2010, p. 483) fez um recorte no qual enfatiza processos diretamente relacionados ao corpo da mulher, como, por exemplo, a lactação, a menstruação, a gravidez, o parto e o aborto. A conclusão da autora (PINHEIRO, 2010, p. 492) é que a necessidade de estudarmos esses aspectos biológicos relacionados, principalmente, à reprodução, estava ligada diretamente com a interpretação do corpo da mulher e sobre como ele se integrava no meio social antigo. Grandes generalizações de autores antigos sobre o tema foram realizadas, e acabam por ser didáticas, no entanto, analisarmos apenas a obra de Galeno inserida em meados do século II, tratando-se este de um trabalho mais específico e aproximado.

Lauren Caldwell, filósofa e pesquisadora da História da Medicina greco-romana, em seu capítulo “Gynecology”, da obra *A companion to science, technology, and medicine in Ancient Greece and Rome* (2016), retoma fontes gregas de Hesíodo a Galeno para fazer uma exposição breve de uma medicina direcionada a pacientes mulheres, que se desenvolveu e se modificou entre a Grécia Clássica e o Império Romano, mas que manteve a característica de uma maioria absoluta de médicos homens (CALDWELL, 2016, p. 365).

Segundo Caldwell (2016, p. 360), a diferenciação entre o corpo do homem e da mulher se iniciou com os médicos hipocráticos no século V AEC, quando estes recuperaram uma visão de diferença existente desde Hesíodo e uniram ao conceito grego de natureza (*physis*). Esses primeiros escritos médicos gregos, presentes no conhecido e supracitado *Corpus hipocraticum* representam, em sua visão, uma “primeira versão rude do que conhecemos como o campo da ginecologia, pois os hipocráticos ofereceram explicações naturalísticas para aspectos de saúde particulares ao corpo feminino [...]” (CALDWELL, 2016, p. 363). Independentemente de qual teoria médica a respeito dos corpos estivermos lendo, a autora afirma que todas estão construídas com base na “persistência de tradicionais expectativas sociais para as mulheres baseadas em gênero”, e estas influenciaram as teorias ginecológicas de cada contexto específico, assim como no tratamento da saúde da mulher (CALDWELL, 2016, p. 363). Novamente, vemos que Caldwell (2016) faz algumas generalizações em relação às concepções dos autores sobre o corpo feminino, e que ela não se dedica a um grande estudo sobre o tema,

já que seu texto tem caráter introdutório.

Giulia Sissa (1993) seguiu a mesma linha de Caldwell no que tange a uma continuidade do padrão de análise da mulher, segundo a autora:

Poetas, filósofos e médicos envolvem o objecto-mulher num discurso que, de Homero (século VIII antes de nossa era) a Galeno (século II de nossa era), apresenta uma coerência notável. Se quiséssemos resumir numa lista as obsessões do discurso erudito, não iríamos muito longe. A mulher é passiva e, na melhor das hipóteses, inferior, em relação, escusado será dizer, ao padrão anatómico, fisiológico, e psicológico: o homem (SISSA, 1993, p. 85).

Sissa (1993), em sua análise das concepções filosóficas de Platão e Aristóteles, percebe que estão presentes basicamente duas maneiras de se definir o corpo feminino: “a analogia e a inferioridade relativa aos corpos masculinos” (SISSA, 1993, p. 101). Em Aristóteles, por exemplo, “o corpo feminino, no seu conjunto, parece marcado por uma série homogênea de traços que manifestam a sua natureza defeituosa, fraca e incompleta” (SISSA, 1993, p. 102).

Ainda que mais focadas na Antiguidade, área de estudo desta dissertação, e relacionando o gênero à construção do corpo na Medicina e na Filosofia antigas, as pesquisadoras trabalhadas até o momento não aprofundaram seus estudos em construções teóricas que diferenciam a ideia de gênero e sexo biológico. Tal feito foi realizado por Thomas Laqueur, historiador norte-americano já apresentado, que tem seus estudos voltados para a História da Medicina e da Sexualidade, não sendo, entretanto, um especialista em História Antiga. Portanto, mesmo estando em nosso referencial teórico, diferenciamos nosso trabalho do de Laqueur no sentido de estarmos tratando específica e unicamente sobre o contexto da Antiguidade, visando inserir Galeno em seu momento histórico e pensar a partir disso.

Adentrando o bloco de autores que nos ajuda a entender onde se encaixa Galeno de Pérgamo em termos de pensamento médico e filosófico, começamos apresentando Jean-Baptiste Bonnard, que em seu artigo intitulado *Corps masculin et corps féminin chez les médecins grecs* (2013) apresenta a embriologia, ou seja, a formação do corpo humano no corpo materno, como um processo primordial na “construção do feminino e do masculino pelos médicos gregos” (BONNARD, 2013, p.28). O autor o faz analisando alguns tratados hipocráticos, e outros textos de Platão e Aristóteles, para posteriormente apresentar como essas ideias aparecem em Galeno, a partir de seus tratados. Bonnard (2013) se refere aos tratados *De semine*, *De uteri dissectione*, *De foetuum formatione* e *De septimestri partu*. A questão dos humores corporais e as diferenças de temperatura parecem estar no cerne da explicação da diferenciação natural dos corpos do homem e da mulher em Galeno, e ela já aparece na formação do feto. Ademais, essa construção da diferença perpassa toda o processo de

desenvolvimento da vida humana e “resulta em um círculo vicioso no corpo feminino, onde o excesso de umidade se mantém, e a um círculo virtuoso no corpo masculino onde, [...] perdura e renova continuamente a masculinidade.” (BONNARD, 2013, p. 32). Bonnard, então, nos ajuda a entender tanto o pensamento médico-filosófico de Galeno apresentando suas bases, quanto a teoria dos humores como essencial na diferenciação de homens e mulheres.

Juan Antonio López Férez no artigo *El hombre en Galeno especialmente según de Usu partium* (1998) apresenta as ideias a respeito da formação e utilidade das partes do corpo humano presentes no *De usu partium*, nossa fonte principal. Ele organiza sua análise em 28 pontos nos quais descreve os dezessete livros do manual médico citado, incluindo os significados de diversos termos gregos utilizados pelo médico, além de recuperar a transformação de ideias sobre uma filosofia da natureza, passando pelos autores que influenciaram Galeno, até chegar na obra do mesmo. Suas ideias nos ajudam a entender o que é a filosofia da natureza apresentada por Galeno quando o mesmo justifica a forma de ser do funcionamento e da formação dos corpos com uma ideia de “perfeição da natureza”, mesmo que ocorra uma “imperfeição” como a existência do corpo mais defeituoso da mulher, ela é necessária e criada pela ação perfeita da natureza para que a espécie se perpetue. Apesar da interessante recuperação da base filosófica de Galeno, e do estudo do vocabulário empregado pelo médico, mesmo analisando a construção anatômica dos corpos humanos no *Sobre o uso das partes*, López Férez não faz uma análise de gênero da mesma, algo que pretendemos realizar.

Holt Parker (2017, p. 107), em *Woman and medicine*, apresenta como os sexos são construídos como opostos na medicina antiga. Ele se preocupa com a temática da diferença física entre homens e mulheres nos discursos dos médicos e filósofos antigos. A teoria dos humores novamente aparece como central para a análise da questão dos corpos e suas diferenças na Antiguidade, e ele a apresenta em diversos autores que vieram antes de Galeno, assim como na obra do mesmo. A posição de mulheres como curandeiras também é um assunto que o autor toca, e mesmo que não seja nosso objeto é interessante de maneira geral para entendermos a prática médica do período. Apesar da temática se aproximar de nossos objetivos, Parker não utiliza da teoria de gênero para abordar a diferença física dos corpos.

A classicista Rebecca Flemming em *Women, writing and medicine in the classical world* (2007) e em *Medicine and the Making of Roman Women: gender, nature, and authority from Celsus to Galen* (2000) entra no grupo de referências que apresentamos aqui que se preocupam com a questão da filosofia da natureza que pauta o conhecimento e as construções

das diferenças entre os sexos, assim como as diferenças de gênero presentes no contexto romano. Flemming (2007) também tenta traçar a presença de escritos de mulheres e a existência de mulheres praticando a medicina. Seu trabalho se aproxima muito do que queremos analisar, as diferenças entre os sexos generificados por Galeno, mas não inclui a questão dos cuidados de si presentes em sua visão filosófica e em suas recomendações médicas.

Inserimos também nesse bloco do estado da arte o texto *Writing the history of the relations between medicine, gender and the body in the twentieth century: a way forward?* (2014), de Delphine Gardey, no qual a autora faz uma recuperação de teorias com perspectivas feministas a partir dos anos 1970 e apresenta como nossos objetos de estudo, o corpo, o gênero e a medicina podem ser estudados interconectados no século XX, e qual a importância disso, o que nos ajuda também com a justificativa de nossos estudos. Para a autora, o estudo dessas temáticas, medicina, gênero e corpo, como foram apresentadas no passado nos permitem perceber as controvérsias científicas e sociais nas decisões tomadas nas práticas médicas, que poderiam ter sido diferentes caso a lógica em torno do gênero fosse outra. Essa atitude frente aos objetos de pesquisa abriria portas para novos caminhos e inovações que não existem em termos médicos atualmente, mas que poderiam existir caso reconhecêssemos na prática médica atual controvérsias de nosso tempo. Como as três temáticas citadas são recorrentes na obra de Galeno, e são nosso objetivo principal de observação, acreditamos que a análise crítica desse corpus que influenciou a medicina islâmica e medieval por quase mil anos pode demonstrar que algumas decisões científicas sobre os corpos foram pautadas por conceitos sociais e culturais de seus agentes. Esses conceitos podem ou não serem herança da medicina de Galeno, mas, de qualquer forma, foram utilizados e transformados nos longos séculos em que ela foi utilizada como base. A linguagem da ciência se apropria de elementos de gênero.

Christopher Jon Elliot em sua tese intitulada *Galeno, Roma e a Segunda Sofística* (2005) traz grandes colaborações a respeito da educação de Galeno, sua retórica, sua relação com a arquitetura, matemática e geometria, sua família e posição social, suas influências filosóficas, seu contexto histórico e suas técnicas de autopromoção. A tese do filósofo fornece uma base importante para nossa proposta de analisar como o contexto político-social e a filosofia de Galeno influenciam sua perspectiva sobre os corpos do homem e da mulher, ainda que não toque diretamente na temática de corpo e gênero.

O historiador Vivian Nutton em *Ancient Medicine* (2017) traz um dos trabalhos mais densos que dispomos a respeito da medicina antiga, iniciando sua narrativa antes de Hipócrates e chegando até a medicina no Império Romano Tardio. Em meio a sua obra, há dois capítulos

que nos dizem respeito mais diretamente, um sobre a vida e carreira de Galeno e outro sobre a medicina de Galeno. Ambos os capítulos são de vital importância para a composição de nosso capítulo a respeito do autor que estamos analisando, assim como questões práticas de sua arte médica. No entanto, Nutton não faz uma conexão direta dessas informações com suas visões sobre os corpos e possíveis concepções de gênero da época, não foi seu objetivo

Em uma das obras mais recentes e completas sobre o médico, *Galen: a thinking doctor in imperial Rome* (2020), Nutton argumenta, de um ponto de vista historiográfico, uma biografia do médico Galeno, apontando suas ideias e atividades como médico-filósofo, e também sua recepção em períodos históricos posteriores. Sua trajetória de estudos e carreira como médico em Roma servem como base para localizarmos os locais de estadia e produção de texto. Das obras sobre Galeno da atualidade, as de Nutton são as maiores e mais abrangentes.

No Brasil não conseguimos encontrar produção historiográfica notável a respeito da medicina de Galeno até o presente momento, apenas da medicina hipocrática que mesmo sendo influência de Galeno, se exclui de nosso estado da arte. No entanto, na área da filosofia temos o trabalho de Regina Rebollo, *O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Galeno* (2006) no qual ela faz uma apresentação da transmissão de ideias hipocráticas na medicina grega até os tratados de Galeno, já no período do Império Romano.

Todas as interpretações e esforços dos estudiosos acima mencionados são importantes contribuições para esta pesquisa, especialmente as de Laqueur e Nutton. No entanto, acreditamos ser possível contribuir ainda mais para o debate a partir de uma leitura densa sobre construções de identidades de gênero na elaboração do conhecimento médico de Galeno localizados no período de meados do século II EC, pois foi no contexto dos primeiros séculos de nossa era, que, segundo Foucault (2019, p. 86), a cultura de si foi desenvolvida e refletida a partir dos textos médico-filosóficos dos quais Galeno é um dos mais conhecidos autores, e são justamente os cuidados que essa cultura de si defendia que pouco aparecem nos diferentes blocos de nosso estado da arte. Assim, justificamos nossa pesquisa a partir da contribuição que seria realizar uma análise conjunta da construção da anatomia dos corpos e dos cuidados de si propostos por Galeno para uma reprodução e gestação perfeitas, já que os dois processos são sempre observados de maneira separada, e acreditamos que a influência da filosofia dos regimes e cuidados de si são perceptíveis em nosso objeto central de pesquisa, as diferenças sexuais e de gênero no manual *Sobre o uso das partes*. Em nossa análise, as questões de gênero nas observações sobre os corpos feita por Galeno ainda podem ser melhor exploradas, tornando as ideias apresentadas pelo médico sobre o corpo e o gênero feminino mais detalhadas e mais

específicas em seu período, ligando-as a um estudo crítico de sua posição social na corte imperial romana, assim como o contexto político e social no qual o mesmo estava inserido enquanto produzia a fonte de nosso estudo.

Diante disso, realizamos leituras e análises de uma pesquisa bibliográfica, além da análise documental fundamental para a compreensão da construção e das normativas/éticas de identidades de gênero e construções sociais atribuídas pelos greco-romanos para homens e mulheres em meados do século II EC, período da escrita de Galeno.

Nosso projeto inseriu-se na Linha de Pesquisa Fronteira, Política e Sociedade do PPGH/UFSM, pensando, conforme apresenta o próprio texto descritivo da linha no site do Programa, *fronteira* como o “espaço do outro e do ‘nós’, da alteridade em diálogo com a qual se constroem identidades e consciências sociais”. A partir disso, pensamos as construções de Galeno sobre gênero e corpo como marcando fronteiras entre homens e mulheres no que se refere às funções pensadas para o ordenamento social em sua visão.

Usamos ao longo da dissertação os conceitos *gênero* e *fronteiras*. Também é importante apresentar o que estamos compreendendo como *corpo* em relação ao conceito de gênero. O conceito de corpo e gênero que mais se encaixa em nosso olhar teórico sobre as fontes seria o da teórica de gênero Judith Butler, em *Problemas de Gênero* (2003), pois a autora critica o determinismo biológico sobre o corpo humano. Segundo Butler “[...] o sexo não poderia qualificar-se como uma facticidade anatômica pré-discursiva.” (BUTLER, 2003, p. 27) – ou seja, o corpo material e biológico do ser humano existe somente a partir do discurso que surge com suas concepções de gênero. Para a autora, tanto o sexo, ou corpo sexuado, quanto o gênero feminino e masculino, existem e são qualificados pelos discursos.

Para Butler, o conceito de gênero se apresenta numa “[...] estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.” (BUTLER, 2003, p. 59). Gênero para nós então, seria aquelas características de comportamento, ou padrões culturais relativos às esferas do feminino e do masculino, ou que são classificadas referentes ao feminino ou ao masculino, mas são colocadas sobre os corpos das mulheres e homens como fatos naturais, heranças da natureza do ser humano. Assim, sempre que falarmos de gênero estaremos falando desses padrões estabelecidos de forma específica por cada sociedade, os mesmos que continuaram aparecendo na descrição fisiológica e anatômica dos corpos. Já o sexo ou o corpo, ainda que o consideremos como pautado a partir das concepções de gênero, aparece em nosso texto relacionado ao material palpável do corpo

humano, como os órgãos reprodutores, por exemplo. Em nossa concepção sobre os corpos, tanto a “ideia” quanto o “material” são históricos e podem ser historicizados, pois foram construídos por meio de discursos.

A respeito da visão de Laqueur (2001), sua ideia sobre como o gênero precede o sexo em qualquer período histórico é compatível com o quadro teórico deste trabalho:

[...] o sexo, ou o corpo, deve ser compreendido como o epifenômeno, enquanto que o gênero, que nós considerariamos como uma categoria cultural, era primário ou “real”. O gênero – homem e mulher – era muito importante e fazia parte da ordem das coisas; o sexo era convencional, embora a terminologia moderna tome essa reordenação sem sentido. [...] O que nós chamamos de sexo e gênero existiam em um “modelo de sexo único” explicitamente ligados em um círculo de significados; escapar daí para um pressuposto substrato biológico – a estratégia do Iluminismo – era impossível. [...] Ser homem ou mulher era manter uma posição social, um lugar na sociedade, assumir um papel cultural, não ser organicamente um ou outro de dois sexos incomensuráveis. Em outras palavras, o sexo antes do século XVII era ainda uma categoria sociológica e não ontológica (LAQUEUR, 2001, p. 27).

Sobre os aspectos materiais e biológicos que de forma primária não podem ser negados sobre o corpo humano, é importante localizar a posição de Laqueur. O autor não coloca como objetivo de sua obra invalidar o dimorfismo sexual entre homens e mulheres como um fator biológico. O que ele objetiva é argumentar que “quase tudo o que você disser sobre sexo – como o queira entender – já foi reivindicado para o gênero”.

Joan Scott (1990) define gênero como uma categoria de análise histórica essencial para compreendermos as “relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e também como uma “forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, 86). Nessa pesquisa, gênero é primordial de ser observado no discurso de Galeno, no qual existe uma hierarquia muito clara entre os gêneros, que resulta em relações de poder desiguais entre homens e mulheres da antiga Roma.

Gênero, portanto, é uma categoria que deve estar presente na investigação das sociedades e suas organizações de poder, uma vez que essa categoria se encontra em todos os aspectos sociais, nos quais gera fronteiras permeadas por encontros e desencontros. De acordo com a autora, o gênero pode ser analisado e caracterizado quando olhamos para as diversas instâncias da vida social. Torna-se importante essa base teórica para o momento de analisar as categorizações realizadas. Ainda, conforme Scott, é preciso que nós, historiadoras e historiadores, nos questionemos sobre as formas como são atribuídos os símbolos da cultura de uma sociedade em relação ao gênero, entendendo os “conceitos normativos” que são base dessa atribuição e de suas interpretações (SCOTT, 1990, p. 86).

O conceito de fronteira, conforme tem sido pensado pelas Ciências Humanas nas

últimas décadas, é apresentado pelo antiquista Norberto Guarinello (2010), que o adapta para pensar o Império Romano. Para ele, além de significar uma barreira ou separação entre Estados, o fenômeno fronteiriço passou a ser observado não só em questões relativas ao seu sentido mais estático e tradicional, mas também numa dimensão cultural da organização das sociedades. No Império Romano, em diversos grupos, encontraremos fronteiras internas que regulam a “cooperação e a competição” entre indivíduos, assim como os “diferenciam”. Entre elas, Guarinello exemplifica: “as famílias, os sexos, os grupos de idade, os proprietários, os trabalhadores, os que têm autoridade, os que não têm, e assim por diante.” (GUARINELLO, 2010, p. 121).

Tomaz Tadeu da Silva emerge uma compreensão profunda dos processos de diferenciação e identidade no âmbito dos estudos culturais. De acordo com Silva (2000, p.81), esses processos estão entrelaçados com manifestações de poder, onde o ato de nomear diferenças e definir identidades é essencialmente uma manifestação de autoridade. Esse poder se manifesta através de diversos mecanismos, tais como incluir/excluir, marcar fronteiras, classificar e normalizar.

A sociedade fica muitas vezes dividida entre “nós” e “eles”, ou entre o “eu” e o “outro”, ato que também pode ser considerado uma marcação de fronteiras na vida social, e são essas as marcações que criam oposições e diferenças entre os indivíduos e grupos sociais. Todas essas diferenciações que as diversas sociedades humanas fizeram/fazem ao encontrar o diferente não são naturais - são na verdade uma expressão de relações de poder desequilibradas.

Partindo de tais perspectivas conceituais e teóricas, pensamos a construção do corpo humano nas obras de Galeno como algo que representa uma fronteira, uma forma de organizar a sociedade, sendo ela influenciada culturalmente pelo seu contexto histórico. Ademais, pretendemos buscar, na escrita de do mesmo, as concepções de gênero presentes no momento em que o mesmo teoriza sobre seus métodos e sua visão médica dos corpos. Assim, concordamos com a ideia de que o gênero está presente e permeia a própria construção discursiva do que é o corpo humano quando dito natural e biológico, e isso ocorre nas fontes de nossa pesquisa.

Para a análise da fonte em si, pretendemos utilizar como guia as considerações do historiador Pedro Paulo Funari sobre a hermenêutica tradicional de análise de documentos históricos, incluídas em sua obra *Antiguidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos* (2002). Sobre a análise do documento, a definição de Funari engloba diversos tópicos importantes:

Aspectos externos, com estudo da tipologia de fontes (texto de ficção, legislativo, epistolar etc.), lugar de origem e datação do texto, estilo e características linguísticas; 2. Resumo, consistindo em uma sinopse do texto; Contexto histórico, inserindo o texto em quadros cronológicos, geográficos e temáticos (e. g., economia, cultura, política, guerra) específicos; 4. Explicação detalhada do documento envolvendo um estudo minucioso dos termos utilizados em seu contexto; 5. Autoria, inserindo o autor nas circunstâncias e no meio cultural; 6. Conclusão, incluindo o texto no contexto das abordagens historiográficas sobre o tema e o período; 7. Bibliografia consultada (FUNARI, 2002, p. 26-27).

Portanto, a inferência documental requer um aporte técnico: análise externa e interna do documento. Assim, seguindo as orientações de Funari, faremos uma análise crítica do documento citado em âmbito externo e interno. Para isso, é preciso adequar e utilizar esse plano de instruções a fim de encontrar as informações dentro e fora de nossa fonte. Sobre a crítica textual externa, Funari (2002, p. 27) define que essa, da seguinte forma:

[...] visa o estabelecimento do texto a partir dos manuscritos originais, cabendo localizar os erros dos copistas, as interpolações posteriores, o estabelecimento da genealogia das cópias disponíveis, a crítica da proveniência, fixação da data, identificação da origem, busca das fontes.

Ainda como análise externa do documento, parte importante do projeto será a pesquisa bibliográfica, cruzada à análise documental, sobre os assuntos pertinentes como a medicina e filosofia antiga, a prática médica e as perspectivas de gênero perceptíveis no trato social do Império Romano, assim como as diversas análises teóricas contemporâneas sobre corpo e gênero. Essa bibliografia foi levantada tanto em bibliotecas físicas, quanto na internet em sites acadêmicos e bases de dados.

A bibliografia foi selecionada partir dos textos que dizem respeito ao período histórico e também aos temas específicos. Toda bibliografia utilizada na construção da dissertação foi analisada criticamente, sempre questionando e conferindo as informações que os(as) diversos(as) autores(as) trazem.

A pesquisa acadêmica em História Antiga no Brasil tem como fundamental o uso de sites que disponibilizam artigos acadêmicos como o *Persée*, *JSTOR*, *Project MUSE*, *EBSCO MegaFILE*, muitos desses com acessos gratuitos ou por uma pequena taxa. Também para os estudos clássicos, temos o importante site *Perseus*, que disponibiliza diversos textos da antiguidade grega e romana com a tradução para outras línguas. Para o nosso objeto particular, utilizamos o site CMG (Corpus Medicorum Graecorum/Latinorum), que disponibiliza edições online de todas as obras de Galeno, além de catálogos com listas de trabalhos de autores antigos e outros muitos links para pesquisa online com manuscritos, edições, primeiras impressões, traduções, etc. Além de tudo isso, também é possível encontrarmos arquivos em PDF de

referências bibliográficas a respeito da temática da medicina antiga e também específicos sobre os textos médicos gregos e romanos.

Avançando em uma crítica documental interna, Funari (2002) entende que ela ocorre por uma análise da “[...] linguagem empregada e dos costumes sociais citados” (FUNARI, 2002, p. 27). É preciso, então, pensar como Galeno apresenta elementos de seu tempo, de seu grupo social, de concepções médicas, mas também de gênero na obra. Propomo-nos, então, a desmontar e desvelar a escrita da obra de Galeno por meio de uma crítica interna, dentro de sua intencionalidade consciente ou inconsciente, vinculada a uma crítica externa sobre o contexto em que ele viveu e as condições de produção do seu texto.

Cumprido destacar que nossas fontes não foram tomadas como a verdade de uma época, mas como uma *representação*. Em *O mundo como representação* (1988), Roger Chartier (1988, p. 17) teoriza sobre como os grupos sociais criam suas representações do mundo social, de maneira a impor seus limites e valores. As apreensões de mundo particulares nos fornecem informações sobre os grupos sociais. Assim, todas as fontes que os historiadores analisam podem ser vistas como diferentes representações sobre seus objetos, contextos, preocupações, e a partir delas os indivíduos classificam, ordenam e hierarquizam a sociedade a sua volta.

É preciso analisar o tratado *Sobre o uso das partes* de maneira detalhada entendendo-o como representações da visão de mundo de Galeno em meio a temática da medicina. Destacamos como importância para a nossa análise das obras de Galeno as passagens relativas à formação do corpo masculino e feminino, a reprodução, a concepção, a gestação e o parto como fenômenos de nosso interesse para entender gênero e corpo no pensamento médico-filosófico de Galeno, e suas funções para a ordenação da sociedade. Nossa atenção recaiu sobre a construção de uma ética dos corpos e do modo de viver para a criação do cidadão romano e da mulher romana ideais.

Quanto a divisão dos capítulos, optamos por começar apresentando mais do médico Galeno de Pérgamo e suas obras, no primeiro capítulo, intitulado “Galeno, sua trajetória, seu corpus documental e sua arte médica”. Dividimos o capítulo em dois subcapítulos. No primeiro visamos introduzir como foi a vida de Galeno, sua família, sua formação e suas relações. No segundo subcapítulo, apresentamos o corpus documental de Galeno, que, como já mencionamos na introdução, é gigantesco. Esse tópico serviu para mostrar de maneira geral as mais variadas temáticas sobre as quais Galeno escreveu. Entendemos que a melhor forma de começar a dissertação seria explicando ao leitor quem foi o autor de nossa fonte, o que ele fez, sobre o que ele escreveu, etc.

O segundo capítulo, intitulado “O pensamento médico-filosófico do século II”, foi dividido em três subcapítulos. No primeiro subcapítulo, apresentamos de forma mais aproximada como seria o status de Galeno enquanto servia a corte imperial de Marco Aurélio, pois é importante entendê-lo como alguém que fez parte da aristocracia romana, sendo um grego. Já no segundo subcapítulo, além de buscar quais influências filosóficas apareceram em sua obra e nos conceitos formulados que são nosso objeto de estudo, apresentamos a filosofia do estoicismo e as semelhanças de pensamento encontradas na obra *Meditações* de Marco Aurélio com os manuais médicos de Galeno. No terceiro subcapítulo, fazemos uma análise do texto de Galeno chamado *O melhor médico é também um filósofo*, no qual ele descreve como é o estudante de medicina e o médico ideal, além de sugerir comportamentos (em variados pontos, como alimentação e festas) que esses jovens deveriam ter para serem profissionais competentes.

O terceiro e último capítulo é o momento em que analisamos os manuais médicos a partir dos conceitos selecionados, tentando perceber a lógica médico-filosófica de Galeno em torno do corpo humano e do gênero. O primeiro subcapítulo descreve as diferenças anatômicas entre o corpo do homem e da mulher presentes na obra *Sobre o uso das partes*, e, no segundo, introduzimos a discussão dos cuidados de si e regimes de prazeres para a concepção do ser humano, visando ligar o pensamento médico-filosófico sobre o corpo humano ao desejo de que houvessem mais nascimentos de cidadãos considerados ideais do que de pessoas com virtudes “defeituosas”.

2 GALENO, SUA TRAJETÓRIA, SEU CORPUS DOCUMENTAL E SUA ARTE MÉDICA

No presente capítulo apresentaremos Galeno de Pérgamo inserido no período em que o mesmo viveu e escreveu as obras das quais estamos tratando nesta dissertação. Por ter extrapolado a média de expectativa de vida no período antigo, vivendo aproximadamente 80 anos, sua trajetória é repleta de idas e vindas, viagens, estudos e atuação profissional em locais diversos. Somando a uma longa vida, está uma grande produção textual que será brevemente descrita neste capítulo com destaque para o manual *Sobre o uso das partes*, e a concepção do autor sobre a prática da medicina.

2.1 A TRAJETÓRIA DE GALENO DE PÉRGAMO

O médico - *ιατρός* – ou *iatrós*, Cláudio Galeno ou Galeno de Pérgamo viveu entre os anos de 129 e 210 EC no contexto do Império Romano. Galeno nasceu em Pérgamo, na Ásia Menor, cidade localizada no território da atual Turquia, que na época, foi uma grande cidade, além de um centro para os estudos médicos. Seu pai, Nikon, teria sido um famoso arquiteto e foi influente na trajetória intelectual do filho que, com quatorze anos, já estudava filosofia e, aos dezesseis anos, em 146 EC, iniciou seus estudos em medicina. Quando seu pai faleceu, entre os anos de 151 e 152, Galeno mudou-se para Esmirna e continuou seus estudos médicos (REBOLLO, 2006, p. 72).

Durante o século II EC, a cidade de Pérgamo ocupou uma posição relevante e peculiar dentro do vasto cenário do Império Romano. Com sua rica história e cultura, Pérgamo era um centro de destaque no campo das artes e do conhecimento, notavelmente reconhecida por sua magnífica biblioteca e centro médico. A cidade continuou a gozar de certa autonomia local, embora sob a jurisdição romana, preservando suas instituições e tradições distintas. De acordo com os registros históricos, Pérgamo manteve seu status influente e a capacidade de manter suas características distintas, mesmo diante das mudanças sociais e políticas que permearam o Império Romano no século II (DUCAN-JONES, 1996).

O filósofo contemporâneo Christopher Jon Elliot, em sua tese intitulada *Galeno, Roma e a Segunda Sofística* (2005), apresenta, em um dos capítulos, a família e posição social de Galeno. Como mencionamos, o pai de Galeno foi alguém que o influenciou em termos educacionais e em sua carreira como médico. Elliot (2005, p. 95) aponta que as menções de Galeno ao seu pai em sua obra são numerosas, e entre elas estão agradecimentos ao mesmo pela

sua “boa influência e exemplo com sua vida moral”. Galeno reconhece que seu pai foi um “exemplo de força e paciência até os dias de sua morte” (ELLIOT, 2005, p. 95).

Em *Sobre meus próprios livros*, Galeno, entre um comentário recomendando os textos adequados para aqueles que estivessem buscando escritos sobre lógica, ou que apenas tivessem interesse médico, podemos perceber uma clara atribuição ao seu pai pela boa educação recebida em sua formação:

[...] aqueles que desejam ocupar seu tempo com filosofia também devem ler as outras obras. É possível que uma pessoa seja capaz de fazer jus aos dois estudos, aquele da medicina e aquele da filosofia; mas tal pessoa teria que ser dotada com um intelecto afiado, uma boa memória e um desejo por trabalho duro. Ademais, ele teria que ter tido a mesma boa sorte que eu tive na educação recebida por meu pai. Meu pai foi ele mesmo competente nos campos da matemática, aritmética e gramática e me criou nas mesmas assim como em outros assuntos necessários para o treinamento do jovem. Em meus quinze anos ele dirigiu-me através da dialética, com o objetivo de me concentrar inteiramente em filosofia; Em meus dezessete anos ele foi persuadido por sonhos claros a me fazer estudar medicina ao mesmo tempo que filosofia. E mesmo com essa grande boa sorte, e o fato de que eu era capaz de aprender qualquer coisa que me fosse ensinada de forma mais rápida e minuciosa do que qualquer outro, eu ainda assim teria ganhado muito pouco entendimento se não tivesse devotado minha vida inteira ao cultivo dos estudos médicos e filosóficos (*Libris propriis*, 4)¹.

Entre 152 e 157, Galeno esteve nas cidades de Corinto e Alexandria, a “capital científica do mundo helenístico e latino”, onde adquiriu importantes aprendizados sobre medicina. Enquanto estudava, Galeno escreveu alguns tratados de fisiologia e anatomia, como a primeira edição dos *Procedimentos anatômicos*, e deu início à sua obra *Demonstração lógica* (NUTTON, 2017, p. 368). Galeno retornou à sua cidade natal no ano de 157, onde trabalhou como médico de gladiadores entre 158 e 161. Segundo Robert J. Hankinson (2008, p. 4), esse período em que Galeno atuou como médico de gladiadores possibilitou que ele, ainda jovem, em torno dos vinte e oito anos, aprendesse a prática cirúrgica, até que, em 161, ele decidiu partir, viajou pela região do Mar Mediterrâneo pesquisando e colhendo remédios herbais e minerais até chegar em Roma.

Pelos dois anos seguintes, 162 e 163, Galeno foi médico do imperador Marco Aurélio (161-180), em Roma, com um período de intervalo entre 163 a 168, quando ele voltou a Pérgamo. Em 169, Galeno retorna a Roma e fica responsável pela saúde de Cômodo, filho de Marco Aurélio, entre 169 a 175. No trecho a seguir, retirado da obra *Sobre meus próprios livros*, podemos ter uma ideia da dinâmica em que Galeno estava inserido enquanto médico do imperador:

¹ Tradução para o português feita a partir da tradução do grego para o inglês de Peter Singer em *Galen: selected works* (1997).

[...] ele [referindo-se a Marco Aurélio] se concentrou em sua campanha contra os germânicos, e estava extremamente ansioso para levar-me com ele. Mas ele foi prevalecido a me liberar quando ouviu sobre as instruções contrárias de seu deus patrono pessoal Asclépio – de quem eu também professei a mim mesmo como servo, desde que ele me salvou de uma condição fatal devida a um abscesso. [...] Ele então partiu, deixando para trás seu filho Cômodo, naquela época ainda uma criança pequena, com instruções para que seus cuidadores se esforçassem para preservá-lo em um estado de saúde, mas para recorrerem aos meus serviços caso ele adoecesse (*Libris propriis*, 19).

Essa responsabilidade de ser médico não apenas do imperador, mas também da família imperial, mostra a proximidade de Galeno com esse círculo social e o quanto ele foi importante em seu ofício, sendo reconhecido durante sua própria vida. De 175 até 192, Galeno foi médico constante da corte imperial romana, e no segundo capítulo desta dissertação olharemos mais criticamente para a relação dele com o imperador Marco Aurélio, uma vez que não era o único médico da corte.

Aqui, fazemos uma crítica da fonte a partir do que ressalta Vivian Nutton (2004, p. 227):

É muito fácil ao avaliar a carreira de Galeno aceitar prontamente o valor dele mesmo em sua visão ou pelos elogios de outros que são mediados através de seus escritos. Seu relato de que o imperador Marco Aurélio o elogiava como um homem honrado, “o primeiro entre os médicos e o único filósofo entre os filósofos”, precisa ser relativizada com a falta de qualquer referência a Galeno na obra *Meditações*, do mesmo imperador.

Em 192 ocorreu um trágico incêndio em Roma, destruindo muitos de seus manuscritos que eram guardados no Templo da Paz. É neste momento que Galeno retorna a Pérgamo para reescrever alguns de seus tratados que foram destruídos. Segundo Hankinson (2008, p. 21), o Templo da Paz era também um lugar de encontro para os intelectuais de Roma. Sobre o ocorrido, relata Galeno:

Durante este tempo eu coletei e moldei em uma forma coerente tudo que eu havia aprendido com meus professores e descoberto por mim mesmo. Eu ainda estava engajado em pesquisar alguns tópicos, e escrevi muito em conexão com essas pesquisas, treinando a solução para todos os tipos de problemas médicos e filosóficos. (Mas a maioria desse material foi perdido no grande incêndio que consumiu o Templo da Paz, juntamente com vários outros edifícios.) E como a ausência de Antonino excedeu as expectativas, todo esse período me possibilitou uma excelente oportunidade para estudar, me permitindo completar meu maior trabalho, *Sobre o uso das partes*, em dezessete livros, e adicionar o que faltava em *As opiniões de Hipócrates e Platão* (*Libris propriis*, 20).

A partir disso, portanto, sabemos que Galeno retornou a Pérgamo. No século II, Pérgamo era uma cidade em ascensão e, segundo Hankinson (2008), uma das maiores da Ásia Menor. Mencionando um pouco mais sobre o que conseguimos saber a respeito do núcleo familiar de Galeno, como já comentamos, seu pai Nikon era um arquiteto, profissão semelhante ao que consideraríamos como engenheiro, segundo o autor citado acima, e isso permitiu que

Galeno tivesse condições de receber uma vigorosa educação. Com a morte do pai, em torno do ano de 149, Galeno herda uma grande quantia em patrimônio, uma vez que o mesmo também era dono de terras (HANKINSON, 2008, p. 4). Já sua mãe não parece ser bem lembrada em termos biográficos, aparecendo como temperamental, estressada com seus escravizados e comumente gritando e atacando o marido Nikon. Galeno descreve um pouco de seus pais e os compara demarcando grandes diferenças de comportamentos entre os dois:

Quanto a mim, não posso dizer com quais qualidades eu era dotado pela natureza: o autoconhecimento é bastante difícil no caso de adultos, quanto mais de crianças pequenas. Eu tive a grande sorte de ter um pai que era extremamente lento à raiva, além de extremamente justo, decente e generoso. Minha mãe, por outro lado, tinha tão mau temperamento a que ela às vezes mordida suas empregadas; ela estava sempre gritando e brigando com meu pai, tratando-o pior do que Xantipa a Sócrates. Pude, portanto, fazer uma comparação direta entre as excelentes qualidades das ações de meu pai e das miseráveis afeições a que minha mãe estava sujeita; e isso despertou em mim os sentimentos de cordialidade e amor pelo primeiro, e ódio e esquivia da última. Essa não foi a única diferença que eu observei entre meus pais. Meu pai nunca iria lamentar qualquer contratempo, enquanto minha mãe ficaria mergulhada em miséria pela menor ocorrência (*Libris propriis*, 41).

Achamos extremamente interessante perceber como Galeno destaca as características positivas do temperamento de seu pai e as negativas de sua mãe. Sendo ele um médico e percebendo como o corpo e as características de temperamento podiam estar relacionadas, parece bastante próprio ele ter relacionado seus pais dessa forma, já denotando uma perspectiva de gênero em sua concepção.

Para a atuação de Galeno como médico e filósofo, percebe-se em todas as suas obras que as influências tomadas são múltiplas, ele cita aqueles dos quais aprendeu e nos quais se inspira ao longo de seus manuais médicos, e o mesmo se via como um continuador da tradição médica e de explicação científica que começou com Hipócrates, Platão e Aristóteles, por exemplo (HANKINSON, 2008, p. 10). Ao longo de nossa dissertação, pretendemos abordar aquelas que foram as influências principais das ideias que queremos discutir.

Em várias de suas obras, Galeno joga com exemplos e críticas aos seus contemporâneos, sempre debatendo contra o que ele percebia como uma medicina degenerada que não dispunha da devida atenção a “determinação metódica da natureza essencial das coisas com base na qual (e apenas com base nesta) que uma prática científica explanatória segura poderia ser erigida” (HANKINSON, 2008, p. 11). Como podemos ver nessa passagem:

Muitos daqueles que embarcam em uma carreira na medicina ou filosofia nos dias de hoje não sabem nem ler propriamente, mesmo assim eles frequentam aulas sobre o maior e mais bonito campo do empreendimento humano, isto é, o conhecimento fornecido pela filosofia e medicina. Esse tipo de preguiça existia muitos anos atrás também, quando eu era um jovem, mas ainda não tinha chegado nesse estado extremo que está agora (*Libris propriis*, 9).

O público para o qual Galeno escrevia estava mais limitado à elite intelectual romana, principalmente estudantes de medicina e médicos que concordavam e/ou discordavam de Galeno. Seus textos foram amplamente utilizados nos estudos médicos, não apenas na cidade de Roma, mas nos grandes centros de estudos médicos do Império, como por exemplo Alexandria. Suas obras, como já mencionamos, dialogam com outros trabalhos do mesmo nicho de sua época, portanto, é possível pressupor que Galeno lia os trabalhos de seus colegas médicos, e vice e versa. Como também já apontamos, Galeno foi muito conhecido ainda enquanto vivo devido à sua posição de destaque enquanto médico da corte imperial, suas demonstrações médicas e sua produção escrita. Em *Sobre meus próprios livros*, que utilizamos bastante até aqui por ser um texto geral em que nosso próprio autor apresenta aspectos de sua vida e trabalho, Galeno menciona a utilização desse livro por parte de amigos (provavelmente médicos) e por iniciantes na arte médica (*Libriis propriis*, 12).

Voltando à sua vida pessoal, Galeno aparentemente nunca se casou e não teve irmãos nem irmãs (HANKINSON, 2008, p. 2). É muito difícil saber certamente em que ano Galeno morreu, mas certamente ele teve uma vida muito ativa, escrevendo e debatendo até o final de seus dias. Um de seus últimos escritos, já no século III, foi a *Arte Médica – Ars Medica* – um compêndio de diagnósticos e práticas terapêuticas que se tornou um texto muito utilizado no período final da Idade Média (HANKINSON, 2008, p. 22).

Além disso, sabemos que Galeno realizou um extenso trabalho de interpretação do *Corpus hippocraticum*, sobre o qual expôs seus acordos e desacordos, além de selecionar os textos que acreditava serem fidedignos a Hipócrates. A vasta documentação escrita por Galeno representa um esforço de relembrar e, ao mesmo tempo, de discutir e criticar os tratados hipocráticos e os textos de Platão e de Aristóteles, entre outros autores.

Do ponto de vista de Peter Singer (1997, p. VIII), Galeno viveu em um período de debate público e de conflitos, de uma diversidade intelectual quase caótica, um período tão distante da sistematização medieval quanto da ortodoxia científica de nosso próprio tempo e, muito considerado ainda em seu momento de vida, ele emerge como uma das figuras da Antiguidade mais intrigantes filosoficamente e historicamente falando.

Sobre sua prática, a medicina, sabemos que a medicina antiga contou com uma grande produção de conhecimento representada através de diferentes escolas de saber, divididas em quatro principais (as três primeiras com maior menção na obra de Galeno): dogmatismo, empirismo, metodismo e pneumatismo. De acordo com Regina Rebollo (2006), é possível percebermos um legado de ideias presentes em torno da transmissão de conhecimentos do

médico grego Hipócrates e do *Corpus hippocraticum*² em diversos autores entre o século V AEC até Galeno no século II EC (REBOLLO, 2006, p. 45).

De acordo com Hankinson (2008, p. 26):

Os Racionalistas ou Dogmáticos eram uma das três “seitas” ou escolas (*haireseis*) na qual os médicos praticantes da época eram agrupados, as outras eram os Empiristas e Metodistas. A distinção já é encontrada no enciclopedista médico Celso *9de Medicina Proem.* 13-67) do século I AEC, apesar que sua canonização deve muito ao próprio Galeno. Apesar de haver vários tipos distintos de Racionalistas, eles estão ligados pelo seu comprometimento comum em encontrar as bases causais internas das doenças, e então, da terapia. Por contraste, os Empiristas se contentam em observar conjunções regulares de eventos e idealizar terapias de acordo; enquanto os Metódicos permanecem em apenas uma tipologia de doenças extremamente geral, “relaxadas”, “contraídas” e “mistas”, e argumentam que em qual dessas categorias uma doença se encaixa é imediatamente óbvia, ao menos aos olhos treinados. Galeno concordava com os Racionalistas sobre a importância de inferir sobre as estruturas causais e escondidas das coisas; mas ele também concordava que a experiência era absolutamente necessária para confirmar o que a razão sugere; e por isso ele não declara aderir a nenhuma escola (e ainda pensa que uma aliança partidária é responsável por uma negligência médica séria): *Ord.Lib.Prop.* XIX 50–5, = *SM* 2, 80,11–83.23). Mas para os Metódicos ele não tinha tempo nenhum.

Portanto, como vimos até aqui, em termos de metodologia médica, Galeno não se encaixa em definições muito rígidas, é interessante perceber suas concordâncias e discordâncias com as escolas de medicina ao analisar o assunto que ele está debatendo. No segundo capítulo dessa dissertação, veremos que em termos filosóficos isso também ocorre. Galeno buscou referências em Platão e Aristóteles muitas vezes, ao mesmo tempo em que os cita, debate e critica. Galeno tratou a diferença entre as escolas médicas em sua obra intitulada *Sobre as seitas para iniciantes* [*SI*]: I 64–105, = *SM* 3, 1–32 (HANKINSON, 2008, p. 26).

2.2 O CORPUS DOCUMENTAL DE GALENO

As obras de Galeno foram originalmente escritas em grego, mas sobreviveram até hoje também no árabe e no latim devido ao amplo alcance e às muitas traduções realizadas no período medieval, o que nos mostra a importância de seus escritos. As realizações de Galeno foram produtivas no sentido em que um “hipocratismo galênico” esteve presente nas concepções da sociedade medieval até o século XV, momento em que na região da Itália passaram a criticá-lo, influenciados pelos humanistas (REBOLLO, 2006, p. 46).

Singer (1997, p. I) considera Galeno um personagem de caráter notoriamente polêmico. Galeno possui uma imensa produção literária e demonstra uma amplitude de interesses, tanto

² O *Corpus hippocraticum*, como definido por Ivan Frias, é um conjunto de tratados médicos escritos entre 425 AEC e 375 AEC, aproximadamente, período contemporâneo ao exercício de Hipócrates (460-375 AEC) como médico (FRIAS, 2004, p. 13).

filosóficos quanto médicos. Em seus tratados podemos encontrar discussões sobre a pura lógica, passando por uma filosofia da moral, uma filosofia da alma, anatomia, fisiologia, medicina clínica, farmacologia e comentários sobre Hipócrates e diversos outros médicos de épocas passadas e contemporâneos a ele, e: “Ao mesmo tempo, ele abre uma janela fascinante sobre a prática médica – e a vida cotidiana – na Roma antiga” (SINGER, 1997, p. I).

Ao longo de sua formação, Galeno entrou em contato com diversos médicos, lugares e perspectivas e por elas foi influenciado. São múltiplos os tópicos presentes em seus escritos, que são extensos. Hankinson (2008), ao analisar os aspectos biográficos e a sucessão de obras de Galeno, reparou nas diversas temáticas que as mesmas englobam, tratando muitas vezes sobre lógica, filosofia, medicina, crítica literária ou uma mistura dessas. Tudo isso formou o que hoje conhecemos como o *corpus* mais extenso sobrevivente de qualquer autor da Antiguidade, “representando cerca de 10% do que possuímos em grego antes de 350 EC”. Galeno, ainda em vida, tentou organizar seu *corpus* em dois livros, *Sobre meus próprios livros (Lib. Prop.)* XIX 8–48, = SM 2, 91–14,3 e *A ordem de meus próprios livros (Ord. Lib. Prop.)* XIX 49–61, = SM 2, 80–90 toda a sua produção, para que os iniciantes na arte médica soubessem quais eram genuinamente suas ou não (HANKINSON, 2008, 1).

O historiador Geoffrey Ernest Richard Lloyd (2008, p. 34) divide a extensa obra de Galeno de uma forma bem interessante. Por um lado, teríamos aquelas que envolvem o *Corpus* Hipocrático e a escrita técnica e, por outro, os “trabalhos polêmicos” que debatem sobre problemas de teoria ou de metodologia, esses, inclusive, são uma forma que Galeno encontrou de construir “sua própria posição” em contraposição aos seus contemporâneos. Como foi apresentado por Singer, (1997, p. I), Galeno participou de debates públicos em Roma, demonstrações anatômicas e, segundo ele mesmo, ganhou renome entre a elite romana pelo seu sucesso com curas e diagnósticos.

A seguir apresentamos a vasta produção escrita de Galeno por ordem de produção retirada, selecionada e traduzida de uma cronologia maior sobre a vida do médico presente no livro *Galen: selected Works*, de P. N. Siger (1997, p. I-III):

148/9 – Escreveu alguns trabalhos sobre anatomia e fisiologia, incluindo uma primeira edição de *Procedimentos anatômicos*. Também começou seu maior trabalho sobre lógica, *Demonstração lógica*.

162/6- Primeira estadia em Roma. Participou em debates públicos e demonstrações anatômicas. Escreveu seis livros de *As opiniões de Hipócrates e Platão* e o primeiro livro de *Sobre os usos das partes, Ossos para iniciantes e O pulso para iniciantes*; também trabalha em

A anatomia das veias e artérias e A anatomia dos nervos, esse último agora perdido.

169/75- Escreveu *Os elementos de acordo com Hipócrates; Misturas; Faculdades naturais; Esperma; A função de respirar*, os livros restantes (II-XVII) do *Sobre o uso das partes; A melhor constituição de nossos corpos e Boa condição*; a maioria das obras sobre o pulso, os livros restantes (VII-IX) do *As opiniões de Hipócrates e Platão; A dieta para emagrecer*; e da sua obra central sobre regime, *Matéria de saúde*; toda uma série de outros trabalhos a respeito da classificação e diagnóstico de doenças, e prática clínica (incluindo *Para Glauco sobre o método de curar*); *Para Trasibolo; O exercício com o pequeno intestino*; e vários comentários sobre Hipócrates.

176-80 – Galeno escreveu vários comentários sobre as obras de Hipócrates.

180-92 – Galeno escreveu sua maior obra sobre dieta (*As propriedades dos alimentos*); o último livro de *Matéria de saúde; A ordem dos meus próprios livros*; e vários comentários sobre a obra de Hipócrates (incluindo aqueles em *A natureza do homem e Ares, águas, lugares*).

193-c.210 (?) – Galeno escreveu *A dependência da alma sobre o corpo; A construção do embrião; A arte da médica* (se genuína); obras de caráter clínico e farmacológico (incluindo os livros restantes de *O método de curar* e de *A mistura e propriedade de remédios simples*, e duas outras grandes obras sobre farmacologia), e *Sobre meus próprios livros*.

O *corpus* escrito por Galeno é tão extenso que o próprio autor escreveu obras para tentar sistematizá-lo. Já apresentamos anteriormente partes do trabalho de Galeno intitulado *Sobre meus próprios livros (Lib. Prop.) XIX 10,2ff., = SM 2, 92,11ff.*, ao longo do qual ele descreve alguns de seus trabalhos, além de mencionar fatos de sua vida pessoal. Segundo Lloyd (2008, p. 35), a motivação dessa produção foi que algumas de suas obras do início da carreira fossem escritas uma vez e nunca replicadas, às vezes por pedidos de amigos, e assim, elas acabaram sendo mutiladas ou utilizadas por pessoas que alegavam autoria sobre as mesmas. Então, a partir de 169, Galeno tentou fazer uma espécie de recuperação e revisão de seu próprio trabalho.

Na obra acima citada, Galeno escreve também sobre a obra *Sobre o uso das partes*, obra de nossa análise nesta Dissertação:

[...] atingiu um grande número de leitores, por conta do entusiasmo de virtualmente todo médico com formação tradicional em medicina, assim como dos filósofos da persuasão aristotélica: pois Aristóteles ele mesmo havia escrito um tratado similar. [...] Quando me apresentei para demonstrar a veracidade dos meus escritos anatômicos, coloquei as obras de todos os anatomistas de antes de mim e convidei a todos os presentes para escolherem qualquer parte que quisessem que fosse dissecada. Minha alegação era que eu mostraria o tamanho da divergência dos fatos – que foram precisamente descritos em minhas próprias obras – daquelas de meus predecessores (*Librii Proprii*, 21-22).

Assim, podemos perceber novamente que o público alvo principal da produção escrita

de Galeno eram médicos atuantes ou iniciantes na carreira médica, que faziam parte da elite intelectual romana, ou seja, a pequena parte da sociedade que poderia arcar com os estudos mais formais em medicina.

Algumas características estão presentes nos textos de Galeno, independentemente do assunto específico que esteja tratando. A discussão de autores e a constante defesa de seu ponto de vista é uma delas. Galeno foi um médico reconhecido já em seu próprio tempo e, assim, ele demonstra que causou inveja entre seus rivais. Ao longo dos tratados, é possível perceber que havia um ambiente intelectual no qual Galeno e os outros colegas médicos discutiam, como podemos perceber nos trechos das fontes já citados. Como Lloyd (2008, p. 37-38) observa, diferentes encontros ocorriam neste contexto, como, por exemplo, os debates públicos eram bastante comuns, e algumas vezes incluíam sessões de perguntas e respostas e até dissecação anatômica, como os exemplos citados na obra *Sobre procedimentos anatômicos (AA)*, o primeiro de uma artéria vazia de sangue e o outro de um elefante dissecado.

Uma das ocorrências que Lloyd (2008, p. 38) observa, e que, segundo ele, pode parecer surpreendente para nós contemporâneos do século XXI, é que às vezes um paciente tinha seu diagnóstico debatido entre mais de um médico e, no caso de Galeno, quando era chamado, escrevia sobre os erros diagnósticos e de tratamento que outros colegas médicos faziam. Ao longo dessas críticas, Galeno utilizava seus conhecimentos sobre autores renomados do passado a fim de atacar seus contemporâneos, e aqui ele joga com sua retórica ao denominar Hipócrates como o ideal de médico a ser seguido, ao mesmo tempo que o reinterpreta em alguns momentos para encontrar autoridade em suas visões sobre fisiologia e patologia. Essa “adaptação” ocorreria notavelmente na obra *Sobre a natureza do homem*, segundo Lloyd (2008, p. 40).

Segundo Teun Tieleman (2008, p. 49): “A preocupação de Galeno com a metodologia – a reflexão teórica sobre o método científico e/ou filosófico – salta de quase todas as páginas de sua obra existente.” Era uma preocupação de Galeno que a prática da medicina e o conhecimento médico não fossem apresentados de forma rasa. Em quase todas as páginas ele relembra o leitor – que muitas vezes eram iniciantes na medicina – da importância da metodologia, assim como da experimentação e da reflexão filosófica unidas à medicina.

Como já tratamos sobre as escolas médicas e mencionamos o fato de que os Metódicos eram o grupo com o qual Galeno possuía mais discordâncias, vale mencionar aqui que em suas querelas, Galeno não escondia seu incômodo com o fato de os Metódicos acreditarem ser possível aprender toda a medicina em seis meses, por exemplo. Lloyd (2008, p. 40-41) nos fala um pouco mais sobre a opinião do médico em relação às escolas de medicina:

Mesmo que ele se refira a grupos que seguiam Herófilo, Erasistrato, Asclépio e Praxágoras, além de outros, eles tendiam a ser inseridos entre um ou outro dos três grupos [...] – Dogmatistas ou Racionalistas, Empiristas e Metodistas. Todos os três desses grupos estão, entretanto, errados na visão de Galeno. Para colocar o assunto nos termos mais cruéis possíveis, isso é porque os dogmáticos prestam atenção insuficiente à experiência, os empiristas subestimam o papel da teoria e do argumento e os metodistas abandonaram muito bem toda a estrutura dentro da qual, tradicionalmente, a medicina grega de elite era praticada. Mas podemos ver o quão importante e útil é, para Galeno, ser capaz de encurralar tantos teóricos médicos quanto puder nesses três grupos.

E é por isso que, por definição, Lloyd (2008, p. 42) acredita que a relação entre Galeno e os colegas médicos de sua época foi de enfática rivalidade e polêmica, nas quais ele utilizava tais argumentações para justificar suas opiniões. É pertinente lembrarmos disso uma vez que, no próximo capítulo, iremos falar sobre sua obra *O melhor médico é também um filósofo* (*Opt. Med.*), quando Galeno argumenta que, além da lógica, o médico precisa ser treinado com razão demonstrativa, além de precisar da *physis*, que seria a filosofia natural para entender da constituição fundamental de objetos físicos. A ética é também muito importante na visão de Galeno para a prática médica, pois ela define o que é ser bom e benevolente enquanto médico (LLOYD, 2008, p. 43).

Segundo Nutton (2004, p. 225), a vida de Galeno basicamente se dividiu entre escrever e tratar pacientes, que, de acordo com ele mesmo, poderiam ser ricos e pobres, escravizados ou livres. Galeno alega que nunca cobrou taxas de pacientes, nem pagamentos de seus alunos. Sabemos então que ele atuava de forma prática com pessoas enfermas, escrevia sobre sua área de interesse e também ensinava aqueles interessados na arte médica, apesar de ficar pouco claro como era formado esse grupo de estudantes e também a extensão do ensino para além da escrita e das demonstrações anatômicas.

Nutton (2005, p. 226) acredita que é possível esquematizar uma cronologia de seus escritos, mesmo que seja difícil identificar possíveis adições ou revisões. O próprio Galeno afirma nunca ter mudado de ideia sobre as maiores e mais importantes doutrinas, com exceção do tópico da formação dos órgãos no feto, mas Nutton percebe pequenas mudanças e inconsistências na obra do médico ao longo do tempo.

Ainda segundo Nutton (2004, p. 229), tão grande sucesso em tantas regiões diferentes possui comparação em apenas pouquíssimos autores da Antiguidade. Para ele: “Galeno não estava exagerando indevidamente seu impacto em seus contemporâneos”. A propagação das obras escritas de Galeno, seja em termos geográficos seja em termos cronológicos, é bastante impressionante. Enquanto ainda vivia, a obra de Galeno chegou a ser copiada no Egito e em Auzia (atual Marrocos). No período medieval, sua obra foi espalhada em função de copistas do mundo árabe, até que, alguns séculos depois, fosse traduzida para o latim e adentrasse

novamente a Europa ocidental por meio da Península Ibérica. Com essa expansão da obra de Galeno, convertida em influência desse conhecimento na medicina medieval do mundo árabe e europeu., surgiu o chamado Galenismo, constituído por aqueles estudiosos da medicina e afins que seguiram utilizando as ideias de Galeno por muitos séculos a fio. Para Nutton (2004, p. 301), “o Galenismo se tornou a base para a medicina formal no mundo islâmico”, e a partir do século XI, através das traduções em latim que foram feitas a partir das obras copiadas em árabe, foi transmitido para o mundo das universidades europeias medievais.

Voltando às escolas médicas do período e sua relação com a tradição filosófica, é necessário reafirmar que, dificilmente, Galeno se encaixa em apenas uma categoria em termos de definições intelectuais. Tieleman (2008, p. 50) concorda que ele se localizaria em algum lugar entre os dogmatistas (ou racionalistas) e os empiristas. Esse autor acredita ser o próprio “confronto entre conceitos filosóficos e problemas científicos (médicos) que fazem do médico-filósofo uma figura tão marcante e original na cena intelectual do segundo século EC”.

Até aqui acreditamos que foi possível perceber a pluralidade com a qual se apresenta a gama de obras escritas por Galeno de Pérgamo. Com elas podemos saber muito sobre a vida de do mesmo a partir de suas próprias palavras, e não por terceiros, como comumente acontece com as fontes da Antiguidade. Além disso, vemos que, naquele momento, ele foi extremamente assíduo em seus estudos médicos, tratando de diversas temáticas da medicina em suas obras. Galeno escreveu sobre fisiologia, anatomia, diagnósticos e curas, remédios, alimentação, além de discussões filosóficas sobre lógica, ética, e a forma ideal que um médico deveria atuar. As visões filosóficas de Galeno permeiam sua forma de perceber a arte médica e de fazer suas recomendações como médico, é por isso que no próximo tópico escreveremos especificamente sobre suas influências filosóficas, qual a relação da filosofia com a medicina e a importância da mesma para Galeno. Essas reflexões são importantes para nosso objetivo principal na dissertação que é analisar sobre construções de gênero nos corpos sexuados a partir desses manuais médicos, apresentando que esses manuais médicos não são a descrição do que é percebido pelo material, pela experimentação prática, mas que falam muito sobre visões de uma época e o que era esperado para homens e mulheres na sociedade romana do século II.

3 O PENSAMENTO MÉDICO-FILOSÓFICO DO SÉCULO II

No capítulo anterior narramos por onde passou Galeno durante décadas de sua vida como médico e, neste capítulo, iremos aproximar a análise para qual seria seu status como médico, como grego e como um participante próximo da vida da elite imperial romana. Também pretendemos apresentar quais eram as principais discussões filosóficas das escolas médicas da época, e dentro delas, em que aspectos Galeno se aproximou ou se distanciou.

3.1 GALENO: UM MÉDICO GREGO NA CORTE IMPERIAL ROMANA

O fato de Galeno ser proveniente de Pérgamo, uma cidade da antiga Grécia, mas estar constantemente presente na capital do Império Romano, convém ser analisado mais profundamente. Ser grego em Roma é diferente de ser romano, claramente, e essas determinações identitárias são importantes fatores quando queremos entender como um sujeito se insere em determinados meios sociais.

Ann Hanson (2006, p. 492), em texto sobre a medicina romana, considera importantes nesta área a seguinte sequência de acontecimentos: “O transplante da medicina grega para Roma [...], sua reformulação para melhor atender aos gostos e demandas da sociedade romana e a posterior disseminação dessa medicina por todo o Império Romano”. Então, a medicina praticada em Roma tinha influência direta dos médicos e dos preceitos construídos pela sociedade grega ao longo dos séculos.

Podemos observar a prática médica em Roma entre os séculos II AEC e VII EC apenas pelos escritos que sobreviveram até os tempos modernos, e entre eles, os nomes gregos são maioria na área da cura e da medicina, considerando províncias ocidentais e orientais. Entre esses nomes notavelmente estão Galeno de Pérgamo e Sorano de Éfeso (HANSON, 2006, p. 495). Lembrando o que foi dito na introdução, Galeno é o autor da Antiguidade que tem o maior corpus documental escrito em grego sobrevivente nos tempos atuais.

Essa presença tanto física de médicos gregos, quanto teórica por meio das obras e concepções gerais da medicina, teria ocasionado um certo preconceito por autores e médicos romanos. Plínio teria compartilhado de um sonho de Celso de uma “Era de Ouro passada de romanos saudáveis e vigorosos, livres de médicos gregos”, por exemplo (HANSON, 2006, p. 495). No entanto, o próprio Celso inclui muita medicina grega em seus textos, seja em nomes de partes do corpo, agentes terapêuticos ou instrumentos cirúrgicos (VON STADEN 1996, p. 394-6).

Para Hanson (2006, p. 497), foi Galeno quem estabeleceu a teoria dos quatro humores (fleuma, bile amarela, bile negra e sangue), que seria parte central da fisiologia e nosologia por mais de mil e quinhentos anos, mesmo que Galeno tenha afirmado que esse era um feito de Hipócrates, que realmente os cita no trabalho *A natureza do homem os quatro humores* (ou fluidos). Desses quatro humores também resultam quatro tipos de temperamentos humanos que deveriam ser considerados no tratamento dos pacientes, o fleumático, o bilioso ou colérico, o melancólico e o sanguíneo.

Foram muitos os tipos de homens atraídos pelo sistema médico organizado por Galeno: pagãos, cristãos, muçulmanos, etc. No entanto, ele nunca previu que alcançaria um domínio tão grande na área a qual dedicou por uma vida a amplitude de seu aprendizado e sua paixão pela anatomia. Mesmo não antecipando a expansão de suas obras, percebe-se a ambição que o médico possui nas linhas de seus textos. Hanson (2006, p. 502) acredita, assim como nós, que ele esperava ser reconhecido por ter resumido tantas coisas em um sistema médico, que não haveria mais necessidade de ler aqueles autores que vieram antes.

Véronique Boudon-Millot, em *Greek and Roman Patients under Galen's gaze: A doctor at the crossroads of two cultures* (2014), analisou principalmente as diferenças no trato de pacientes romanos e asiáticos por parte de Galeno, que adaptava sua prática médica dependendo do status econômico, social e intelectual do paciente. Inclusive, parte de seu sucesso pode ser atribuído também à adaptação e sua capacidade de diferenciar os tratamentos de acordo com a origem de seus pacientes (BOUDON-MILLOT, 2014, p. 7).

Para essa pluralidade de casos, Roma com certeza ofertava muito mais do que Pérgamo em função do tamanho de sua população. Galeno mesmo estava ciente do privilégio de ver vários casos - inclusive raros - que nem Hipócrates teria estudado. (BOUDON-MILLOT, 2014, p. 8). Essa autora considera que a maior diferença foi de passar de uma província predominantemente rural da Ásia Menor para uma região mais urbanizada, como Roma, a sede do Império. Os pacientes “deixaram de ser camponeses ou gladiadores para caracterizarem-se de modo geral como habitantes da área urbana, mestres ou escravos” (BOUDON-MILLOT, 2014, p. 9). E acrescentamos, seus pacientes passaram a ser a alta elite romana, a cúpula do sistema de poder imperial.

Hipócrates já havia demonstrado como doenças variavam em relação à estação, ambiente, lugares frequentados, natureza, gênero e idade em sua obra *De aere, aquis, locis*. Essa teoria foi uma influência para a medicina de Galeno, que “percebeu a cultura de Roma de forma muito apurada para desenvolver seus tratamentos, principalmente considerando as diferenças de estilo de vida de seus pacientes, ou seus “hábitos” (τὰ ἔθη)” (BOUDON-

MILLOT, 2014, p. 9).

Boudon-Millot é uma das principais biógrafas contemporâneas do médico Galeno. Ela o insere muito bem no universo romano em suas diversas especificidades:

Quando Galeno chegou pela primeira vez na capital imperial, ele descobriu um universo completamente desconhecido dominado pelo reino do dinheiro, desprezo dos intelectuais, desprezo pelas artes e ciências e desconfiança geral, que rapidamente se transformou em ciúme ou ódio contra qualquer médico que ousasse produzir prognósticos de sucesso. Mas ele superou seus colegas incompetentes, que o acusaram de “bruxaria” na tentativa de forçá-lo ao exílio e até ameaçaram sua vida. Deve-se dizer que Galeno não vacilou quando apresentado com a necessidade de recorrer a um topos e empregou uma palavra grega para reprovar as deficiências dos romanos, condenando-os por estarem na raiz de todos os males: “A causa de todos os erros na sociedade humana está no materialismo (ἡ τρυφή) dos ricos e poderosos que habitam a cidade” e cuja a única busca é o “prazer” (ἡδονή), classificando-o à frente da virtude (ἀρετή), Galeno escreve em seu Sobre o Prognóstico (De praecognitione ad Epigenem). Essas pessoas, ele continua, colocam estátuas de dançarinos e cocheiros no mesmo plano que o dos deuses. Eles não mostram nenhuma consideração pelas artes, exceto pelo benefício ou utilidade que podem obter deles. Eles só usam geometria e aritmética para medir o crescimento de seus lucros, e astronomia ou adivinhação para prever quanto dinheiro ganharão no futuro. Quanto à filosofia, eles vêem isso como uma completa perda de tempo. Galeno conclui: “Eu era completamente ignorante sobre isso a primeira vez que visitei Roma” (BOUDON-MILLOT, 2014, p. 15).

Neste capítulo gostaríamos de localizar o trato do médico com os pacientes ao seu redor, e aqueles de outros meios sociais. Algo que pode parecer inconcebível pela medicina atual (mas que algumas vezes ainda ocorre) é tratar um paciente de forma diferente dependendo de onde ele veio e qual é seu status na sociedade. No caso de meados do século II, não seria um problema Galeno afirmar que orientava seus pacientes se baseando se eles eram “camponeses de pele dura ou membros da alta sociedade de Roma” (BOUDON-MILLOT, 2014, p. 15). Ainda, ele não poderia ser “julgado” pelos nossos olhares modernos, pois como poderia sugerir banhos, tratamentos caros e outros cuidados se seu paciente não poderia seguir as indicações? Para Boudon-Millot (2014, p. 23):

Deste ponto de vista, teríamos realmente que elogiar Galeno por sua clarividência e inteligência prática, o que o levou a adaptar sua prática médica com tanta expertise, passando de ambientes muitas vezes rústicos a aspectos que satisfaçam as exigências de uma sociedade romana altamente refinada. Ele fez isso, é claro, sem abandonar por completo suas técnicas rústicas iniciais, que eram práticas para emergências em viagens e longe de suprimentos médicos regulares. Galeno nos oferece assim o retrato de um médico de pleno direito cuja prática médica refletia fielmente a complexidade da sociedade de sua época e é um testemunho valioso da diversidade de seus pacientes, que veio essencialmente de uma variedade de origens geográficas e sociais.

Sobre a própria memória de Galeno e como a mesma foi transmitida, recorreremos ao trabalho de Sébastien Barbara, *Stratadies of Court Physicians in the Imperial Period* (2014),

para entendermos mais como os médicos de imperadores – em geral – tinham diversas maneiras de tentar marcar seu nome para a posteridade.

É evidente que um médico atendendo na corte imperial teria destaque em relação a médicos comuns. Uma das estratégias mais utilizadas por eles seria a própria obra escrita, mesmo que não se pudessem saber como ela seria transmitida, ou ainda, se teria importância suficiente para ser transmitida. Segundo Barbara (2014, p. 25) “a preservação da memória e a celebração do indivíduos representavam um grande empreendimento na antiguidade, e particularmente no mundo romano, tanto para o indivíduo “comum” quanto para o poderoso”. Assim, é possível encontrar outros trabalhos sobre a transmissão da memória na área da historiografia antiga, já que é uma prática recorrente. O autor tentou perceber as especificidades dessa visibilidade dos médicos imperiais, e fez isso com a trajetória de alguns grandes médicos, que veremos a seguir. A República Romana tardia e o Império foram momentos “[...] em que o poder de Roma foi se expandindo, dando uma coerência política e social à região do Mediterrâneo e criando uma forte atração na direção do *Vrbs* e da elite romana” (BARBARA, 2014, p. 25).

Um fator analisado por Barbara que diz respeito ao nosso trabalho, é que existiu – apesar do preconceito dos médicos romanos – uma integração de médicos gregos nas camadas superiores da estrutura de poder romana, ou seja, notavelmente, mais médicos gregos atuando próximos à corte imperial romana. A medicina grega foi altamente aceita e procurada profissionalmente pelas elites (BARBARA, 2014, p.26).

Uma observação importante é que a memória dos mesmos foi preservada em sua maioria, enquanto muitos trabalhos relativos a arte médica foram perdidos. Isso demonstra que os escritos, ou seja, a literatura, tinha papel fundamental na “perpetuação de memórias”, enquanto a maioria de seus trabalhos científicos não sobreviveu. No entanto, não devemos pensar que essa ocupação era de tempo integral, nem a preocupação com a memória e nem a produção científica, uma vez que eles não permaneciam sempre no palácio, também tinham outros pacientes e obrigações (BARBARA, 2014, p. 37). No caso de Galeno, o médico além de estudar e escrever muito, atendia casos de pacientes, analisava casos de outros médicos, dava aulas e demonstrações anatômicas e ainda cuidava da saúde do imperador Marco Aurélio e de seu filho Cômodo.

Quanto à produção literária de Galeno, podemos dizer que ele possui um contexto extremamente privilegiado em relação a outros médicos. Durante o tempo que serviu aos imperadores, podia acessar todas as obras existentes de seus predecessores nas bibliotecas imperiais. Seus próprios textos foram mais facilmente preservados por conta desses fatores

(mesmo que tenhamos o já mencionado, e infeliz incidente do incêndio no Templo da Paz, em que muitas obras foram perdidas). Como bem observado por Barbara (2014, p. 38), textos escritos em um “remoto vilarejo da Ásia não foram tão bem preservados ou transmitidos”. Em Roma, como um centro cultural e capital do Império, eles poderiam “não só publicar obras com mais facilidade, mas também com maior probabilidade de conservação e transmissão, dando aos próprios médicos mais longevidade e visibilidade” (BARBARA, 2014, p. 38).

No âmbito desta análise, emerge uma outra faceta da prática memorialística que merece atenção, a saber, a teia de conexões familiares. No que tange à perpetuação da lembrança dos ancestrais, ganha destaque a cooperação ativa das famílias, que empenharam-se no sentido de preservar o legado dos antepassados. Convém ressaltar que, mesmo nos casos em que ocorreu de forma efetiva, a divulgação dos nomes e feitos dos médicos raramente ocorria partindo diretamente deles. Desse modo, é plausível inferir que as dinastias familiares e as cidades de sua atuação auferiram benefícios tangíveis por meio da renomada reputação de seus médicos. É nesse contexto que se evidencia a reciprocidade da corte para com esses profissionais, que, por sua vez, eram agraciados com recompensas (BARBARA, 2014, p. 38).

A perpetuação da memória encontra-se intrinsecamente vinculada ao domínio da arte requintada da prática médica da corte. É mediante essa conjunção de elementos que alguns médicos da corte, almejando a simultânea afirmação de seu status sociocultural e como consequência, uma forma de imortalidade, engendraram suas trajetórias na memória histórica.

Innocenzo Mazzini, em *References to Medical Authors in Non-Medical Latin Literature* (2014) demonstra que autores de proeminência advindos dos períodos romano e imperial, tais como Tessalo, Ateneu de Attalea, Aretaeus, Scribonius Largus, Heródoto, Leonidas, Rufus de Ephesus, entre outros, ostentam uma reputação substancial, conforme atestado por testemunhos de escritores médicos contemporâneos ou posteriores, como Celso, Galeno ou Oribasio, bem como a partir da referência aos resquícios de suas obras. Contudo, um aspecto de considerável interesse reside na aparente ausência desses autores do cânone de leituras apreciado por eruditos da época. Emergem indícios de que, no período imperial, apenas Sorano e Galeno, em virtude de suas contribuições médicas, foram objeto de consideração por intelectuais (MAZZINI, 2014, p. 90).

À luz desta análise, a literatura não-técnica do período imperial reflete uma notável lacuna no que toca à consciência acerca dos escritos médicos, quer sejam eles de origem grega ou latina, com exceção dos casos representados por Sorano e Galeno. Este fenômeno suscita dúvidas acerca de uma possível regressão, ou, ao menos, da escassez de progresso no âmbito científico durante os períodos romano e imperial, quando contrastados com o período

helenístico, o qual se destaca como um cenário propício ao avanço do conhecimento (MAZZINI, 2014, p. 91).

Em suma, a presença de Galeno de Pérgamo na corte imperial romana foi de grande importância tanto para o desenvolvimento da medicina como para a influência da prática médica na esfera política. Sua habilidade notável como médico pessoal de imperadores como Marco Aurélio e Cômodo solidificou sua reputação e status na sociedade romana. Além disso, suas obras escritas e tratados médicos continuaram a moldar a prática e o conhecimento médico por séculos após sua morte, demonstrando o legado duradouro deixado por Galeno na medicina ocidental.

3.2 AS CONCEPÇÕES MÉDICO-FILOSÓFICAS NO PERÍODO DE GALENO

Neste subcapítulo, trazemos informações sobre hábitos da vida cotidiana que foram preocupações tanto das escolas filosóficas quanto das escolas médicas imperiais. A alimentação, o lazer, os jogos, as festas e o sexo foram debatidos no século II, inclusive pelo próprio imperador Marco Aurélio, então essas visões foram resumidas e interligadas aos objetivos deste trabalho.

Pensando no período inicial do Império, podemos encontrar a preocupação de Augusto com o matrimônio e a reprodução dos súditos. Na percepção de Augusto, havia um déficit por parte das classes superiores no cumprimento de seu dever de contrair matrimônio e gerar descendentes legítimos. Ademais, Augusto sustentava a perspectiva de que as unidades familiares não estavam exercendo um controle adequado sobre o comportamento sexual de suas esposas. Por meio de suas ações legislativas, o imperador articulou uma declaração de caráter político, na qual enfatizava sua dedicação aos "valores de família" e reivindicava o direito de regular os aspectos mais íntimos da vida de seus súditos. Evidentemente, a promulgação dessas medidas não deixou de provocar contestações por parte da elite dominante, como atestam os registros históricos de Suetônio (Suet. Aug. 34) e Dio (Dio 54.16.1–2) (GRUBS, 2006, p. 316).

Veronika E. Grimm, em *On the food and body* (2006), caracteriza o consumo de alimentos como um “prazer”, algo que também deve ser monitorado. Para os filósofos estoicos, por exemplo, *encrateia*, em grego, significava o “controle das paixões”, e um homem apto a governar deveria ser alguém que pudesse governar a si mesmo (GRIMM, 2006, p. 356). Ainda segundo a lógica estoica, comida e sexo seriam as principais paixões a serem observadas, uma vez que abririam portas para outras. Segundo a autora, “qualquer preocupação com os confortos ou prazeres do corpo seria moralmente suspeito e indigno de um homem bem nascido [...] [que

deveria] preocupar-se com assuntos da mente” (GRIMM, 2006, p. 356).

Grimm compara o discurso de Galeno sobre Roma com o de Amiano Marcelino, o qual reclama da “luxúria, ostentação, falta de refinamento e jantares glutões”, tendo como outra característica em comum com o médico o fato de ser um grego do leste. Para entender essas críticas a autora ressalta o fato de que eles vieram como “provinciais para a maior cidade do mundo, em busca de fama e sucesso”, Roma, que certamente era ameaçadora em relação às suas cidades natais, com muito mais pessoas e possibilidades. Grimm até mesmo utiliza a história contemporânea para comparar a situação: “Os clichês bem conhecidos que esses autores utilizam para descrever os romanos me lembram aos dos intelectuais refugiados chegando em Nova Iorque e reclamando que a cidade ‘não tem cultura!’” (GRIMM, 2006, p. 357).

Como a condição da saúde muitas vezes era baseada na dieta, os médicos também podem ser considerados estudiosos da natureza dos alimentos, para que possam recomendá-los de acordo com cada pessoa. A teoria dos humores corporais (sangue, fleuma, bile amarela e bile preta) indicava que a comida, assim como os exercícios e o clima, deveria ser categorizada individualmente “de acordo com sua natureza de aquecer, resfriar, umedecer ou secar (GRIMM, 2006, p. 360).

Quanto ao lazer, ou tempo de ócio, Garret Fagan (2006) diferencia os usos adequados do mesmo de acordo com a posição social de cada grupo. Ao povo mais pobre, por exemplo, o autor cita diversos exemplos de fontes antigas nas quais existe a obrigação dos líderes de fornecer lazer ao público, para que dessa forma seu conforto não fosse negligenciado e ele permanecesse “dócil” (FAGAN, 2006, p. 370). Um dos exemplos foi o relato presente na História Augusta¹ de que Marco Aurélio, quando ausente de Roma, incentivava que os cidadãos mais ricos cuidassem, dos prazeres das pessoas (*voluptates*), uma vez que havia rumores que o imperador estava tentando levá-los ao estudo da filosofia (A, Marc. 24.5).

A moralidade de cada forma de lazer importava diferentemente também, e eram as atividades da aristocracia romana que mais era observada e criticada (por ela mesma, muitas vezes). A própria elite fornecia o ócio que considerava sem valor e imoral, porém este não era adequado para a participação da mesma, não que na prática isso não ocorresse. (FAGAN, 2006, p. 371).

A leitura em voz alta dos livros na Antiguidade pode ser citada como um exemplo do que era considerado um lazer apropriado à elite romana. Somando essa prática à importância

¹ A *Historia Augusta* é uma coleção de biografias romanas do século IV EC, que abrange os reinados dos imperadores romanos desde Adriano até Carino. É uma obra historiográfica controversa devido à presença de inconsistências, falsidades e exageros. Alguns estudiosos acreditam que a *Historia Augusta* é uma obra de ficção histórica, enquanto outros a veem como uma compilação de fontes mais antigas (JONES, 1971, p. 29).

da literatura para o “ócio da elite e às dificuldades da publicação e distribuição em massa, parece inevitável que a cultura da leitura pública crescesse entre a aristocracia romana helenizada do final da república e do início do império” (FAGAN, 2006, p. 371).

Entre os espetáculos públicos dedicados ao lazer, as corridas de biga e as batalhas de gladiadores são alguns dos principais exemplos. Junto a elas vinha a prática de apostar, considerada um sintoma de uma “fraca disposição moral” que levava a “perda do controle e da dignidade, que privilegiava a fortuna sobre o planejamento, e através dela se entregava à ganância (FAGAN, 2006, p. 374).

A magnitude das construções públicas em Roma demonstrava a importância de fornecerem o lazer e o entretenimento das pessoas, entre elas podemos citar o famoso Coliseu, as termas imperiais e os teatros. Os banhos, objetos também regulados pelo regime proposto por Galeno, eram amplamente utilizados pelos que ordenavam e pelos ordenados (FAGAN, 2006, p. 379-380). Nas fontes, no entanto, muitas vezes parece que os hábitos da elite e do povo em seu tempo livre se diferenciavam completamente. De acordo com Fagan (2006, p. 383-384), não era o caso:

Eles também poderiam ser encontrados nos banquetes, tendo prazer nos jogos, frequentando as tabernas, e compartilhando os banhos como todo mundo. O lazer romano, portanto, carrega todos os indicadores de status e hierarquia, de obrigação e reciprocidade que são as características duradouras do Império Romano em sua longa duração. [...] o lazer é o caráter essencial da sociedade romana revelado.

Cada linha filosófica ou escola médica vai ter uma visão diferenciada sobre os hábitos acima mencionados. Nesse momento é importante que entendamos melhor como ocorriam essas discussões médico-filosóficas entre as principais seitas médicas existentes na Roma do século II a fim de posicionar Galeno nas mesmas.

Um embate aludido por Celso emerge como uma contenda paradigmática entre os denominados “Empiristas” e “Racionalistas” (também conhecidos como “Dogmatistas”). Este embate, de natureza essencialmente epistemológica, teve sua origem entre os proponentes de língua grega do Mediterrâneo oriental, porém reverberou igualmente em Roma, mantendo-se como uma constante no cenário médico desde a era de Celso até a época de Galeno (HANSON, 2006, p. 520).

Os “Racionalistas” do período romano, autointitulados como os praticantes do Método, estabeleceram-se como uma seita que, posteriormente, emergiu com ênfase, sobretudo em Roma. Esta seita se caracterizava pela classificação das enfermidades conforme os estados corporais e pela aplicação das diretrizes inerentes ao Método, de forma a adequar o tratamento

a cada estado específico (Med. proem. 54–73). Distingue-se que, enquanto Sorano adotou uma abordagem metodista, Galeno adotou uma posição eclética, amalgamando as perspectivas Empírica e Racionalista em sua práxis. De maneira intrigante, Galeno se posicionou como um observador imparcial nesse embate, chegando a alegar ter testemunhado debates doutrinários culminarem em embates físicos junto ao leito de um paciente (Diff. puls. 1.1) (HANSON, 2006, p. 520).

Deveras, a tenaz determinação de Galeno em amalgamar as contribuições advindas das correntes empíricas e dogmáticas, somada à sua influência que se espalhou ao longo dos séculos subsequentes, parece ter mitigado o fervor das disputas epistemológicas entre os médicos (HANSON, 2006, p. 520).

No viés temporal (98-180 EC), a vida cotidiana do cidadão médio romano e dos habitantes dos centros urbanos do vasto Império assume uma tonalidade mais multifacetada e cativante do que em épocas precedentes. As tradições do evergetismo florescem e tanto os imperadores quanto as elites locais empreendem uma série de iniciativas que enriquecem a qualidade de vida diária. Dentre essas iniciativas, destacamos a edificação de bibliotecas públicas, parques, aquedutos que viabilizam o abastecimento hídrico, estabelecimentos de banho, latrinas públicas e outros empreendimentos que promovem o bem-estar coletivo. Ademais, projetos de drenagem são concebidos para purificar as redes de esgoto e desobstruir áreas pantanosas insalubres. Convém observar que instalações portuárias expandidas garantem a sustentabilidade do fornecimento de alimentos básicos, enquanto os aspectos relacionados a cemitérios, crematórios e atividades relacionadas ao manejo de cadáveres são cuidadosamente restringidos a áreas extramuros (HANSON, 2006, p. 520).

A presença dos médicos públicos, aliada a de professores, ocasionalmente contratados por comunidades específicas, se destaca, particularmente nas cidades das províncias orientais. Os imperadores outorgavam privilégios fiscais a essas profissões aprendidas, embora restritas em número. Contudo, perdura a indagação sobre a amplitude do comprometimento dos rotulados médicos públicos com a coletividade, uma vez que a noção de saúde pública não figurava no panorama da Antiguidade. A formulação de políticas voltadas para a melhoria da saúde da população urbana apenas se materializaria com o advento do Iluminismo no século XVIII (NUTTON, 2000, p. 71) (HANSON, 2006, p. 520).

A análise demográfica referente ao Mediterrâneo antigo defronta-se com uma carência notória de evidências, algo reconhecido pelos estudiosos. Essa lacuna é parcialmente mitigada para as populações do Império Romano, especialmente aquelas do Egito romano. A expectativa média de vida ao nascimento provavelmente situava-se entre 22 e 25 anos, com uma taxa de

mortalidade infantil elevada, com quase metade dos recém-nascidos não chegando ao quinto ano de vida. Crianças que ultrapassavam a marca dos dez anos possuíam, em média, uma expectativa de vida adicional de 36 a 38 anos, permitindo que as mulheres sobreviventes atravessassem a menopausa e os homens alcançassem quase 50 anos (HANSON, 2006, p. 520). Com esses dados, podemos concluir que a medicina desvela uma lente perspicaz, que nos permite analisar uma sociedade e suas disposições sociais.

Sobre o período abrangido entre os anos 96 e 235 EC, Michael Peachin (2006) delinea o papel proeminente de Roma enquanto superpotência. Nesse contexto, torna-se manifesto que a taxa de mortalidade infantil na Antiguidade era significativamente elevada, algo evidenciado pelo fato de que muitos descendentes do imperador Marco Aurélio não conseguiram sobreviver além da infância. No ano de 180, especificamente, havia um total de cinco filhas, contrastando com apenas um filho, Lúcio Aurélio Cômodo, que viria a ascender à posição imperial. As observações documentadas por Dião Cássio, contemporâneo de ambos os monarcas, insinuam que o filho biológico, Cômodo, não correspondeu às expectativas paternas, com sua ascensão sendo caracterizada pela transição do áureo império para uma era marcada pelo ferro e pela corrosão. Destaca-se que esta sucessão introduziu um novo paradigma, visto que os predecessores Nerva, Trajano, Adriano e Antonino Pio optaram por adotar seus sucessores (PEACHIN, 2006, p. 135).

Narrativas contemporâneas, entre as quais a *História Augusta* (HA Comm. 1–4.4), arrolam um catálogo de transgressões associadas ao governo de Cômodo, englobando uma série de “depravações”, como o abuso de álcool, libertinagem sexual e atos cruéis. Tais comportamentos são associados ao desenlace trágico de sua própria irmã, Ana Lucila, que se tornou parte de uma conspiração contra ele, resultando em seu exílio e subsequente execução. Importa mencionar que Ana Lucila não foi a única integrante de sua família a compartilhar tal destino nefasto (PEACHIN, 2006, p. 135).

Nesse cenário, emerge a nuance conceitual de que os “bons” imperadores eram aqueles que se distinguiam por engajar-se de maneira eficaz em *civilitas*², empregando adequadamente a moeda da honra. Aqueles que falhassem em cumprir essas incumbências eram inevitavelmente percebidos, e conseqüentemente registrados, como imperadores “maus” (PEACHIN, 2006, p. 152).

² O termo “*civilitas*”, em latim, refere-se ao conceito de civilidade, cidadania ou conduta civilizada (cidadã). No contexto do texto acima, está sendo usado para denotar a habilidade dos imperadores em se envolver de maneira adequada nas questões cívicas, ou seja, em agir de forma civilizada e de acordo com as expectativas sociais em relação ao comportamento apropriado para um governante. O conceito, portanto, estava diretamente relacionado à identidade romana e à ideia de romanidade (*romanitas*).

Entre os “bons” imperadores, um dos mais famosos é Marco Aurélio, que governou o Império Romano de 161 a 180 EC. O motivo para essa categorização é a aproximação do mesmo à filosofia estoica, além de seus pensamentos políticos, éticos e morais registrados na obra *Meditações*, uma coleção de pensamentos do imperador. Por mais que Galeno, seu médico, não tenha sido citado diretamente no texto, muitos ideais se assemelham na escrita dos dois, como veremos.

A obra *Meditações* é um texto diferenciado, pois não foi escrito com a intenção de ser lido. É como um diário ou livro de reflexões, autocríticas e confissões que acabou sendo preservado após a morte do imperador no ano de 180 e publicado no século XVI. O tradutor da obra para o português, Edson Bini, acredita que Marco Aurélio não tenha sido um filósofo estoico, mas um *estoico*, pois levava essa filosofia como base para as atitudes práticas de sua vida (BINI, 2019, p. 9).

Bini (2019, p. 11) sintetiza a postura filosófica de Marco Aurélio em três pontos principais: a prática das virtudes, a devoção religiosa e obediência às leis, e a observação do interesse da comunidade, não o individual.

No livro I de *Meditações*, Marco Aurélio agradece a várias pessoas, entre familiares e amigos, por motivos diferentes. Com Sexto por exemplo, um filósofo de sua época, ele considera ter herdado o modelo da família conduzida pela *autoridade paterna*; e a concepção de uma vida de acordo com a natureza. Sexto era alguém que não manifestava jamais ira ou alguma outra paixão, virtude pela qual também é homenageado na obra (*Meditações*, 1, 9). Nesse ponto, percebemos a lógica de poder relacionada a ação masculina na família, além de o elogio às atitudes moderadas, a educação e calma sem cair em “paixões” ou as tentações dos prazeres.

De seu pai, ele diz ter herdado diversas características boas, mas uma que resume a maioria das outras seria que aprendeu a trilhar o caminho da moderação, ser forte, constante e sóbrio. Conseguir manter-se nesse estado seria a qualidade de um homem de “alma íntegra e imbatível” (*Meditações*, 1, 16). Novamente a moderação surge como um dos tópicos principais na reflexão do imperador Marco Aurélio.

Em seguida, não conseguimos observar uma explicação direta para a ligação no que ele escreve sobre a geração de filhos, mas, indiretamente, percebe-se que ele apresenta a vida moderada como responsável por garantir crianças saudáveis. Ele agradece aos deuses o encontro com Lúcio Vero, pois sua conduta moral o teria estimulado a cuidar de si mesmo, e “foi graças a eles [os deuses] que não gerei filhos naturalmente inaptos nem com deformidades no corpo” (*Meditações*, 1, 17).

No segundo livro percebemos que Marco Aurélio escreve como se estivesse sugerindo comportamentos a si mesmo, fazendo críticas a tudo que ele considera desviante e mau:

Pensa firmemente a todo instante, como romano e homem, em realizar o que tens nas mãos com dignidade – ao mesmo tempo, estrita e sincera -, ternura, liberdade e justiça; ademais, confere a ti mesmo repouso no que se refere a todas as demais ideias. [...] De fato, a pessoa impulsionada pela cólera parece ser desviada da razão e experimentar certa dor e uma contração; aquela, porém, que comete o erro por desejo parece, de algum modo, mas desregrada e mais feminina nos erros, uma vez que subjugada pelo prazer (*Meditações*, 2, 5-10).

No trecho destacado acima, ele propõe a atitude esperada de um *homem romano*, ao mesmo tempo em que atribui a atitudes sem razão, ou guiadas pelo desejo, ao *feminino*. Neste trecho das *Meditações*, o imperador romano está delineando um conjunto de princípios para viver uma vida virtuosa e equilibrada. Ele demonstra o ideal de manter uma atitude de constante reflexão, agindo de acordo com os ideais de dignidade, ternura, liberdade e justiça, tanto como cidadão romano quanto como ser humano em geral.

A instrução para “realizar o que tens nas mãos com dignidade” sugere a importância de agir de maneira íntegra e respeitável em todas as atividades e responsabilidades que se tem. Isso implica em ser rigoroso e sincero consigo mesmo na execução dessas tarefas. Quando Marco Aurélio menciona “conferir a ti mesmo repouso no que se refere a todas as demais ideias”, ele está aconselhando a não se deixar distrair por preocupações desnecessárias ou por tentações de desvio moral. Isso sugere a importância da foco e da concentração naquilo que é verdadeiramente relevante e virtuoso.

Ao comparar as emoções da cólera e do desejo, ele ressalta que a cólera desvia a pessoa da razão, enquanto o desejo a torna mais propensa a cometer erros, enfatizando uma visão estoica da racionalidade e autocontrole sobre as emoções. A referência à feminilidade nos erros cometidos pelo desejo é uma metáfora que sugere uma fraqueza ou falta de controle associada ao desejo, em oposição à força e racionalidade que Marco Aurélio advoga como características virtuosas.

Ainda na temática dos desejos com desviantes, ele escreve que não se deve pensar em algo que não possa ser explicado ao outro num instante, sem se envergonhar. Não “ceder em absoluto aos prazeres e às fantasias voluptuosas, livre do gosto pelas disputas, pela inveja e pela suspeita” demonstraria ao outro que é um ser sincero e benevolente (*Meditações*, 3, 4). Alguém capaz de manter a moderação em seus comportamentos seria uma pessoa das melhores, “não contaminada pelos prazeres, invulnerável a todo sofrimento, livre de todo excesso, indiferente a toda maldade; um atleta da mais nobre das lutas, capaz de não se deixar vencer por quaisquer paixões [...]” (*Meditações*, 3, 4).

Marco Aurélio está delineando as características de um ser humano virtuoso, comprometido com a moderação e a excelência moral. Ele destaca a importância de evitar os prazeres sensuais e as paixões desenfreadas, bem como de se afastar das disputas, invejas e suspeitas, que são consideradas formas de corrupção moral. Ao abster-se dos prazeres voluptuosos e das disputas mesquinhas, Marco Aurélio argumenta que a pessoa demonstra sinceridade e benevolência para com os outros, estando mais focada em uma vida de virtude do que em indulgências pessoais.

Ele descreve aquele que mantém a moderação como alguém dos melhores, pois essa pessoa é capaz de resistir aos excessos e permanecer invulnerável ao sofrimento causado pelas paixões descontroladas. Essa moderação também a torna livre de influências malévolas e capaz de permanecer indiferente a comportamentos malignos.

Ao se referir a essa pessoa como um “atleta da mais nobre das lutas”, Marco Aurélio destaca a ideia de que a busca pela virtude é uma batalha constante que requer esforço e comprometimento. A pessoa virtuosa é descrita como alguém que enfrenta essas paixões e tentações com coragem e determinação, buscando sempre se elevar acima delas. Em resumo, Marco Aurélio está defendendo a moderação, a virtude e a autocontenção como princípios essenciais para alcançar uma vida plena e ética. Ele vê essas qualidades como fundamentais para cultivar relacionamentos saudáveis, manter a integridade pessoal e alcançar a verdadeira felicidade.

Fazendo críticas a alguns comportamentos no livro quatro de *Meditações*, Marco Aurélio mais uma vez os associa ao feminino: “Caráter negativo, caráter feminino, caráter obstinado, selvagem, pueril, covarde, desleal, charlatanesco, de pequeno mercador, tirânico” (*Meditações*, 4, 28). É importante contextualizar essa passagem dentro da época e cultura em que Marco Aurélio viveu, onde as ideias sobre gênero eram diferentes das atuais e refletiam os preconceitos e estereótipos da sociedade antiga. Nesse trecho específico das *Meditações*, Marco Aurélio parece usar uma linguagem que, do ponto de vista moderno, pode ser interpretada como sexista ou depreciativa em relação às mulheres.

Ele lista uma série de características negativas, associando-as ao que ele chama de “caráter feminino”. É importante notar que, em sua época, havia uma percepção cultural de que as mulheres eram emocionalmente instáveis, irracionais e, portanto, menos capazes de exercer autoridade ou liderança. Esses estereótipos eram comuns na filosofia e na literatura da Antiguidade.

No entanto, é essencial interpretar essa passagem dentro do contexto histórico e cultural em que foi escrita. Embora possa parecer ofensivo aos padrões contemporâneos, é fundamental

reconhecer que Marco Aurélio foi um produto de sua época e que suas opiniões refletiam as normas sociais predominantes no contexto. Como em qualquer obra antiga, é importante abordar essas passagens com uma compreensão crítica, reconhecendo os preconceitos históricos e interpretando-as à luz do contexto cultural e filosófico em que foram escritas.

Há uma resistência física, e não só mental para manter-se no caminho de sobriedade sugerido por Marco Aurélio. Ele menciona no livro sete da mesma obra que estamos analisando que “é preciso que o corpo tenha também sua firmeza e consistência, que não seja frouxo em seus movimentos nem em sua postura” (*Meditações*, 7, 60). Ele está enfatizando a importância do equilíbrio entre o corpo e a mente para alcançar uma vida virtuosa e plena. Ao mencionar que o corpo precisa ter “firmeza e consistência”, ele está sugerindo que a saúde física e a disciplina corporal são igualmente importantes para o bem-estar geral e o desenvolvimento pessoal.

Marco Aurélio expressa uma visão cosmopolita e universalista, fundamentada em princípios estoicos, que enfatizam a conexão e interdependência entre todos os seres humanos. No livro doze, o último da obra, ele desafia a ideia de que o parentesco e a pertença a uma comunidade se limitam ao vínculo sanguíneo ou biológico, argumentando que o verdadeiro elo que une os seres humanos é a comunidade da inteligência ou da razão. Ao afirmar que "o parentesco a vincular o ser humano ao gênero humano em sua totalidade não é determinado pelo sangue nem pelo sêmen, mas por uma comunidade da inteligência" (*Meditações*, 12, 26), Marco Aurélio está destacando que a verdadeira essência da humanidade reside na capacidade de raciocinar e na busca pela sabedoria, em vez de em laços biológicos ou familiares.

Ele prossegue enfatizando que a fonte dessa inteligência é divina, sugerindo uma conexão com a ideia estoica de que a razão é uma parte intrínseca da ordem cósmica e que todos os seres humanos são dotados dela. E como nossa inteligência e vida emanam dessa divindade comum, nada pertence exclusivamente a nós como indivíduos. Ele sugere que devemos reconhecer a interdependência de todas as coisas e adotar uma atitude de desapego em relação às possessões materiais e às identidades pessoais (*Meditações*, 12, 26). Ele está chamando à reflexão sobre a natureza da existência humana e a importância de agir em harmonia com os princípios universais da razão e da divindade.

3.3 O MELHOR MÉDICO É TAMBÉM UM FILÓSOFO

As influências de Galeno são complexas e plurais, sejam médicas ou filosóficas. Ele valorizava o pensamento e a teoria tanto quanto o empirismo da prática médica. Segundo Nutton

(2017), a filosofia esteve em relação direta com a medicina por séculos. Entre as numerosas temáticas para as quais Galeno volta sua atenção, estão, por exemplo, reflexões filosóficas, estudos linguísticos sobre a lógica das preposições, a fisiologia e a anatomia dos diversos sistemas do corpo humano e os procedimentos dos médicos frente aos doentes. Galeno recomendava constantemente a observação e a experiência empírica da prática médica, mas ainda tinha “a firme convicção de que ninguém poderia ser um bom médico sem um fundamento filosófico” (NUTTON, 2017, p. 375-376).

Assim como defende Singer (1997, p. VIII), tomamos como impossível olhar para Galeno com um viés histórico sem entender que áreas de atuação não se dividem igualmente na Antiguidade, e nele coexistem o filósofo e o médico. Mas, para isso, precisamos compreender a formação filosófica e médica de seu período.

O texto que nos ajuda a entender essa relação em Galeno se chama *O melhor médico é também filósofo*, de sua própria autoria. Esse pequeno texto é composto por quatro capítulos, na extensão de um parágrafo cada um. Seu primeiro capítulo apresenta uma introdução do que ele pretende discorrer e a problemática que motivou a sua elaboração. Galeno se preocupava com a deficiente formação dos médicos de sua época e, por isso, pretende defender uma sólida formação filosófica como uma necessidade para que os estudiosos da medicina se tornem bons médicos. Ainda no primeiro capítulo, Galeno compara muitos médicos a atletas que perdem nas olimpíadas pois não se dedicam, os mesmos médicos que elogiam Hipócrates, mas põe em prática seu exemplo:

Assim como muitos atletas se saem mal quando desejam vencer as olimpíadas e não se dedicam a fazer nada para conseguir, assim também são muitos médicos. Eles falavam sobre Hipócrates e o consideravam o melhor de todos, mas fazem tudo menos tentar parecer com ele. Na verdade, Hipócrates diz que a astronomia e obviamente a geometria contribuem para a medicina que, por necessidade, é a guia daquela; mas eles não se ocupam com nenhuma das duas (K 53)³.

Além dessa falha na educação dos médicos, Galeno observa questões que seriam essenciais para a atuação dos mesmos, mas que também não recebiam a devida atenção, em sua opinião:

Aliás, ele (Hipócrates) considera conveniente saber detalhadamente a natureza do corpo, uma vez que afirma que tal é o início de todo estudo médico; mas eles estão tão interessados nisso, eles não sabem a essência de cada uma das partes do corpo, nem sua estrutura, nem sua forma, nem seu tamanho, nem a relação com os órgãos vizinhos e, nem mesmo, sua posição (K 54).

³ A letra K é geralmente utilizada quando nos referimos à edição clássica das obras de Galeno no original: Kühn, C.G., *Opera omnia*, 20 vols. Leipzig, 192 -1833, no trecho comparado ao da tradução utilizada, em nosso caso, a de língua espanhola.

No segundo e no terceiro capítulos, Galeno desenvolve a argumentação sobre a atuação ideal dos médicos, além das matérias que deveriam compor sua formação intelectual. Segundo Galeno (K 55), “mesmo que todos o admirem [Hipócrates], não leem seus tratados nem, ainda que algum os leia, não os entende, e mesmo que tenha entendido, na prática vai contra a teoria querendo, no entanto, consolidar-se como médico e alcançar êxito”. Assim, os médicos de sua época, não saberiam valorizar e aproveitar os ensinamentos de Hipócrates. Além de possuírem uma educação deficiente, aos homens faltaria a boa vontade e o respeito pela ciência médica, segundo ele pensava. Além disso, muitos médicos colocariam os seus desejos por lucro antes do compromisso de servir outras pessoas, como demonstra no trecho destacado a seguir:

É razoável que hoje ninguém nasça como Fídias entre os escultores, como Apeles entre os pintores ou como Hipócrates entre os médicos, por causa de uma educação tão miserável quanto a que homens de agora recebem e por que a riqueza é apreciada mais que a virtude (K 57).

No terceiro capítulo, além de recomendar o que o médico conheça os aspectos geográficos e naturais de onde vivem seus pacientes, seguindo os princípios de Hipócrates, Galeno faz algumas outras recomendações comportamentais relativas à vida desses mesmos médicos, sobre as quais destacamos o trecho a seguir:

[...] portanto, não é apenas necessário que, para ser um bom médico, despreze a riqueza, mas também que se torne extremamente trabalhador. Na verdade, é altamente improvável que um bêbado, um glutão, alguém dado os prazeres de Afrodite ou, em suma, um escravo do sexo e da gula seja trabalhador (K 59).

Para Galeno, o verdadeiro médico então, se reconhece como um amigo da moderação e um camarada da verdade. Pensamos que esse aspecto seja essencial para refletirmos sobre nosso objeto de pesquisa, pois as questões de gênero e as reflexões de Galeno sobre os corpos de homens e mulheres, estarão ligadas à essa ideia de moderação, uma vez que um regime de cuidados por parte dos progenitores é ideal para a boa formação do feto, que pode ou não vir a ser um bom cidadão, dependendo também das variáveis de comportamento daqueles que possibilitaram sua vida.

Ademais, para Galeno era necessário que se cultivasse o método científico para saber quantas eram todas as doenças de acordo com sua espécie gênero, e há de se tomar uma certa indicação curativa para cada uma delas (K 59-60).

Segundo o próprio Galeno, para que o médico fosse um bom médico, ele teria que ter todas as características trabalhadas acima e, para isso, ser um pesquisador disciplinado, que confrontasse na sua prática tudo aquilo que fizesse parte de sua formação teórica. Assim, o médico que exercitasse sua ciência considerando esses preceitos possuiria todas as qualidades

de um filósofo (a lógica, a física e a ética) (K 60). Portanto: “Se a filosofia é necessária para os médicos para sua aprendizagem desde o princípio e sua posterior prática, é evidente que quem é um verdadeiro médico é, sem dúvida, também um filósofo.” (K 61). Assim, segundo o médico, “aqueles que não seguem determinados princípios e que não usufruem da filosofia para um correto exercício da arte médica se tratam de gananciosos e boticários, mas não médicos” (K 61).

A conclusão necessária de tudo isso é que os médicos precisam de filosofia para o correto exercício da medicina. O capítulo final da obra em questão corresponde a síntese e a conclusão de uma discussão. Ali se faz um uma contagem das evidências e provas que já foram apresentados para justificar a opinião do autor e conclui a discussão, pedindo ao leitor que, se ele já tiver aceitado que o médico deve ter um espírito moderado, deve conhecer a natureza, utilidade função das diferentes partes do corpo e deve se exercitar na teoria científica, necessariamente terá que admitir que um bom médico também um filósofo. Como vemos, apresenta explicitamente no texto sua ideia sobre a estima em que a filosofia deve ser mantida e a enorme importância de um treinamento sólido nessa área de conhecimento.

Na recuperação do estado da arte a respeito dessa obra específica de Galeno, realizada em 2018 por Sussumo Matsui (2018, p. 28), foi percebido que o verdadeiro propósito desse pequeno tratado pode ser observado de diferentes ângulos. Assim, Luis Garcia Ballester (1972, p. 54) defende que o presente escrito foi dedicado ao problema do lugar que a lógica e a filosofia ocupam na formação do médico. Já Margherita Isnardi-Parente (1961, p. 257-296) afirma que o motivo desse escrito se revela na polêmica contra os “novos médicos”. Begoña Usobiaga (1976, p. 133-151), por sua vez, alega que essa obra possui características de um discurso sofisticado, destinado aos estudantes de medicina e, possivelmente, pronunciado em Roma. Lloyd (1991, p. 398- 417), Vegetti (1994, p. 1673-1717) e Manzano (2002, p. 69) sustentam que o alvo de Galeno é apresentar a si mesmo como um modelo de bom médico. O próprio Matsui propõe analisar este ensaio como o próprio médico o compreendia: uma dissertação sobre Hipócrates, como descreve em sua obra *Sobre meus próprios livros (Libris propriis)*. Na visão de que, talvez, esse texto seja mais uma das defesas de Hipócrates feitas por Galeno, faz sentido recuperarmos que, muitas vezes em Roma, existiu um ambiente hostil à medicina grega e a Hipócrates, ao menos em termos de debates médicos (MATSUI, 2018, p. 31). Galeno também se defende de alguns insultos diretos em suas obras, não cabendo enunciá-los aqui. Para o mesmo autor citado acima:

[...] o médico de Pérgamo defende que Hipócrates deve ser imitado, devido ao fato de nele se encontrar as características de um médico filósofo. Essa atitude mimética deve

abranger os *âmbitos* da lógica, da física e da ética; aproximando-se assim da divisão da Escola de Alexandria (MATSUI, 2018, p. 35).

Nas obras de Galeno sempre devemos levar em conta a boa retórica do autor, citando Hankinson (2008, p. 24):

[...] Não há dúvidas de que ele é o herói de sua própria história; e sem dúvida que Galeno às vezes deturpa as posições de seus oponentes, a fim de aguçar suas crítica e para enfatizar suas diferenças em relação a eles. Mas a extravagância retórica não implica falsidade como alguns aparentemente supõem; nem é dúvida que os textos de Galeno são retóricos; sem dúvida que ele é o exagero, invariavelmente, um pecado capital. Galeno viu a si mesmo, sem dúvida em termos de auto-engrandecimento, como um homem em uma missão heróica para resgatar a medicina, e a ciência em geral, de sua decrepitude degenerada.

Como já foi possível perceber, Galeno possui uma constante preocupação em aplicar virtudes como “justiça”, “moderação”, “verdade” à medicina, e “o próprio conceito de “saúde” em sua obra se torna uma questão moral. O conceito de simetria e equilíbrio é vital para se manter saudável. Acrescenta-se que o paciente também deve ser filósofo, ou seja, temperante e virtuoso” (MATSUI, 2018, p. 30). Isso faz parte do que pretendemos abordar no terceiro capítulo desta dissertação, a respeito de como a arte da medicina se torna um regime de cuidado do corpo. A noção de dieta ou regime, no mundo antigo, se refere não apenas a comidas e bebidas, mas também aos banhos, massagens, exercícios físicos e ao clima. Como vimos, Galeno relaciona o comportamento ideal dos médicos de sua época ao que podemos considerar como “virtudes hipocráticas”. Foram referenciados anteriormente “amor ao trabalho (*philoponon*) e à moderação (*sophrosynes philos*), o companheirismo da verdade (*aletheias hetairos*), autodomínio (*egkrates*), justiça (*dikaion*) e domínio sobre as riquezas (*chrematon kreittona*)”. No entanto, segundo Matsui (2018, p. 36), “essas virtudes não se encontram no *Corpus hippocraticus* – a propósito, Galeno não faz citações literais desses tratados nesse momento” e ao que parece, “ele as busca em Platão e no platonismo” (MATSUI, 2018, p. 36). Mesmo não sendo assunto de nosso interesse especial aqui, cabe dizer que existiu uma “idealização de Hipócrates” que perdurou por dezesseis séculos até ser desconstruída no século XIX por Sigerist (1961, p. 74), o qual afirmou que a única coisa certa que se pode dizer sobre Hipócrates é que ele existiu. Não obstante, a mensagem de Galeno demonstra a supremacia da filosofia diante das *technai* – ou artes – e, ao mesmo tempo, que estas conferem significado àquela. Além disso, e mais importante, o ensinamento da obra atesta que, naquele momento, não poderia haver medicina sem moralidade (MATSUI, 2018, p. 37).

Ao longo de seus aproximados oitenta anos de vida, Galeno de Pérgamo realizou um extenso trabalho de interpretação do *Corpus hippocraticum*, sobre o qual ele expôs seus acordos

e desacordos, além de selecionar os textos que acreditava fidedignos de Hipócrates, como já comentamos. A vasta documentação escrita por Galeno representa um esforço de relembrar e, ao mesmo tempo, discutir e criticar os tratados hipocráticos e os textos de Platão e de Aristóteles, entre outros autores. Ao longo deste capítulo, relatamos as múltiplas influências médico-filosóficas na vida de Galeno, assim, não nos parece possível aqui delimitá-lo como seguidor de alguma corrente filosófica específica de seu período. Apesar disso, é notável que sua ênfase em recomendar a moderação em diversos setores da vida o remeta a um pensamento filosófico estoico, muito em voga em seu período, além de ser a linha filosófica de pensamento de Marco Aurélio, o imperador filósofo, e aquele de quem Galeno estava muito próximo e era responsável pela manutenção da saúde. Sobre o sentido moral do tratado de Galeno apresentado, e de maneira geral, citamos Liliana González (2012, p. 266) que afirma:

[...] os tratados morais correspondem ao tipo de discurso segundo o qual a filosofia é uma forma de vida e exige um compromisso com certos parâmetros de ascese e exercício da alma. Deste ponto de vista a filosofia não é um conjunto de doutrinas que devem ser ensinadas e transmitidas por meio de discursos que seriam assumidos acriticamente. Esta atitude é coerente com a reticência de Galeno a pertencer a uma seita ou escola determinada; e com o ecletismo que caracteriza sua relação com a tradição filosófica. O diálogo crítico que se empenha com a tradição da qual se nutrem seus escritos, explica que nestes tratados Galeno fale como um estoico romano, sem descuidar do propósito orientador de sua investigação sobre a fisiologia do corpo e as faculdades da alma: encontrar as pautas adequadas para a educação de nossa faculdade racional; mas sem negar que haja outras funções próprias e distintas de nossa natureza, como a capacidade de desejar e de experimentar emoções. Há um mundo de possibilidades para os estudos filosóficos em Galeno, pois, além de possuir tratados diversos com variados assuntos de interesse, o médico dialoga com muitos autores antigos, entre críticas e concordâncias.

Quanto ao pensamento filosófico de Galeno, é preciso ter um olhar atento para cada passagem que nos propormos analisar, pois nem sempre ele segue em uma única linha de pensamento. Como já mencionamos, muitas vezes Galeno aproveita as partes que considera mais interessante, seja do pensamento aristotélico, seja do pensamento platônico, entre outros. Porém, é interessante observar que esses grandes filósofos são sempre recuperados quando Galeno quer apresentar o que ele considera como os princípios gerais que regem a vida humana além dos elementos físicos da natureza, temática bastante presente na filosofia desde os primeiros filósofos gregos (LLOYD, 2008, p. 43). É interessante mencionarmos as contrariedades que Lloyd encontra entre Galeno e alguns dos principais autores que ele cita:

Platão nunca é colocado como o “guia de Galeno em tudo que é bom” (como o é Hipócrates) e ocasionalmente é criticado, por exemplo, por suas opiniões sobre o sangue e os humores em geral, é claro que em questões importantes, como a teleologia, Galeno está preparado para aproveitar ao máximo a autoridade do nome de Platão para apoiar as posições que ele mesmo defende. O caso é semelhante com Aristóteles, embora atraia mais críticas em questões como a sua visão equivocada de que o coração

é o centro do controle do corpo.

Lloyd (2008, p. 43) também menciona os filósofos que aparecem puramente para serem refutados, como os atomistas e epicuristas, e em termos filosóficos, próximo ao Metodistas “o maior alvo da zombaria e desaprovação de Galeno seriam os cétricos, tanto acadêmicos quanto pirrônicos”. Aqui também não se diferencia muito o que ocorria no debate com as seitas/escolas médicas: Ele pode ser tão polêmico em refutar tanto a filosofia natural, as opiniões psicológicas e até morais das quais ele discorda, como na rejeição de teorias médicas e práticas (LLOYD, 2008, p. 43).

Ainda conforme Lloyd (2008, p. 45):

Galeno estava certamente tão preocupado com sua própria reputação como filósofo e por sua fama como um médico. Ele poderia ser tão agressivo no debate com filósofos quanto ele poderia ser com rivais médicos. No entanto, com alguns de seus pacientes de elite e patronos ele se controlava. A importância de manter e desenvolver relações com os ricos e poderosos nessas instâncias atuou como uma influência restritiva, de outra forma ele raramente perdia uma oportunidade de demonstrar a superioridade de suas próprias opiniões e práticas.

González (2011, p. 263) o caracteriza como herdeiro e interlocutor crítico da tradição filosófica e médica que o antecede (Platão, Aristóteles, Crisipo; Hipócrates, Herófilo, Erasístrato); e como uma referência necessária, ainda que criticada, para compreender os problemas que foram objeto do estoicismo antigo. Além disso, a autora supracitada tece críticas para muitas das análises gerais sobre o estoicismo e nega que essa doutrina defenda uma “eliminação do desejo”. O mais correto seria dizer que há uma “modificação dos juízos de valor nos quais o desejo e a paixão têm seu sustento (GONZÁLEZ, 2011, 266-267):

De nossa perspectiva, nem Sêneca⁴ nem Galeno tentam arrancar as paixões da alma, mas encontrar uma forma que possamos nos relacionar de modo diferentes com as vértebras da paixão: nos referimos ao desejo de prazer e medo da dor, dois aspectos que compartilhamos com outros animais, mas que adquirem maior grau de complexidade em nós devido a nossa capacidade linguística para registrar, expressar e lembrar nossas experiências. Sêneca considera as paixões como opiniões faltas sobre bem e mal devido a nossa inclinação natural ao prazer e a o nosso medo da dor; e Galeno considera as paixões como impulsos naturais não racionais que temos em excesso, e falta proporção, mas que podem ser comandadas por uma razão treinada na vigilância e na medida das paixões e a restrição do excesso que tende naturalmente o desejo.

Segundo Renata Cerqueira Barbosa, o estoicismo teorizado por Crisipo (272-, tinha uma visão panteísta do mundo. Para ele, este era governado pela providência ou divina razão.

⁴ Um dos primeiros representantes da filosofia estoica no Império Romano. Em termos de apresentação geral, o estoicismo pregava a moderação em diversos âmbitos da vida, ainda que suas nuances divergissem conforme o filósofo. Esse tipo de concepção moral aparece em Sêneca, e influencia o médico em análise. Segundo Liliana González “as coincidências das pautas terapêuticas de Sêneca e Galeno permitem situar os tratados morais do médico no âmbito das doutrinas estoicas romanas sobre o tratamento das paixões” (GONZÁLEZ, 2011, p. 280).

Segundo essa explicação, se o homem conhecesse e compreendesse as leis que o regem, e as seguisse, este seria feliz. O conhecimento é necessário para ser feliz, “e ser sábio é ser feliz e virtuoso. O homem sábio está livre de afetos e paixões e é temente a Deus” (BARBOSA, 2016, p. 163). A sabedoria estoica envolve a libertação das emoções exacerbadas, o que resulta em uma vida de tranquilidade e virtude. Junto com o epicurismo, Barbosa considera o estoicismo como um dos sistemas filosóficos mais evidentes no período helenístico, enquanto no período imperial ele continuou sendo adotado por muitos, sendo evidente na obra de Sêneca e Marco Aurélio (BARBOSA, 2016, p. 170).

Apesar do ideal considerado e apresentado por Galeno, nem todos nascem dotados da mesma possibilidade de serem virtuosos, “alguns são naturalmente tão virtuosos a ponto de serem capazes de resistir a influências corruptas, enquanto outros são tão perversos por natureza que nenhuma quantidade de educação moral decente e exemplar pode torná-los bons (HANKINSON, 2008, p. 21). Galeno, ainda segundo Hankinson (2008, p. 23):

[...] Dá grande importância à virtude moral, acreditando (ou pelo menos professando acreditar) que é apenas curando-se sistematicamente da tendência ao luxo e ao vício que nós teremos qualquer perspectiva de fazer qualquer coisa que valha a pena na vida.

Sabendo disso, o que foi até aqui apresentado derivou de nossas questões a respeito do conhecimento e prática médica e sua relação com o pensamento filosófico, não apenas no pequeno tratado trabalhado, mas em outras obras de Galeno. Como afirma Schaps (2011, p. 297), “os antigos não possuíam uma palavra para “ciência” com o sentido de agora; o estudo do mundo físico era uma parte da filosofia, na qual física, metafísica, ética, astronomia e astrologia viviam confortavelmente juntas”. É – e ainda será – instigante refletirmos a respeito do exercício da medicina em Roma, num mundo em que “não haviam licenças para médicos e nenhuma distinção clara entre curandeiros profissionais e amadores” (SCHAPS, 2011, p. 305).

De Platão e Aristóteles aos vários médicos alexandrinos, podemos ver que Galeno não utiliza o conhecimento de forma pronta e acrítica, e sempre acresce sua individualidade nas análises e práticas médicas que realiza. Para entendermos qualquer temática que seja em seus tratados – sendo que é uma preocupação historiográfica com elementos de *gênero* que nos ocupa – é necessária uma noção sobre sua intensa base filosófica, que nos guia a fim de compreender suas interpretações e visões de mundo, além das recomendações sobre maneiras de viver que Galeno fazia não apenas para seus alunos e para médicos (como vimos), mas para o meio em que ele esteve presente por muitos anos em Roma: a elite imperial e os próprios imperadores.

4 O GÊNERO E O CORPO SEXUADO NA MEDICINA DE GALENO

4.1 AS DIFERENÇAS ANATÔMICAS DE HOMENS E MULHERES EM *SOBRE O USO DAS PARTES*

De acordo com Mercedes Salvá (2010, p. 7), tradutora e introdutora da obra *Sobre o uso das partes*, de Claudio Galeno, o mesmo a escreveu para fixar os ensinamentos sobre anatomia e fisiologia que obteve com seu amigo e protetor Flávio Boeto, quando este foi para a Palestina se tornar governador. O Livro I da obra, ele escreveu entre os anos 164 e 166 e o restante entre 169 e 175, quando já tinha “adquirido grande experiência e perícia com a prática de dissecações.” Durante esse mesmo período, Galeno escreveu a obra já mencionada e também *Procedimentos anatômicos*, juntas as duas são obras magistrais sobre anatomia e fisiologia e, segundo Salvá (2010, p. 7), suas escritas foram se alternando, já que ambas as obras citam uma a outra.

A tradução de Salvá que utilizamos tem como título *Del uso de las partes*, nome que foi pensado por ela a partir do latim *De usu partium*. De acordo com Salvá (2010, p. 9), esse título “foi consagrado pelo latim e endossado pela tradição médica”. *Peri chreías moríon* seria o título grego para *Sobre o uso das partes*, título que utilizaremos em português. Segundo a tradutora, costuma-se utilizar a palavra *função* quando estamos falando em utilidade, e o próprio Galeno, nesta obra, define o que escreverá sobre como *euchrestía*, ou “utilidade”, e define “parte” como “algo com contorno próprio mas que em algum ponto é contínuo com o todo” (SALVÁ, 2010, p. 9). Em Galeno: “[...] A ação de uma parte é diferente de sua função, como também disse antes, por ser a ‘ação’ movimento ativo e a ‘função’, o mesmo que a maioria chama de ‘utilidade’” (DUP, XVII, 346).

O objetivo dessa obra de Galeno é “demonstrar que cada parte do corpo humano tem uma estrutura adequada a sua função na economia do corpo inteiro (XV 1, IV 218K y XVII 1, IV 347K)”.

[...] não se pode encontrar nele [no corpo] nenhuma parte que seja supérflua ou deficiente, que deva ser mudada de lugar ou que necessite ser formada de outra maneira [...] todas estão ordenadas em alto grau, de acordo com a função específica de cada uma (DUP, XV, 212).

De maneira geral, ao longo dos dezessete livros dessa grande obra, Galeno relaciona a alma com a função de cada parte do corpo e defende que, se nosso corpo difere do dos animais é porque também diferimos em alma, “pois o corpo está adaptado ao caráter e faculdades da

alma. Para Galeno, a forma e a função das partes não são senão manifestações da natureza e expressão do perfeito desenho do ser vivo (SALVÁ, 2010, p. 9-10), como podemos perceber diretamente em *Sobre o uso das partes*: “A função de todas elas [partes] está ao serviço da alma, pois o corpo é instrumento da alma e por ela as partes dos animais se diferenciam muito umas das outras porque também se diferenciam suas almas” (DUP, I, 2).

Ainda que muitas vezes Galeno compare e dê exemplos a partir do mundo animal, o que ele descreve nessa obra é a anatomia e fisiologia do corpo humano. Assim, ao longo dos diversos livros, Galeno está interessado em estudar especificamente o ser humano que, segundo ele, se difere dos outros animais por ser um “ser racional e sociável, capaz de criar um mundo, relacionar-se, refletir e dedicar-se as artes” (SALVÁ, 2010, p. 11). Vejamos os exemplos de Galeno para essa explicação:

Alguns animais são ferozes e outros covardes, alguns são selvagens e outros mansos, uns, por assim dizer, são sociáveis e trabalhadores e outros solitários. Em todos, por efeito, o corpo é adequado as faculdades e hábitos de sua alma. A do cavalo está adornada com uma crina e fortes cascos, pois é um animal orgulhoso, veloz e sem falta de coragem; a força do leão, feroz e poderoso, está em seus dentes e garras; assim também o touro e o javali tem como defesas naturais, em um os chifres e em outro as presas. O cervo e a lebre, animais covardes, têm um corpo veloz mas totalmente nu e sem nenhuma defesa. Pois a velocidade, penso, convinha aos covardes e as defesas, aos poderosos. A natureza, por efeito, não armou o covarde, nem deixou nu o poderoso. Ao homem, contudo, animal inteligente e o único divino sobre a terra, em vez de lhe dar todo tipo de armas defensivas, o dotou com as mãos, instrumento necessário para todas as artes, de paz mais do que de guerra. [...] em ser o homem um animal sociável e pacífico, com suas mãos não apenas escreve leis, erige altares e estátuas aos deuses e ainda constrói navios e faz flautas, liras, bisturis, pinças e todo tipo de instrumentos técnicos e artísticos, e em seus escritos deixa comentários teóricos sobre ele. E graças aos escritos realizados com as mãos é possível para ti [leitor], ainda hoje, conversar com Platão, Aristóteles, Hipócrates e os demais homens da Antiguidade (DUP, I, 2-4).

O que justifica essa diferença humana, segundo Galeno, seriam as extremidades e o cérebro e “sobre as primeiras dedica os primeiros livros. Os seguintes livros, ele distribui de acordo com as três principais cavidades do corpo: abdominal, torácica e craniana, de acordo com sua concepção tripartida do corpo humano. (SALVÁ, 2010, p. 11).

Dividindo os conteúdos da obra *Sobre o uso das partes* conforme estão distribuídos nos livros, temos: os livros IV e V tratam do estômago, fígado, vesícula biliar, baço, intestinos e rins; os livros VI e VII tratam do coração, pulmões, esôfago, traqueia e órgãos da fala; nos livros VIII ao XII, ele trata de todos os órgãos relacionados a cabeça; a segunda metade do livro XII e o livro XIII tratam dos ombros e coluna vertebral; os livros XIV e XV – que tratamos como foco desta dissertação – são sobre os órgãos de reprodução e o quadril; o livro XVI fala sobre nervos, veias e artérias e o livro XVII resume alguns pontos, encerrando a obra.

Sobre a forma como Galeno formulou seu conhecimento sobre o corpo humano,

podemos dizer que ela se relaciona com a filosofia e metodologia que ele prega, sobre a qual tratamos no Capítulo 1. Para Salvá (2010, p. 14):

[...] o médico formulou pela primeira vez¹ “de forma sistemática e a partir de um ponto de vista não teísta a doutrina do desenho inteligente que pode se observar no cosmos e que centrou nesse microcosmos que é o homem. [...] Para nosso autor, o estudo das partes do corpo humano revela que não são obra do azar e sim de uma inteligência criadora que as fez da melhor forma possível de acordo com o fim para os quais foram criadas. Para Galeno, essa inteligência criadora é a natureza, a que com frequência chama de “divindade criadora”.

Para adentrarmos no assunto deste subcapítulo, que é perceber como as diferenças entre o corpo do homem e da mulher e o gênero são construídos historicamente, e aqui especificamente no discurso médico-filosófico de Galeno, começaremos estabelecendo o que os órgãos de reprodução representavam para o médico. O médico apresentou esses órgãos, que basicamente incluem o que ainda consideramos como sistema reprodutor nos dias de hoje, e têm como finalidade a continuidade da espécie:

Três são os fins principais da natureza na formação das partes do animal, pois as criou ou para viver, como o cérebro, o coração e o fígado, ou para viver melhor como os olhos, os ouvidos ou o nariz, ou visando a continuidade da espécie, como as partes genitais, testículos e útero (DUP, XIV, 142).

Galeno classifica os órgãos reprodutores de acordo com sua utilidade, sua posição, tamanho e formas específicas e começa o Livro XIV descrevendo toda a região uterina e a relação do útero (e suas funções) com os seios femininos:

A natureza fez um único útero, mas não o fez com uma única cavidade, de outra forma nos cervos e em outros animais que deviam carregar muitos fetos criou muitas cavidades, ainda que no homem e em outros animais semelhantes a ele, visto que todo seu corpo é duplo, com uma direita e uma esquerda, assim também é dupla a cavidade do útero, uma situada na direita e outra na esquerda. A natureza, em previsão de que não desapareça nenhuma espécie de animal dos que pela debilidade de seu corpo estavam destinados a ter uma vida mais curta ou ao ser pasto dos mais fortes, encontrou para todos eles como um remédio a uma destruição contínua uma grande fecundidade. Isso é uma obra admirável da natureza e sei que te parecerá que está além de qualquer maravilha que o número de cavidades seja o mesmo que o das mamas [...]. Pois, assim como se formaram nas mulheres dois úteros que terminam em um colo, também se formaram dois seios, cada um como um bom servidor de seu próprio útero. Hipócrates, por efeito, dizia assim: ‘Se uma mulher grávida carrega gêmeos e um peito se seca, perde um em aborto: o varão seca o peito direito e a fêmea seca o esquerdo’. Esse ditado concorda com este outro: ‘Os embriões varões ficam no lado direito, as fêmeas no esquerdo’”. [...] quando as mulheres chegam na idade adulta e chega a hora das mesmas conceberem, os peitos incham, ao mesmo tempo que os úteros, até adquirirem o tamanho adequado, no qual ambos os órgãos se estabilizam, pois a tarefa dos úteros é receber o sêmen e levar o feto à sua perfeição, e a dos seios

¹ “Essa ideia de um agente organizador perdurou de Galeno a Darwin, [...] [que] com base nas observações que fez na expedição de quatro anos no Beagle para A Terra do Fogo e as Ilhas Galápagos, sob as ordens do Comandante Fritz Roy, foram as primeiras a refutar com argumentos bem fundamentados a ideia do criacionismo e do “design inteligente”, a favor da adaptação e seleção das espécies e, conseqüentemente, a favor de sua teoria da evolução” (SALVÁ, 2010, p. 15).

é nutri-lo quando nasce (DUP, XIV, 152-154).

O primeiro ponto crucial a respeito do corpo feminino e masculino na visão de Galeno é que o médico o tempo todo os descreve lado a lado, comparando-os. Na apresentação do tema já mencionamos, e agora retomamos, que a mulher é colocada como um ser mais frio do que o homem, que não teve calor suficiente para que seus órgãos saíssem para fora do corpo. Assim, a região do útero e dos ovários equivaleria aos órgãos reprodutores masculinos. A ideia de que a mulher era menos perfeita e mais fria do que o homem não é original de Galeno, e ele cita uma de suas referências para o assunto:

Aristóteles sabia bem que o feminino é muito mais imperfeito que o masculino, mas não chegou ao final de toda a sua argumentação, e ainda, em minha opinião, omitiu o que, por assim dizer, é o principal, que eu agora tentarei adicionar, estabelecendo como hipótese do meu discurso o que foi corretamente demonstrado por ele e ainda antes por Hipócrates, trabalhando eu mesmo no que falta para completá-lo (DUP, XIV, 157-158).

Galeno passa, então, a justificar as razões dessa imperfeição da mulher, descrevendo diferenças de temperatura que não são exatamente compreensíveis para nós leigos na arte médica, mas que eram um ponto central das explicações da medicina antiga:

A mulher é mais imperfeita que o homem por uma razão principal, porque é mais fria. Se, em efeito, entre os animais o quente é o mais ativo, o mais frio seria mais imperfeito que o mais quente. Há uma segunda razão, que se vê nas dissecações. [...] Todas as partes que os homens têm, as mulheres também têm, e entre eles há apenas uma diferença, que debes recordar de todo o discurso: que as partes das mulheres estão dentro enquanto as dos homens estão fora da zona chamada “períneo”. Imagina, em primeiro lugar, as que tu preferas, tire fora as (partes) da mulher e coloque dentro das do homem, e as encontrarás todas iguais (DUP, XIV, 159).

Em seu exercício retórico, Galeno continua propondo exercícios imaginativos aos seus leitores, comparando os órgãos femininos com os masculinos:

Imagina primeiro que as (partes) do homem voltadas para dentro e situadas na parte interior entre o reto e a bexiga. Se isso se sucedesse, o escroto ocuparia necessariamente a zona do útero e por fora de fora, dos dois lados, estariam situados os testículos, e o pescoço oculto até agora dentro do períneo, uma vez fora, resultaria ser o membro viril e a pele que está em seu exterior, que agora chamamos de “prepúcio”, se converterá na vagina. Imagina agora o contrário que o útero sai e se projeta para fora. Não será agora também necessário que os testículos vão para fora do útero e que o útero se converta em uma espécie de escroto situado em todo deles e que o pescoço que até agora estava oculto dentro do períneo e que agora está pendurada se converta no membro viril e que a vagina, que é uma epífise semelhante a pele desse pescoço, se transforme no chamado “prepúcio”? (DUP, XIV, 159).

O calor nos seres vivos é o que qualifica mais ou menos perfeição nos seres vivos. Como o homem possui calor em abundância ele é o ser mais perfeito de todos os animais, e portanto, mais perfeito que a mulher (DUP, XIV, 161). Como já mencionamos, para o médico aqui

estudado, a natureza faz as coisas da forma mais adequada possível. Assim, há uma explicação para a imperfeição da mulher:

Portanto, não é nada surpreendente que a mulher seja mais imperfeita que o homem na medida em que é mais fria. Assim como a toupeira tem olhos imperfeitos, mas não tão imperfeitos como os dos animais que não tem nem rastro de olhos, assim também a mulher é mais imperfeita que o homem no que diz respeito as partes da geração, pois as partes se formaram dentro dela quando ainda estava em gestação, mas pelo pouco calor não puderam sair e se projetar para fora, e isso fazia que o animal se formasse mais imperfeitamente que o que é perfeito em tudo, e, ainda assim, oferece uma pequena vantagem a toda sua raça, pois necessita que exista também um gênero feminino. Não vá pensar de forma alguma que nosso criador fez voluntariamente a metade da raça imperfeita e mutilada, se não fosse para resultar em alguma grande vantagem dessa mutilação (DUP, XIV, 162).

Para Foucault (2014, p. 133), essa explicação de Galeno em relação à existência de um ser menos perfeito que outro demonstra não apenas o interesse dele, mas também de toda uma tradição filosófica que “é na falta de eternidade que se enraíza a necessidade de separação dos sexos, a intensidade de sua atração recíproca e a possibilidade da geração. Para Foucault, também o esperma aparece nos textos médicos dos séculos I e II como um componente vital que, no macho, encontra toda sua força e sua mais alta perfeição. E é ele que lhe dá sua superioridade” (FOUCAULT, 2014, p. 141).

Nutton (2004) considera a obra *Sobra o uso das partes* como um grande trabalho sobre anatomia teleológica, uma vez que ela é concluída com um *epodo* – um hino/um canto – ao criador ou a natureza. A respeito da descrição de Galeno dos corpos, conforme Nutton (2004, p. 235):

A descrição de Galeno do corpo toma o masculino como o normal. A mulher é um ser racional – isto é, capaz de adquirir conhecimento (uma definição interessante) – mas é em toda atividade e modo de aprendizagem inferior ao homem. A fêmea é, de fato, o sexo frágil, com um corpo mais frio que o do homem e adaptada pela natureza para a gravidez e para se adequar ao caráter da alma que a habita. Não existe, portanto, necessidade das mulheres terem barbas, uma vez que elas não possuem o caráter augusto dos homens e requerem menos proteção contra o frio porque, geralmente, ficam dentro de casa. Existem doenças de mulheres, mas elas estão relacionadas aos órgãos e funções reprodutivas femininas, quando não são um resultado da imperfeição natural do corpo feminino comparado ao masculino. Essa predisposição à uma saúde frágil diferencia a mulher do homem, e influencia o tipo de remédio que deve ser usado. Mulheres devem ser tratadas mais gentilmente que os homens, não simplesmente porque são mulheres mas porque elas compartilham a mesma posição e espectro de dureza e maciez que crianças, eunucos e homens que são apaixonadamente viciados em banhos. Elas estão tão distantes do homem médio de Galeno quanto ele está de camponeses e marinheiros e, como todos os outros pacientes, elas devem receber tratamentos adequados à sua constituição física. A atitude de Galeno quanto as mulheres é complexa. Embora por vezes possa aparecer paternalista, não envolvia necessariamente uma destituição de mulheres por serem mulheres: Galeno não teve dificuldade em aceitar as informações fornecidas a ele por atendentes médicas. Mas havia limites: ainda é Galeno, o médico, que diagnostica e prescreve, e sua amizade com Arria, a filósofa, é um raro contraste com seu desprezo geral pelas mulheres luxuosas, sendo capaz de fugir com o simples cheiro da tinta de

cabelo pungente das camponesas asiáticas, e à sua reação ambivalente à imperiosa Annia Faustina, da família real. A superioridade masculina era, para Galeno, simplesmente um fato da natureza.

A partir do que foi apresentado sobre a anatomia e fisiologia dos corpos e da citação acima, acreditamos que a medicina e a descrição material do corpo masculino e feminino não se separam das concepções filosóficas e de gênero de Galeno. A forma como ele inclui o corpo feminino na natureza e o constrói como imperfeito a partir da relação masculino *versus* feminino é mais um exemplo de como homens e mulheres se organizavam socialmente em seu contexto histórico. Os homens eram vistos como os mais inteligentes e os mais capazes, eram os ativos das relações e eram os seres mais perfeitos existentes, enquanto as mulheres existiam de forma mutilada para cumprir um papel natural: a maternidade.

Peter Brown, em *Corpo e sociedade* (1990, p. 19), apresenta afirmações sobre esse tema no contexto social do século II:

[...] rapazes das classes privilegiadas do Império Romano cresciam olhando o mundo de uma posição de domínio incontestável. As mulheres, os escravos e os bárbaros eram inalteravelmente diferentes deles e inferiores a eles. A mais potente de todas as polaridades, a que prevalecia entre eles e as mulheres, era-lhes explicada em termos de uma hierarquia baseada na própria natureza. Biologicamente, diziam os médicos, os homens eram os fetos que haviam realizado seu potencial pleno. Havia reunido um excedente decisivo de “calor” e de um ardoroso “espírito vital”, nas etapas iniciais de sua coagulação no ventre.

Entre as possíveis diferenciações sociais citadas por Brown, aquelas existentes entre os sexos/gênero é a que nos interessa. Essa hierarquia social na qual a mulher vem abaixo do homem, que o autor fala, não nos é estranha depois de apresentar toda a construção que Galeno formula para justificar a imperfeição da mulher face ao homem.

O início da formulação dessas ideias está localizado no século V AEC, com o *Corpus hipocraticum*, muito antes de Galeno, e elas continuaram presentes marcando uma hierarquia masculina na sociedade até o século XX. Cumpre destacar, no entanto, que ao mesmo tempo que tais concepções não passaram a existir com Galeno, ele as sistematiza de forma textual como não havia sido feito anteriormente.

Não obstante estejamos falando diretamente em diferenças concebidas para homens e mulheres, para cada um haveria um tipo de “escala”, pois as aparências, os comportamentos e usos dos prazeres também tinham uma forma ideal no contexto romano em questão. Esse ideal aparece em todo tipo de documento escrito da Antiguidade. Sobre a variação de calor para o corpo do homem:

Podia-se presumir que os homens sempre dispunham de uma quantidade maior desse precioso calor do que as mulheres. Mas esse calor, salvo se ativamente mobilizado,

podia esfriar, levando até mesmo o homem a se aproximar do estado da mulher. No mundo romano, a aparência física e o suposto caráter dos eunucos funcionavam como lembretes constantes de que o corpo masculino era uma coisa assustadoramente plástica. Como sugeriu Galeno em seu tratado *Da semente*, a falta de calor a partir da infância podia fazer com que o corpo masculino recaísse num estado de indiferenciação primária. Nenhum homem normal poderia de fato transformar-se em mulher, mas todos os homens tremiam sem parar ante a iminência de se tornarem “efeminados” (BROWN, 1990, p. 20).

Temos, assim, que não apenas os homens eram a princípio mais perfeitos e quentes que as mulheres, mas que os homens com menos calor eram “defeituosos” frente aqueles que eram o modelo ideal do macho viril:

Ser homem nunca era o bastante: o homem tinha que se esforçar por permanecer “viril”. Tinha que aprender a excluir de seu caráter, bem como do porte e disposição de seu corpo, todos os traços denunciadores de “suavidade” que pudessem trair nele o estado parcialmente formado de uma mulher. As personalidades de destaque das cidadezinhas do século II vigiavam umas às outras com um olhar duro e penetrante. Observavam o andar dos homens. Reagiam aos seus ritmos de fala. Escutavam atentamente a ressonância reveladora de sua voz. Qualquer um desses traços poderia trair a ominosa perda do ímpeto quente e resoluto, um esmorecimento do claro autodomínio de um relaxamento da severa elegância de voz e de gestos que fazia de um homem um homem, senhor imperturbável de um mundo subjogado (BROWN, 1990, p. 20).

A construção de uma hierarquia no próprio corpo faz parte de jogos de poder que, por sua vez, fazem parte de todos os contextos históricos, de maneira diferenciada, e em Galeno podemos percebê-la entre a apresentação anatômica dos corpos e a recomendação dos cuidados de si presentes na obra e no contexto do século II. Tanto o gênero, como a visão historiográfica dos corpos, nos permitem relacionar os manuais de Galeno com diversas temáticas que são importantes para entendermos um pouco mais da História romana e das dinâmicas sociais antigas.

Para exemplificar, Brown (1990, p. 21) mostra como características específicas eram enaltecidas pelos homens como forma de manter certos códigos de conduta. As elites do mundo grego – das quais provém a maioria dos documentos históricos que o autor trabalha – deviam “impor a seus pares e subalternos a “delicada violência” de um estilo de dominação estudadamente autocontrolado e benevolente: a evitação da discórdia e o controle gentil mas firme da plebe” eram suas principais metas políticas e sociais. E apesar de termos diversos exemplos de violência na sociedade romana, existia uma concepção que polariza “o autocontrole masculino e seu oposto, a violência convulsiva associada à falta “efeminada de autocontinência” (BROWN, 1990, p. 21). Exemplo disso está na própria situação familiar de Galeno, que descrevemos no primeiro capítulo desse relatório, em que o pai era um homem bondoso ao qual ele era muito grato e a mãe era tida como descontrolada e raivosa.

Holt Parker (2017, p. 107), em *Woman and medicine*, inicia seu texto apresentando a chamada “Tabela dos opostos” que é atribuída a Pitágoras (c. 530 AEC) e seus seguidores:

Delimitado – Ilimitado
 Ímpar – Par
 Um – Muitos
 Direita – Esquerda
 Masculino – Feminino
 Descansando – Em movimento
 Direito – Torto
 Luz – Escuridão
 Bom – Mau
 Quadrado – Oblongo

Assim, a autora supracitada percebe que não aleatoriamente o lado feminino está do “lado errado [...]”. O masculino e o feminino são opostos fundamentais, irreconciliáveis” (PARKER, 2017, p. 108). Enquanto o masculino representa a contenção, a perfeição e a luz, o feminino é o defeituoso. Então, muito antes dos escritos médicos de Galeno, esse princípio filosófico já colocava em lados opostos o feminino e o masculino, e mesmo que pareça apresentado em termos simples, essa dualidade se reflete na sociedade até nossos dias. De acordo com a mesma autora, isso tudo foi resumido por Aristóteles (PA 2.2 648^a9-18) ao afirmar que aqueles que possuem o sangue mais quente estariam mais suscetíveis ao desenvolvimento da coragem e da inteligência e, por isso, o homem era superior à mulher (PARKER, 2017, p. 108).

Alguns séculos antes de Galeno, os médicos e os filósofos já se preocupavam com a questão da existência de mulheres e o nascimento de meninas, o que era tema de reflexão entre diversos autores:

[...] causas das diferenças físicas entre homens e mulheres e as razões pelas quais metade dos bebês nascem do sexo masculino e metade do sexo feminino. Para a primeira pergunta, no entanto, existem muitas diferenças entre os textos filosóficos médicos e naturais espalhados por mil anos e pelo menos duas línguas (Flemming, 2000: 114-16), pode-se esboçar um conjunto comum de crenças e práticas mantidas por homens e mulheres, elite e gente comum, educada ou não. Em particular, a Tabela Pitagórica de Opostos forneceu um sistema de imagens interconectadas tanto para a teoria, quanto para a prática que durou até o início do período moderno e tem efeitos prolongados hoje (PARKER, 2017, p. 108).

A questão de que as mulheres são frias e os homens são quentes também já existia

séculos antes de Galeno, já entre os pré-socráticos. Empédocles (c. 493-c.433), por exemplo, teria afirmado que, naturalmente, os homens eram mais quentes do que as mulheres (frag. A81, B65, B67) (PARKER, 2017, p. 108).

Ainda segundo Parker (2017, p. 108), existia um debate em que a mulher era colocada como tendo mais sangue e a menstruação seria a demonstração desse excesso de “sangue quente”. No entanto, foi a partir de Aristóteles que temos uma teoria apresentada de forma mais sistematizada, para o qual a “principal diferença nos seres vivos era a quantidade de calor que eles tinham e que estava presente em sua formação”. Essa teoria definitivamente influenciou as descrições de Galeno que foram apresentadas acima pois, para Aristóteles, também havia uma escala decrescente de calor na natureza que começava nos homens, passava pelas mulheres, pelos animais e pelas plantas.

Assim, também na obra aristotélica as mulheres existiam por conta de uma deficiência de calor, que demonstrava sua fraqueza e que as colocava como um “tipo de macho mutilado”, como “eunucos”. E, ainda assim, como Galeno, Aristóteles dava uma explicação para essa existência: “diz Aristóteles, a natureza não faz nada sem uma razão. Portanto, a incompletude da mulher era uma deformidade necessária para a continuação da vida humana (767b7)” (PARKER, 2017, p. 108). A autora ainda apresenta características dessa consolidação da teoria dominante aristotélica (PARKER, 2017, p. 109):

Fatos contrários são ignorados, ou então sujeitos a reinterpretação conveniente. Mulheres devem ser inferiores aos homens. Então, três exemplos:

1. As mulheres devem ter menos suturas em seus crânios, uma vez que os homens têm cérebros maiores e assim precisam de mais ventilação (PA 653a27-29, 653b1-3).
2. As mulheres devem ter menos dentes (HA 501b19). Que não é assim, Aristóteles poderia ter descoberto, na frase memorável de Bertrand Russell, “pelo simples dispositivo de pedir à Sra. Aristóteles para manter a boca aberta enquanto ele contava” (1950: 135).
3. A mulher menstruada deve escurecer um espelho (Parv. Nat. 459b-60a). Encontramos os dois últimos repetidos por Plínio, o Velho, 400 anos depois (HN 7.71, 38.82). À esta teoria, Herófilo (c. 330-260 a.C.) e Galeno (129-c. 215 d.C.) adicionaram refinamentos. Em essência, o calor extra dos machos faz com que seus órgãos sexuais saltem para fora.

Um assunto que pretendemos abordar no próximo subcapítulo, quando tratarmos de cuidados e regimes de prazeres na medicina de Galeno, é como a polaridade concebida entre o feminino e o masculino, o quente e o frio, influenciam nas maneiras de curar, nos remédios, nos cuidados e nas dietas recomendadas pelos médicos e de que modo tudo isso estava diretamente relacionado à maneira de Galeno pensar a concepção humana, aos debates filosóficos contemporâneos a ele, e os discursos de poder em torno do corpo e do gênero.

Nos textos hipocráticos existe uma dieta baseada nos princípios do calor vital, por

exemplo, a mulher é mais baseada na água, então, quando se refere à alimentação e às atividades físicas, ela deveria dar preferência às coisas frias, úmidas e macias. O homem seria “baseado no fogo” e deveria buscar por coisas quentes e secas no que se refere à comida e às atividades. Essa ideia atravessa a história da medicina antiga do período grego arcaico ao período imperial romano (PARKER, 2017, p. 110- 111), sendo, no entanto, um claro exemplo de como visões sobre gênero influenciavam em noções sobre a anatomia humana e vice-versa.

Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos à Freud (2001), obra de Thomas Laqueur que já descrevemos na introdução, analisa diversas temporalidades da História humana com um olhar voltado para as concepções de corpo e gênero de cada contexto. O modelo do “sexo único” como denominado por Laqueur nessa obra, teria persistido por toda a Antiguidade principalmente pela obra de Galeno. Nesse modelo aparecem diversas das características de ordenação que apresentamos até agora a partir de análise direta de seu discurso. De forma geral, ele apresenta as mulheres como menos perfeitas, mais frias, porém necessárias à reprodução, face ao homem, ser mais perfeito existente, mais quente, viril, forte, entre outras características masculinas para a Antiguidade.

Stephen Garton em *Histories of Sexuality* (2006) argumenta que a cultura sexual greco-romana foi um regime extremamente regulado. A conduta, apesar de diversificada, era classificada a partir de várias regras, e esse fator foi parte importante da formação identitária do cidadão “masculino” (GARTON, 2006, p. 35).

No período romano houve um maior foco na disciplina corporal e no cuidado de si, enquanto na Antiguidade Tardia a continência começa a ser valorizada principalmente pelo pensamento cristão (GARTON, 2006, p. 36). A sexualidade e as práticas sexuais em si não estão entre nossos tópicos principais, mas de certa forma ela é relevante quando falamos sobre o que se espera do gênero masculino e feminino.

No período em questão, esposas e mulheres escravizadas eram vistas tanto como “propriedade e objetos sexuais, sempre passivas em contraste com a dominância masculina”, mas é claro que há exemplos em que mulheres desviam dessa lógica normativa. Garton (2006, p. 36) exemplifica que em “vários textos as esposas também eram vistas como autoridades dentro do lar, um papel valorizado pelos seus maridos. E enquanto homens participavam da cultura pública masculina, mulheres ficavam sós para moldar próprias redes sociais privadas”. Ainda assim, era nos lares que a atuação feminina era mais esperada, uma vez que elas eram “as mães dos futuros cidadãos e guardiões da cultura”.

Pouco podemos saber sobre a concepção das mulheres sobre seus próprios corpos, uma vez que a maioria dos textos que abordam o assunto são de autoria masculina. Apesar disso, a

questão da reprodução, da geração de uma vida e da fertilidade pode ter aparecido como um fator de poder do corpo da mulher, conhecimento que circulou no mundo feminino pelas parteiras e amas de leite. Algumas mulheres podem ter percebido seu corpo como muito superior ao de guerreiros homens, por exemplo (GARTON, 2006, p. 36).

Garton considera o corpus médico antigo uma visão parcial, mas útil, sobre os ideais de feminino e masculino que estamos interessados. Como trabalhamos com ideais, eles podem ser instáveis e frágeis em muitas situações em que os sujeitos não são ou não agem como o esperado. O autor analisa a questão do amor entre o mesmo sexo na Antiguidade, mas além disso, os padrões sexuais e de gênero da época. Para ele há duas cenas principais em que a natureza biológica do gênero pode ser entendida na Antiguidade - no pensamento hipocrático e aristotélico (GARTON, 2006, p. 37):

O rico corpus de escritos hipocráticos sobre a natureza e a biologia representava mulheres e homens como animais fundamentalmente diferentes. As mulheres eram caracterizadas por um excesso de sangue, o que as deixava 'à beira da má saúde', exigindo uma descarga periódica regular para evitar doenças graves. Aristóteles, por outro lado, argumentava que as mulheres eram homens subdesenvolvidos. Em outras palavras, eles tinham uma fisiologia semelhante, com o sangue menstrual visto como semelhante ao sêmen masculino. No entanto, as mulheres eram inferiores por causa de sua falta de desenvolvimento. Embora esses dois sistemas de biologia disputassem gradualmente pela dominação, o sistema aristotélico emergiu como o mais influente.

Garton (2006, p. 38-39) acredita que Galeno, por mais que esteja sempre remetendo seu pensamento como uma herança de Hipócrates, tire suas conclusões principalmente seguindo o pensamento aristotélico:

Para Galeno, homens e mulheres compartilhavam um tipo de corpo, as mulheres eram na verdade homens que não haviam se desenvolvido (o útero sendo representado como um pênis que não havia descido para fora do corpo). O que distinguia masculino e feminino era a quantidade de calor e energia gerada no corpo; a masculinidade sendo o desenvolvimento completo resultante do calor corporal adequado, enquanto a feminilidade era uma consequência de relativa frieza. As mulheres eram úmidas, frias e imperfeitas. Essa ideia do 'corpo de um só sexo' dominava os conceitos europeus de biologia e gênero até o final do século XVIII. [...] Enquanto os homens eram representados como ousados, corajosos, inovadores, racionais e ativos, as mulheres frequentemente eram vistas como poluentes, informes, em decomposição, úmidas, potencialmente insaciáveis (roubando dos homens seu calor) e ameaçadoras. A masculinidade era constantemente confrontada pelo potencial enfraquecedor da feminilidade e isso exigia um regime sexual e social complexo para produzir e perpetuar a masculinidade.

Em sua obra, Garton está preocupado com a temática da sexualidade, e das relações entre homens e homens, homens e mulheres e mulheres e mulheres, por isso, quando ele conclui sua análise sobre os corpos e o gênero feminino e masculino em Galeno, ele conclui que há uma

centralidade do falo na cultura sexual greco-romana. Então as relações sexuais, a sexualidade, os corpos e o gênero quase sempre são descritos e classificados a partir da função do falo (Garton, 2006, p. 45).

Muito mais do que a própria cultura sexual, e muito mais do que o corpo e o gênero como descrito por Galeno, precisamos entender que todos esses elementos por mais específicos que sejam, estão ligados a um “aparato sócio-político maior, de produzir cidadãos homens”. Concordamos com autor quando ele entende nossas temáticas como fatores que estão dispostos sobre a ordem social da sociedade antiga, e a partir dos quais se demonstram a “identidade, o poder e a dominância dos cidadãos”. Garton (2006, 47) acredita que o sexo era um dos momentos possíveis para o cidadão demonstrar sua masculinidade, e “performar algo diferente arriscava escândalo, ridículo e punição”.

A ideia de masculinidade é composta por muitas nuances além do desempenho sexual. O homem também deve ser autossuficiente e ter “controle de si tanto em nível interno (emoções) quanto externo (liberdade política)” (GARTON, 2006, p. 43). Os ideais e as categorias de gênero nunca serão estáveis, porque as ações das pessoas nem sempre cumprem aquilo que era esperado. Além disso, concordamos com Garton (2006, p. 43) com o fato de que é difícil chegar a uma ideia de feminilidade romana, pois quase todas as vezes elas nos dizem mais sobre as “atitudes masculinas para o outro (escravos, mulheres, estrangeiros)” do que sobre as mulheres:

A categoria ‘mulher’ é extremamente importante e talvez simples à primeira vista, uma vez que para encontrá-la basta olhar para o lado oposto do homem ideal (“suave, passiva e silenciosa”) – mas, na prática, essa simplicidade é enganadora (“como uma mulher?”). O desempenho sexual é claro, faz parte da definição de virilidade, mas mesmo a virilidade não fica sem seus anseios. (GARTON, 2006, p. 43);

Como vimos, no século II EC, durante o Império Romano, os ideais de feminino e masculino eram amplamente influenciados pela estrutura patriarcal da sociedade romana, e femininos primeiros muitas vezes baseados no contrário inferior do masculino. Nos diversos setores da vida romana, como na política, na família, na religião e na cultura, os “papéis” de gênero eram claramente definidos e mantidos. A literatura romana da época, como *A Vida dos Doze Césares*, de Suetônio, escrito aproximadamente em 121 EC, fornece insights sobre esses ideais. Nos círculos políticos, o masculino era associado à autoridade, liderança e coragem, refletindo-se nos cargos políticos ocupados quase exclusivamente por homens. Enquanto isso, o feminino era geralmente relegado ao domínio doméstico, com as mulheres desempenhando papéis de esposas, mães e cuidadoras. A dicotomia de gênero apresentada nesta obra limitava

os direitos das mulheres, restringindo sua participação na esfera pública e subordinando-as legalmente aos homens.

Deivid Gaia em artigo intitulado *Mulheres, economia e finanças na Roma Antiga* (2023) apresenta a visão de alguns autores sobre mulheres, que foram relevantes para a legislação posteriormente. Para Columela², por exemplo, no século I d.C., foi o divino que estabeleceu as características dos homens e das mulheres, tornando os primeiros adaptados à guerra e as mulheres ao ambiente doméstico, “às mulheres foram atribuídos os deveres de guarda e cuidado e é por isso que elas são mais tímidas, haja vista que o medo é um importante mecanismo para mantê-las em segurança” (GAIA, 2023, p. 5).

Já segundo sua leitura de Valério Máximo³, que escreveu durante o governo de Tibério (14-37 EC), “a fraqueza do espírito feminino e a proibição de que elas não desenvolvessem nenhum tipo negócio importante era a razão pela qual elas se entregavam aos deleites da luxúria” (GAIA, 2023, p.5). Com essa seleção de textos, somando-se a eles a obra de Suetônio e também de Galeno, Gaia (2023, p. 6), acredita que os juristas romanos aprofundaram essas ideias fazendo com que as ideias “tomassem formas legais”. É o que teria feito o jurisconsulto Ulpiano ao defender que “a mulher não poderia de forma alguma ocupar funções ditas masculinas”, pois eram mais fracas e ingênuas.

O autor referido acima sinaliza um fator importante para o leitor de que devemos ter atenção com as fontes e seus discursos, já que elas não deonstram todos os aspectos sociais das mulheres romanas. Precisamos ter em mente que os “discursos dos autores antigos não devem ser tomados como uma realidade concreta e absoluta, como uma dicotomia entre homem e mulher” (GAIA, 2023, p. 8).

Oficialmente a mulher seria dedicada ao ambiente doméstico e não a vida pública, uma vez que estavam sobre o poder do *pater familias*, um poder que primeiro era seu pai que exercia, para posteriormente o marido o ocupar. O autor inclusive justifica que suas ressalvas nada tem a ver com a negação desse modelo:

Não pretendemos defender que o modelo da mulher romana “dona de casa” (*domiseda, melissa*) tratava-se somente de uma criação literária; pelo contrário, ele existia e é o que mais aparece nas fontes. Mas este modelo coabitava com outras formas de a mulher exercer seu papel na vida social. Não podemos reduzir a mulher romana somente a essa visão de mundo porque não corresponde à sua história e quando se toca nos aspectos econômicos, as fronteiras entre homem e mulher são ainda mais fluidas (GARTON, 2023, p. 27).

² Columela foi um autor romano do século IEC, conhecido por sua obra sobre agricultura, intitulada *De Re Rustica* (Sobre a Agricultura). Seu nome completo era Lúcio Junius Moderatus Columella.

³ Valério Máximo foi um autor romano do século IEC. Seu trabalho oferece uma visão valiosa da moralidade e dos valores da sociedade romana durante o período do Império Romano.

No entanto, embora esses ideais fossem predominantes na sociedade romana, também havia espaço para nuances e variações. Por exemplo, as mulheres de elite poderiam exercer alguma influência nos bastidores, aproveitando seu status social e conexões políticas. Além disso, na esfera religiosa, as sacerdotisas desempenhavam papéis importantes em rituais e cultos religiosos, embora sob a supervisão de sacerdotes masculinos. Essas nuances são destacadas em obras como *Mulheres na Roma Antiga* (2010) de Pauline Schmitt Pantel, que examina o papel das mulheres romanas em diferentes aspectos da sociedade. Em resumo, enquanto os ideais de feminino e masculino no Império Romano do século II refletiam uma estrutura patriarcal, também havia espaço para nuances e variações dentro dessa dinâmica de gênero.

Como já mencionamos na Introdução, fisicamente não se pode negar o dimorfismo sexual entre homens e mulheres, não é esse fator que colocamos em pauta. A ideia é que o corpo/sexo pode ser analisado a partir da categoria gênero nos textos de Galeno. Ele utilizou de concepções filosóficas e culturais de sua época que estabeleciam certos “lugares” ideais para o feminino e para o masculino em suas diversas órbitas. A questão de gênero parte de nosso olhar contemporâneo sobre a obra de Galeno, enquanto no texto original tanto o gênero quanto o sexo aparecem como fatores dados, existentes naquele formato devido a criação natural dos seres e das coisas, nós estabelecemos para a teoria desse trabalho que tudo que é dito sobre a materialidade dos corpos humanos é primeiramente pautado pelo gênero.

4.2 CUIDADOS DE SI E REGIMES DE PRAZERES PARA A CONCEPÇÃO DO SER HUMANO EM *SOBRE O USO DAS PARTES*

Existia no imaginário popular antigo a ideia de que o útero se espalhava pelo corpo da mulher. Diferentes médicos possuíam diferentes concepções sobre processos fisiológicos da mulher. Por exemplo, Sorano negava a afirmação de Hipócrates na salubridade da gravidez, afirmando que permanecer virgem era saudável para homens e mulheres, enquanto o parto repetitivo era exaustivo (Gyn. 1.30–3; 42). Muitas vezes (como observamos também para Galeno), esse tipo de ideia vem a observação de animais, mas nesse caso em específico além de observar que fêmeas eram mais “saudáveis e elegantes” quando tinham seus órgãos sexuais removidos, também considerou que as virgens vestais de Roma eram menos suscetíveis a doenças porque não tinham relações sexuais e eram ativas e magras pelo serviço aos deuses (HANSON, 2006, p. 507). Essas observações atestam como a medicina, mais do que uma ciência positiva, ao menos naquele contexto, estava totalmente influenciada pelas ideias sociais

e padrões visados de comportamento, especialmente no que diz respeito ao que cabia à mulher e ao homem.

Galeno endossou a posição aristotélica de que o corpo feminino possuía menos calor do que o corpo masculino. Ele foi, no entanto, capaz de construir um experimento de pensamento de gênero comparando pulsos, que eram, por sua vez, determinados pelo calor interior do corpo, e ele chegou à conclusão de que o pulso de uma determinada mulher sob um determinado conjunto de circunstâncias poderia bater mais forte do que o pulso de um homem em particular:

Faça o homem morar no Ponto, mas a mulher no Egito; ele deve passar o dia dentro de casa e ocioso, comendo comida fria e luxuosa. Em contraste, a mulher passa seus dias do lado de fora, exercitando-se vigorosamente e mantendo uma ingestão modesta de alimentos quentes. Esse o pulso da mulher é certamente maior do que o daquele homem. (Caus. puls. 3.2) A medicina em Roma distanciava-se deliberadamente da assimetria de gênero que caracterizou a medicina da Grécia do século V e o Corpus Hipocrático (HANSON, 2006, p. 507).

Na esfera da terapêutica romana, entretanto, houve a manutenção de uma abordagem conservadora no que concerne à prática médica voltada para a ginecologia. Esta abordagem se caracterizou pela preservação das antigas formulações terapêuticas, muitas das quais foram ocasionalmente enriquecidas com a adição de elementos exóticos provenientes de localidades distantes. Simultaneamente, observou-se a introdução de modalidades terapêuticas e procedimentos inovadores. A concessão de remédios para problemas de infertilidade e amenorreia, assim como a prevenção de abortos espontâneos e o tratamento de diversas afecções uterinas, perdurou como um imperativo relevante. Tanto as fumaças umedecidas quanto as secas, que liberavam vapores diretamente no útero, mantiveram-se como práticas amplamente empregadas e consideradas com seriedade ao longo de um milênio subsequente (HANSEN, 2006, p. 507).

Hanson (2006, p. 517) não concorda que Galeno tenha escrito sobre bebês e crianças em seus tratados chamados “Higiene” e “Hábitos” apenas a partir de livros e pela perspectiva da elite. Nessas obras ele descreve a teoria e prática pediátrica que os médicos gregos forneciam em Roma. Uma vez que há evidência de contratos de amas de leite do Egito demonstrando preocupações sobre esses grupos, a autora acredita que essas práticas não tenham passado despercebidas tanto por Galeno, quanto por Sorano:

A temática da infância atraiu atenção séria de filósofos e escritores médicos na república romana e na época do império regras proliferaram sobre como os adultos responsáveis devem preparar melhor as crianças para o futuro que esperançosamente os esperava (HANSEN, 2006, p. 516)

Na tradição acadêmica, é constatado que Galeno, em seu trabalho, se vangloriou de ter efetuado o diagnóstico de um transtorno que afligia um bebê, cujo choro era ineficazmente aplacado por sua ama. O exame minucioso do leito do bebê proporcionou a revelação de que suas vestes e lençóis se encontravam impregnados de sujeira. O desfecho da situação se deu após Galeno ter instruído a ama a efetuar a higienização do bebê e a providenciar roupas limpas, culminando na cessação do choro da criança (Sanit. 1.8.30–2).

Ademais, Galeno realizou observações empíricas ao separar crianças com três e quatro anos em dois agrupamentos distintos. O primeiro agrupamento era composto por crianças suscetíveis à disciplina, as quais apreciavam a prática de autoelogios. Contrapondo-se a elas, estava o segundo grupo, composto por crianças que apresentavam resistência por meio de atos de desobediência (HANSON, 2006, p. 518):

‘[Nós] às vezes vemos um deles machucado por um companheiro de brincadeiras, e [...] vemos alguns deles terem pena dele e o ajudarem, e outros riem dele, se regozijam e às vezes se juntam e tomam parte em feri-lo. Vemos também algumas crianças resgatarem outras das dificuldades, e outros empurram seus companheiros para lugares perigosos, arrancam seus olhos ou os sufocam. Alguns relutam em entregar qualquer coisa que têm em mãos, alguns têm inveja, outros não.’ Galeno considerou exercícios vigorosos apropriados para crianças mais velhas que frequentavam a escola e estavam aprendendo esportes, como andar a cavalo, mas nessa idade tomar banho com frequência já não era mais salubre (Sanit. 1.8.5-6).

A análise empreendida por Amy Richlin (2006), concernente à sexualidade no contexto do Império Romano, se depara com a complexidade da abordagem desse tema, devido à vastidão geográfica e à longevidade histórica do referido Império. A deliberação acadêmica, há muito tempo em andamento desde a década de 1970, se concentra predominantemente na apreciação da sexualidade nos âmbitos do Mediterrâneo antigo, com um foco mais específico nos gregos de Atenas e nos romanos de Roma. A abordagem tem sido influenciada pelo interesse manifestado por Michel Foucault em sua obra posterior, o que, frequentemente, direcionou o enfoque para tópicos considerados essenciais por Foucault, como a pederastia e a identidade sexual. Contudo, a obtenção de uma compreensão abrangente da sexualidade no contexto integral do Império Romano demanda um redirecionamento desse escopo (RICHLIN, 2006, p. 327).

Amy Richlin traçou uma cronologia na qual eventos relevantes relacionados à sexualidade no Império Romano se desenrolaram, dos quais alguns são identificados como particularmente notáveis e pertinentes ao tema abordado. Por exemplo, no ano 14 EC, as Leis Julianas emergem com o intuito de fomentar o casamento e a gravidez, ao mesmo tempo em que criminalizam o adultério. Esse período testemunha a transformação de Roma em uma “cidade global”, onde escritores se encontram no epicentro de interseções ideológicas (Sáb.

1.63-4; Habinek, 1997). Uma década depois, no ano 154 EC, o imperador Domiciano fortalece a aplicação de punições para condutas sexuais impróprias e proíbe a castração de escravos infantis. Nesse cenário, figuras greco-romanas proeminentes produzem tratados substanciais sobre o matrimônio, assim como se envolvem em debates sobre as virtudes relativas das relações sexuais com mulheres e meninos. Centros culturais como Alexandria e Antioquia florescem e testemunham a proliferação de textos que abordam a temática sexual em grego e latim, bem como uma crescente visibilidade dos romances. Além disso, é possível identificar críticas às práticas romanas por parte de alguns rabinos (RICHLIN, 2006, p. 330). Um pouco depois do período ao qual damos enfoque nessa dissertação, em torno de 224 EC, como a Igreja começava a ser institucionalizada, especialistas cristãos debatem os méritos relativos do sexo procriativo dentro do casamento vs. celibato (notavelmente Tertuliano e Clemente de Alexandria RICHLIN, 2006, p. 330)

A disponibilidade de fontes documentais é notoriamente limitada, sendo predominantemente textual e proveniente de figuras da elite masculina. Esse desafio não é exclusivo à pesquisa sobre sexualidade, mas constitui uma preocupação transversal a diversas áreas da História Antiga. Notavelmente, coleções de cartas publicadas oferecem alguma visão, porém, diários e correspondências pessoais que se encontram disponíveis para períodos posteriores da história não estão disponíveis para o período antigo. Registros em papiro do Egito greco-romano escassamente discutem assuntos de natureza sexual. Isso implica a necessidade de recorrer a outras formas culturais, incluindo a arte e a iconografia, para preencher as lacunas interpretativas (Montserrat, 1996; Clarke, 1998; Elsner, 1996; Fredrick, 1995; Johns, 1982; Bergmann, D'Ambra, Elsner, Kampen e Kellum em Kampen, 1996; Satlow, 1997) (RICHLIN, 2006, p. 331).

Em um contexto cultural que historicamente relegava o tema da sexualidade a um âmbito considerado de menor prestígio, emerge a observação de que, quanto mais modesta a forma de expressão artística, mais ela frequentemente se presta a abordar o tema do sexo. Formas artísticas como a comédia, os livros de piadas, a sátira, a invectiva, a poesia erótica, o grafite, os feitiços e as maldições, as inscrições, bem como as bugigangas e amuletos, e até mesmo a decoração interna, foram canais para a exploração deste domínio. No entanto, é notável que manifestações mais eruditas, como a retórica, a escrita histórica e biográfica, além das abordagens técnicas, também apresentam um enfoque considerável na esfera sexual, assim como ocorre com os escritos técnicos, que abarcam campos diversos como agricultura, arquitetura, astrologia, geografia, interpretação de sonhos, medicina, ciências naturais e fisionomia. Acentua-se, especialmente, a relevância da filosofia moral e da religião como meios

de expressar opiniões contundentes acerca da sexualidade, ao mesmo tempo em que as leis do período estabelecem os parâmetros normativos. Em suma, as diversas manifestações culturais em questão contribuem para a modelagem e para o reforço dos comportamentos, demonstrando que tanto uma piada quanto uma lei podem influenciar a maneira pela qual as pessoas se conduzem (RICHLIN, 2006, p. 331).

A análise proposta por vários estudiosos indica que as leis promulgadas revelam perspectivas esclarecedoras sobre as preocupações subjacentes dos legisladores. Através desse prisma, torna-se possível compreender que o foco de Paulo em estabelecer restrições sobre a participação feminina nos discursos eclesiásticos pode estar enraizado na realidade social e comportamental daquela época, indicando uma correlação direta entre a lei e as práticas sociais (RICHLIN, 2006, p. 331).

A legislação proposta pelo apóstolo Paulo pode ser encontrada em suas epístolas do Novo Testamento da Bíblia. Embora não exista uma lei específica de Paulo sobre restrições à participação feminina nos discursos eclesiásticos, a análise se baseia em passagens como 1 Timóteo 2:12, onde Paulo escreve: “Não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade sobre o homem; esteja, porém, em silêncio”. Essa passagem tem sido interpretada como uma restrição à liderança ou ao ensino das mulheres na igreja primitiva. A interpretação e aplicação dessas passagens têm sido objeto de debate entre estudiosos e teólogos ao longo dos séculos, com algumas interpretações defendendo uma compreensão mais restritiva das funções das mulheres na Igreja e outras argumentando por uma interpretação mais inclusiva e contextualizada.

A atitude favorável em relação à abstinência sexual não se limita ao domínio cristão. Observa-se que essa abordagem positiva remonta ao século I EC e não se restringe exclusivamente à tradição cristã. Ela também encontra respaldo na filosofia estoica e em determinados sistemas médicos da época, com exemplos notáveis destacados por estudiosos como Pinault (1992) e Foucault (1988) (RICHLIN, 2006, p. 350).

Explorando a prática da contracepção e do aborto, emerge uma perspectiva que reflete as complexidades das culturas presentes no Império Romano. Embora predominasse a valorização da maternidade e dos bebês, as atitudes em relação à contracepção e ao aborto muitas vezes manifestavam ambivalência. No entanto, é digno de nota que, fora do âmbito cristão, somente os textos ginecológicos abordavam de maneira substancial essas questões, ilustrando a abrangência limitada do tratamento desses temas em outras esferas de produção textual (RICHLIN, 2006, p. 352).

Sobre o contexto do século II EC, autores como Thomas Laqueur e outros estudiosos

exploraram o conceito do “regime de prazeres” e os cuidados de si como elementos cruciais na compreensão da vida cotidiana e das práticas sociais desse período. Laqueur (1990) sugere que os romanos estabeleceram um sistema de prazeres em que a sexualidade era estruturada de acordo com as hierarquias sociais e as normas culturais. Essas práticas refletiam tanto a expressão individual como as regras coletivas, contribuindo para a construção e manutenção das identidades de gênero e status social.

No âmbito dos cuidados de si, autores como Foucault (1988) exploraram como os romanos do século II DC se envolviam em práticas auto-disciplinares e reflexivas como forma de autogoverno. O conceito de “askesis” descreve a busca consciente e constante do auto-perfeiçoamento, o que envolvia a atenção à saúde, à moral e ao autocontrole. Isso se refletia em práticas como a busca da moderação na comida e no comportamento sexual, bem como a preocupação com a aparência e a manutenção do corpo.

Laqueur (1990) também discute o papel do “regime de prazeres” na formação das identidades sexuais e sociais. Ele argumenta que a sexualidade romana estava profundamente ligada à hierarquia social e à política do corpo. As normas que governavam a expressão sexual eram moldadas pela estrutura de poder e pelos valores culturais da época. Essas práticas e normas eram utilizadas para distinguir os diferentes grupos sociais e para manter a ordem e a estabilidade da sociedade.

Autores como Richlin (1993) também exploram o papel do “regime de prazeres” na construção de gênero. Ela argumenta que os romanos do século II EC atribuíam características específicas a homens e mulheres com base em normas de comportamento sexual. Essas normas, embora frequentemente desafiadas, ainda exerciam uma influência significativa na construção da identidade de gênero.

Em resumo, Laqueur e outros autores destacam como o “regime de prazeres” e os cuidados de si no século II EC eram influenciados por normas culturais, hierarquias sociais e estruturas de poder. Essas práticas não apenas moldavam a sexualidade e a identidade de gênero, mas também refletiam as complexidades da vida cotidiana e das relações sociais nesse período histórico.

As concepções de gênero e as percepções sobre o ser humano ideal na Roma antiga estavam intrinsicamente ligadas aos valores e às normas sociais da época. O cidadão romano ideal era frequentemente retratado como alguém que incorporava as virtudes tradicionais romanas, como coragem, disciplina, lealdade à família e à República, além de contribuir para o bem-estar da comunidade, como demonstramos ao citar diretamente as obras de Galeno e de Marco Aurélio.

As ideias de Galeno sobre a geração do ser humano e as características de gênero podem ter influenciado a visão do cidadão romano ideal de várias maneiras. Por exemplo, acreditava-se que os homens eram biologicamente superiores e mais adequados para desempenhar papéis de liderança e ter participação ativa na sociedade romana. Portanto, o cidadão romano ideal seria aquele que encarnava essas características masculinas, demonstrando força, racionalidade e habilidades de liderança.

Além disso, as percepções sobre as diferenças de gênero também poderiam influenciar as expectativas em relação às mulheres na sociedade romana. Mulheres idealizadas na Roma antiga eram muitas vezes retratadas como esposas e mães devotadas, cuja principal função era apoiar e fortalecer a família romana. Portanto, o cidadão romano ideal seria aquele cuja esposa incorporava essas qualidades femininas ideais.

Em suma, as concepções de gênero e as ideias sobre o ser humano ideal na Roma antiga estavam entrelaçadas, refletindo e reforçando as normas sociais e culturais da época. Essas percepções moldavam as expectativas em relação aos papéis de gênero e influenciavam as aspirações e ideais do que seria o cidadão romano ideal, e como os pais poderiam gerar um ser humano exemplar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, o legado de Cláudio Galeno, também conhecido como Galeno de Pérgamo, perdura como uma figura proeminente na história da medicina e filosofia da Antiguidade. Vivendo no contexto do Império Romano entre os anos 129 e 210 EC, Galeno teve uma vida marcada por sua educação influenciada pelo seu pai, Nikon, um arquiteto renomado, e por seu envolvimento tanto na medicina quanto na filosofia. Sua cidade natal, Pérgamo, desempenhou um papel significativo como centro de estudos médicos e culturais, mantendo sua autonomia dentro do Império Romano.

A trajetória de Galeno é revelada através de suas próprias palavras e de fontes históricas. Seu sucesso como médico da corte imperial, inclusive servindo os imperadores Marco Aurélio e Cômodo, demonstra sua competência e reputação na época. Sua extensa produção escrita, que abrange temas médicos, filosóficos e científicos, mostra sua dedicação ao conhecimento e à prática. Galeno também se destacou por sua interpretação e crítica ao *Corpus Hippocraticum*, bem como por suas influências e debates com outros filósofos da época, como Platão e Aristóteles.

Galeno demonstrou uma abordagem eclética, incorporando elementos das diferentes escolas médicas da época em seu trabalho. Suas contribuições para a anatomia, fisiologia e medicina foram notáveis, influenciando gerações posteriores de profissionais de saúde e cientistas. No entanto, sua carreira não esteve isenta de desafios, como o incêndio que destruiu parte de sua obra e as mudanças sociais e políticas que afetaram o Império Romano. Sua busca pela compreensão das causas das doenças, sua dedicação à prática médica e sua interação com outras mentes brilhantes da Antiguidade o estabelecem como um dos pensadores mais influentes e inovadores de sua era. Seu legado continua a inspirar e influenciar a medicina e a filosofia até os dias atuais.

As obras de Galeno influenciaram profundamente a medicina e a filosofia em sua época e nas gerações subsequentes. Através de uma ampla gama de tratados e textos, Galeno abordou questões que iam desde anatomia e fisiologia até lógica, ética e filosofia da alma. Sua habilidade de fundir conhecimentos médicos e filosóficos demonstra a complexidade de seu pensamento e a interconexão entre diferentes disciplinas na busca pelo entendimento da natureza humana e sua saúde.

A extensa produção escrita de Galeno não apenas influenciou a prática médica de sua época, mas também moldou o pensamento médico e filosófico nas décadas e séculos que se seguiram. Suas discussões sobre métodos científicos, a relação entre teoria e prática, e a

importância da experimentação estabeleceram um padrão que perdurou através das eras. A pluralidade de tópicos abordados em suas obras reflete a amplitude de sua mente e a profundidade de sua investigação, tornando-o uma figura central tanto na história da medicina quanto na história da filosofia.

A influência de Galeno não se limitou apenas à sua própria época. Suas obras foram traduzidas e disseminadas em diversas culturas, desde o mundo árabe até a Europa medieval, e continuaram a exercer um impacto duradouro sobre as práticas médicas e as discussões filosóficas. A diversidade de tópicos tratados em suas obras, bem como sua habilidade de aplicar a lógica e a argumentação em suas análises, ressaltam a importância de sua contribuição intelectual. Ele se destacou como uma figura pioneira que explorou a intersecção entre medicina e filosofia de maneira profunda e abrangente. Sua capacidade de questionar, debater e elaborar argumentos em diversas áreas do conhecimento humano mostra que ele não apenas era um médico habilidoso, mas também um intelectual multifacetado cujas ideias transcendem as fronteiras do tempo e continuam a influenciar nossa compreensão da medicina, da filosofia e da natureza humana.

A presença de médicos gregos, notadamente Galeno de Pérgamo, na sociedade romana do Império Romano levanta questões fascinantes sobre identidade, influência cultural e a intersecção entre medicina e filosofia. A análise da presença de Galeno, um médico grego, em Roma, oferece insights profundos sobre como um indivíduo se adapta e influencia seu meio social, enquanto também examina as complexidades das interações entre culturas distintas.

A dicotomia entre ser grego em Roma e ser romano é fundamental para compreender como Galeno navegou por contextos sociais, políticos e culturais diversos. Seus conhecimentos e práticas médicas, profundamente enraizados na tradição grega, foram adaptados para atender às demandas da sociedade romana, evidenciando a sinergia entre a medicina grega e as particularidades do Império Romano. Sua estadia em Roma permitiu que ele desempenhasse um papel essencial na disseminação da medicina grega pelo Império Romano. Sua influência se estendeu através de suas obras escritas e de suas práticas médicas, que incorporaram tanto a tradição grega quanto as nuances do contexto romano. A teoria dos quatro humores, por exemplo, se tornou uma pedra angular da medicina romana e perdurou por séculos.

Além disso, a análise das estratégias de preservação da memória de médicos imperiais, revela a interação entre a busca por reconhecimento e a relação com o poder imperial. A conexão entre mérito médico e recompensas sociais permitiu que alguns médicos conquistassem uma posição proeminente na sociedade romana e garantiram a continuidade de seus legados.

A vida cotidiana na Roma imperial também é permeada por filosofia e ética, conforme demonstram as preocupações com a dieta, o lazer e a busca do prazer. A interseção entre medicina e filosofia é evidente na abordagem de Galeno à saúde e ao bem-estar, que levava em consideração não apenas aspectos físicos, mas também morais e psicológicos. Sua capacidade de adaptar suas práticas médicas de acordo com a origem social de seus pacientes demonstra sua habilidade em compreender as complexidades da sociedade romana e suas variadas demandas.

O *corpus* documental de Galeno oferece uma lente através da qual podemos examinar as interações culturais, as dinâmicas sociais e as relações de poder do Império Romano. Sua influência perdura até os dias atuais, não apenas no campo da medicina, mas também como um testemunho vivo das complexidades e interconexões da antiga sociedade greco-romana.

A análise das discussões médico-filosóficas na Roma do século II revela um embate paradigmático entre os “Empiristas” e os “Racionalistas” (ou “Dogmatistas”), cujas perspectivas epistemológicas distintas influenciaram o desenvolvimento da medicina da época. A interseção das contribuições Empíricas e Racionalistas foi notável na abordagem eclética adotada por Galeno, cuja influência perdurou por séculos, mitigando as disputas entre as escolas médicas. O contexto social e urbano desse período romano, caracterizado por iniciativas de melhoria da qualidade de vida, destacou a presença dos médicos públicos e professores, embora a saúde pública ainda não fosse uma prioridade. Ao explorar esses diversos aspectos, a análise histórica permite uma compreensão mais profunda das complexidades sociais, filosóficas e médicas da Roma do século II.

As influências e reflexões de Galeno sobre medicina e filosofia revelam uma interconexão profunda e intrincada entre esses dois campos do conhecimento. Ao longo de sua extensa obra, Galeno enfatizou a importância de uma sólida formação filosófica como base essencial para se tornar um verdadeiro médico. Seu pensamento é permeado por elementos do estoicismo e outros sistemas filosóficos da época, que moldaram sua visão sobre a moralidade, a virtude e a moderação no exercício da medicina.

Galeno não se limitou a meramente aplicar princípios filosóficos à medicina, mas também buscou harmonizar e integrar esses aspectos em sua prática médica e em sua compreensão do corpo humano. Ao apresentar a medicina como uma arte que exige virtude, autocontrole e conhecimento profundo da natureza humana, ele transcendia as fronteiras tradicionais entre médico e filósofo. Seus escritos enfatizam a necessidade de observação empírica aliada à reflexão teórica, formando assim uma abordagem holística que englobava tanto a experiência prática quanto a compreensão conceitual. Além disso, Galeno demonstrou

uma visão crítica em relação a práticas médicas inadequadas de sua época, bem como à falta de educação adequada dos médicos. Seus argumentos eram guiados por sua convicção de que a filosofia não apenas enriquecia a mente, mas também nutria o caráter ético necessário para o exercício ético da medicina. Ele não somente exaltou a importância da observação anatômica e fisiológica, mas também enfatizou que um médico verdadeiramente competente deveria possuir uma base sólida em lógica, física e ética.

Para o autor, a prática médica não pode ser divorciada do pensamento filosófico. Sua busca pela excelência tanto no conhecimento científico quanto na moralidade, aliada à sua capacidade de dialogar e criticar diferentes correntes de pensamento, torna suas contribuições uma rica fonte de reflexão sobre a relação complexa entre medicina e filosofia. Diante das análises expostas no texto, podemos concluir que a obra "Sobre o Uso das Partes" de Galeno reflete a intersecção entre a anatomia, a filosofia e as concepções de gênero da época. Através da meticulosa descrição do corpo humano, Galeno procura estabelecer uma relação entre a forma física e a função específica de cada parte do corpo. Essa abordagem é enriquecida pela visão filosófica do autor, que escreve que a estrutura do corpo humano reflete a inteligência criadora da natureza.

No entanto, a obra também revela as percepções de gênero arraigadas na sociedade antiga. Galeno constrói uma hierarquia entre os sexos, considerando o homem como mais perfeito e quente, em contraste com a mulher, que é descrita como mais fria e, portanto, inferior. Essas concepções de masculinidade e feminilidade influenciam tanto a abordagem anatômica quanto as atitudes sociais em relação às mulheres.

A visão de Galeno sobre as diferenças entre homens e mulheres é influenciada por uma tradição filosófica que remonta aos pré-socráticos e se mantém ao longo dos séculos. A crença na superioridade masculina e na imperfeição feminina se enraíza em noções de dualidade e oposição. Essas ideias permeiam não apenas a medicina, mas também a cultura e a sociedade em geral, moldando relações de poder e normas sociais.

A obra de Galeno não é apenas um tratado anatômico, mas um reflexo complexo das percepções de gênero, filosofia e medicina da Antiguidade. Ela nos proporciona insights valiosos sobre como as visões sobre o corpo humano e as hierarquias sociais interagiam, contribuindo para a compreensão mais profunda das complexidades da sociedade romana e de suas concepções de masculinidade e feminilidade.

O estudo sobre as relações entre gênero, corpo, medicina e práticas sociais na Roma Antiga revela uma intrincada interdependência entre as concepções culturais de masculinidade e feminilidade, os discursos médicos, as normas sociais e as práticas de cuidados de si. A

polaridade concebida entre o feminino e o masculino, o quente e o frio, não apenas influenciava as maneiras de curar, os regimes de prazeres, os remédios e as dietas recomendadas pelos médicos, mas também estava diretamente relacionada à concepção humana, aos debates filosóficos contemporâneos e aos discursos de poder em torno do corpo e do gênero.

Os textos hipocráticos e as contribuições de Galeno sobre a medicina e a anatomia humana refletem essas noções de gênero, influenciando práticas de cuidados, regimes de prazeres e terapias medicinais. A abordagem das diferenças de calor vital entre homens e mulheres, com suas prescrições específicas para cada sexo, demonstra como as visões sobre gênero moldavam os tratamentos médicos e os comportamentos cotidianos.

A geração do ser humano ideal, conforme retratada nos manuais médicos de Galeno e na obra *Meditações*, de Marco Aurélio, reflete uma interação complexa entre fatores biológicos e comportamentais, incluindo o papel dos pais. Galeno descreve a importância do comportamento dos pais durante a gestação, argumentando que a saúde e o comportamento da mãe podem influenciar diretamente o desenvolvimento do feto. Da mesma forma, Marco Aurélio, em suas reflexões filosóficas, enfatiza a importância da virtude e do comportamento ético como fundamentos para uma vida plena e equilibrada. Nesse sentido, o comportamento dos pais, tanto em termos de saúde física quanto de caráter moral, pode desempenhar um papel crucial na formação do ser humano ideal, transmitindo valores, virtudes e influenciando o ambiente emocional em que a criança se desenvolve. Essas obras destacam a responsabilidade dos pais na criação de uma base sólida para o florescimento do ser humano ideal, tanto em termos de saúde física quanto de integridade moral.

A filosofia estoica, seguida por Marco Aurélio, e em alguns pontos também por Galeno, enfatiza a importância de viver de acordo com a razão e de cultivar um caráter virtuoso, independentemente das circunstâncias externas. Nesse contexto, o comportamento dos pais durante a gestação e na criação da criança pode ser considerado uma extensão desse princípio estoico, pois influencia o ambiente emocional e moral em que a criança cresce e é criada. Assim como Marco Aurélio destaca a responsabilidade de cada indivíduo em viver de acordo com os princípios da virtude, os pais são encorajados a agir de maneira ética e saudável, contribuindo para a formação de um ser humano ideal desde o início de sua vida. Essa abordagem estoica ressalta a importância do autocontrole, da bondade e da integridade moral não apenas para o indivíduo, mas também para a sociedade como um todo, refletindo os valores essenciais para a formação do ser humano ideal.

A obra *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos à Freud* de Thomas Laqueur e as análises subsequentes reforçam a importância do “regime de prazeres” como elemento de

construção da sexualidade e da identidade de gênero na sociedade romana. As práticas de auto-disciplina, os cuidados de si e as normas sexuais eram interligados e serviam como ferramentas de distinção social e manutenção da ordem.

Ao considerar a complexidade e interconexão das concepções de gênero, corpo, medicina e práticas sociais na Roma Antiga, fica evidente que as normas culturais, os discursos médicos e as relações de poder desempenhavam papéis intrincados na moldagem das identidades de gênero, nos regimes de prazeres e nos cuidados de si. Essa análise nos lembra da complexa teia de influências e interações que definiam a experiência humana naquele período histórico e ressalta a importância de adotar abordagens interdisciplinares para compreender as dinâmicas sociais e culturais do passado.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

MARCO AURELIO. **Meditações**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2019.

GALEN. My own books. In: GALEN. **Selected Works**. Trad.: Peter N. Singer. New York: Oxford University Press, 1997, p. 3-22.

GALEN. The order of my own books. In: GALEN. **Selected Works**. Trad.: Peter N. Singer. New York: Oxford University Press, 1997, p. 23-29.

GALENO. El mejor médico es también filósofo. Trad.: Glaux Philologica. **Ideas y valores**, n. 126, Bogotá, 2004, p. 75-84.

GALENO. **Del uso de las partes**. Trad.: Mercedes Lopes Salvá. Madrid: Editorial Gredos, 2010.

SUETÔNIO. A Vida dos Doze Césares. Tradução de Mário da Gama Kury. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2012.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Griselda Esther. Juan Antonio López Férez. Teorías de Galeno sobre el semen femenino. **Revista de Estudios Clásicos**, v. 44, p. 221-224, 2017. Disponível: <<https://revistas.uncu.edu.ar/ojs3/index.php/revistaestudiosclasicos/article/view/996>>. Acesso em jun. 2022.

BARTOS, Hynek. Philosophy and Dietetics in the Hippocratic On Regimen: A Delicate Balance of Health. **Studies in Ancient Medicine**, v. 44, Leiden/Boston: Brill, 2015. Disponível: <<https://brill.com/view/title/27211>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BAUMAN, Richard A. **Women and politics in ancient Rome**. Nova Iorque: Routledge, 2002.

BENTO, Berenice. Estudos de gêneros: o universal, o relacional e o plural. In: BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Natal: EDUFRN, 2014, p. 81-132.

BONNARD, Jean-Baptiste. Corps masculin et corps féminin chez les médecins grecs. **Clio. Femmes, Genre, Histoire**, n. 37, p. 21-39, 2013. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-clio-femmes-genre-histoire-2013-1-page-21.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BOUDON-MILLOT, Véronique. Greek and Roman Patients under Galen's Gaze: A Doctor at the Crossroads of Two Cultures. In: MAIRE, Brigitte (ed.). **'Greek' and 'Roman' in Latin Medical Texts: Studies in Cultural Change and Exchange in Ancient**. Leiden/Boston: Brill,

2014, p. 7-24.

BOUDON-MILLOT, Véronique. Un médecin grec dans la société romaine de son temps: Galien de Pergame (IIe siècle de notre ère). In: BOUDON-MILLOT, Véronique. **Flambard-Héricher/Marec** (ed.). 2005, p. 11-29.

BOUDON-MILLOT, Véronique. Galien de Pergame témoin de son temps. L'acculturation de la médecine grecque à la société romaine du IIe s. de n. è. **Semitica & Classica** 1, 2008, p. 71-80. Disponível em: < <https://www.brepolsonline.net/doi/epdf/10.1484/J.SEC.1.100246>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BROWN, Peter Robert Lamont. **Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo**. J. Zahar, 1990.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade**. Trad. Renato. Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

CALDWELL, Lauren. Gynecology. In: CALDWELL, Lauren; IRBY, G. (ed.). **A companion to science, technology, and medicine in ancient Greece and Rome**. Chichester/Hoboken: John Wiley & Sons, 2016, p. 360-370.

CARRICK, Paul. **Medical Ethics in Antiquity: Philosophical. Perspectives on Abortion and Euthanasia**. Dordrecht: Reidel, 1985.

CAVICCHIOLI, Marina R. Fama e infâmia na sexualidade romana. **Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 3, p. 153-166, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/romanitas/article/view/8767>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 5, p. 173-191, 1991.

COHEN, David. Sex, Gender, and Sexuality in Ancient Greece. Chicago: **Classical Philology**, v. 87(2), p. 145-160, 1992. Disponível em: < <https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdf/10.1086/367299>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

COHN-HAFT, Louis. **The public physicians of ancient Greece**. Nortampton: Department of History of Smith College, 1956.

CONRAD, Lawrence I. *et al.* **The Western medical tradition: 800 BC to AD 1800**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

CUNNINGHAM, Andrew. **The theory/practice division of medicine: two late-Alexandrian legacies**. History of Traditional Medicine. Osaka: Taniguchi Foundation, 1986. p. 303-324.

DEAN-JONES, Lesley Ann. **Women's Bodies in Classical Greek Science**. Oxford: Clarendon Press, 1994.

DEMAND, Nancy. **Birth, death, and motherhood in classical Greece**. Baltimore: JHU Press, 1994.

DUNCAN-JONES, Richard. **Structure and Scale in the Roman Economy**. Cambridge University Press, Cambridge, 1996.

DURÁN-MAÑAS, Mónica. El papel de la fisiología femenina en los tratados sobre la flebotomía de Galeno. **Ágora. Estudos Clássicos em Debate**, n. 23.1, p. 65-89, 2021. Disponível em: <<https://proa.ua.pt/index.php/agora/article/view/25027>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

EDLOW, Robert Blair *et al.* (ed.). **Galen on Language and Ambiguity: An English Translation of Galen's "De Captionibus (On Fallacies)**. Leiden/Boston: Brill, 1977.

ESPINOSA, Pascual. LÓPEZ FÉREZ, J., Galeno. Preparación y constitución de textos críticos, entrega y publicación de obras propias o ajenas, Madrid, Ediciones Clásicas, 2018, 230 págs., ISBN: 978-84-7882-823-4. **Nova tellus**, v. 37, n. 2, p. 221-227, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-30582019000200221#fn2>. Acesso em: 10 jun. 2022.

EYBEN, Emiel. Family planning in Graeco-Roman antiquity. **Ancient Society**, v. 11, p. 5-82, 1980. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/44080042>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

FANTHAM, Elaine *et al.* **Women in the classical world: image and text**. Oxford: Oxford University Press, 1994.

FEITOSA, Lourdes Conde. Gênero e sexualidade no mundo romano: a Antigüidade em nossos dias. **História: Questões & Debates**, v. 48, p. 119-135, 2008. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/15297/10288>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

FÉREZ, Juan Antonio López. Los dioses griegos y sus mitos en Galeno. **Cuadernos de filología clásica. Estudios griegos**. v. 14, p. 155-181, 2004. Disponível em: <<https://revistas.ucm.es/index.php/CFCG/article/view/CFCG0404110155A>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

FLASHAR, Hellmut; JOUANNA, Jacques. (ed.). **Médecine et Morale dans l'Antiquité**. Vandoeuvres: Fondation Hardt, 1997.

FLEMMING, Rebecca. Women, writing and medicine in the classical world. **The Classical Quarterly**, v. 57, n. 1, p. 257-279, 2007. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/4493489>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

FLEMMING, Rebecca. **Medicine and the Making of Roman Women: gender, nature, and authority from Celsus to Galen**. Oxford and New York: Oxford University Press, 2000.

FOUCAULT, Michel. Technologies of the Self. In: L. H. Martin, H. Gutman, & P. H. Hutton (ed.). **Technologies of the Self: A Seminar with Michel Foucault**. University of Massachusetts Press, 1998, p. 16-49.

FRENCH, Roger K. **Ancient Natural History**. London: Routledge, 1994.

FRIAS, Ivan. **Doença no corpo, doença na alma: medicina e filosofia na Grécia Clássica**.

Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. PUC-Rio/Loyola, 2004.

FUNARI, Pedro P. A. Documentos: análise tradicional e hermenêutica contemporânea; Análise documental e Antiguidade Clássica. In: FUNARI, Pedro P. A. **Antigüidade Clássica: a História e a cultura a partir dos documentos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, 2.ed. p. 1-36.

GACA, Kathy L. Early stoic Eros: The sexual ethics of Zeno and Chrysippus and their evaluation of the Greek erotic tradition. **Apeiron**, v. 33, n. 3, p. 207-238, 2000. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/40913879>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

GAIA, Deivid. Mulheres, economia e finanças na Roma Antiga: desafios antigos e questões atuais. **Archai**, n. 33, p. 1-38, 2023.

GARDEY, Delphine. Writing the history of the relations between medicine, gender and the body in the twentieth century: a way forward?. **Clio. Women, Gender, History**, n. 37, 2013. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cliowgh/404>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

GILLIAM, James Frank. The Plague under Marcus Aurelius. **The American Journal of Philology**, v. 82, n. 3, p. 225-251, 1961. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/292367>>. Acesso em 10 jun. 2022.

GONZÁLEZ, Liliana. Séneca y Galeno: el carácter terapéutico de la amistad O por qué la amistad permite formar comunidad sin anular la diferencia. In.: Farfán, L.; Gerena, L. (Orgs.) **Acercamientos filosóficos al problema de la Amistad**. Cuernavaca: Afínita editorial; Universidad Autónoma del Estado de Morelos, 2014.

GONZÁLEZ, Liliana. **Fundamentos fisiológicos de la psicología moral em Galeno de Pérgamo**. 2012. Tese (Doutorado em Lógica e Filosofia da Ciência) – Univesidad de Valladolid, Valladolid, Espanha, 2016.

GONZÁLEZ, Liliana. Séneca y galeno. Sobre las Pasiones y los errores del alma. In: GONZÁLEZ, Liliana **Studia Philologica Columbiana I: Avances y resultados de investigación en torno a la Antigüedad griega y romana**. Bogotá: Dirección de Publicaciones Científicas, Universidad de La Sabana, 2011. p. 261-282.

GOOD, Byron J. **Medicine, rationality and experience: an anthropological perspective**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

GOTTHELF, Allan; BALME, David M. **Aristotle on nature and living things: philosophical and historical studies presented to David M. Balme on his 70. birthday**. Pittsburgh: Mathesis Publ, 1985.

GOTTHELF, Allan *et al.* (ed.). **Philosophical issues in Aristotle's biology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

GOUREVITCH, Danielle. Le nourrisson et sa nourrice: étude de quelques cas pédiatriques chez Galien. **Revue de philosophie ancienne**, v. 19, n. 2, p. 63-76, 2001. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/24354689>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

GRANT, Robert M. Paul, Galen, and Origen. **The journal of theological studies**. v. 34, n. 2, p. 533-536, 1983. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/23963473>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

GUARINELLO, Norberto. Ordem, integração e fronteiras no Império Romano: um ensaio. **Mare Nostrum**, v. 1, n. 1, p. 113-127, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/marenostrum/article/view/105764>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

HALPERIN, David M.; WINKLER, John J.; ZEITLIN, Froma I. **Before sexuality: the construction of erotic experience in the Greek world**. Princeton: Princeton University Press, 1990.

HARVEY, Paul. **Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina**. Trad: Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

HAWKINS, Ralph K. The Archaeology of Difference: Gender, Ethnicity, Class and the "Other" in Antiquity; **Studies in Honor of Eric M. Meyers (AASOR 60/61)**, Boston: American Schools of Oriental Research, 2007.

HORSTMANSHOFF, Hermann Frederik Johan. The ancient physician: craftsman or scientist?. **Journal of the history of medicine and allied sciences**, v. 2, n. 45, p. 176-197, 1990. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/2193055/>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

HUSKINSON, J. (ed.). **Experiencing Rome. Culture, identity and power in the Roman Empire**. New York: Routledge, 2000.

JACKSON, Ralph. **Doctors and diseases in the Roman Empire**. London: British Museum Press, 1988.

JAMES, Sharon L.; DILLON, Sheila (ed.). **A companion to women in the ancient world**. Sussex: John Wiley & Sons, 2015.

JOUANNA, Jacques. Greek medicine from Hippocrates to Galen: selected papers. In: JOUANNA, Jacques (ed.). **Studies in Ancient Medicine**, vol. 40. Leiden/Boston: Brill, 2012. Disponível em: <<https://brill.com/view/title/20068>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

KEYSER, Paul T. Science and magic in Galen's recipes (Sympathy and efficacy). In: KEYSER, Paul T. **Galen on Pharmacology**. Leiden/Boston: Brill, 1997, p. 175-198.

KIPLE, Kenneth F. (ed.). **The Cambridge World History of Human Disease**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LANGLANDS, Rebecca *et al.* **Sexual morality in ancient Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LAQUEUR, Thomas. **A invenção do sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Trad: Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LAUNDERVILLE, Dale. **Celibacy in the ancient world: its ideal and practice in pre-hellenistic Israel, Mesopotamia, and Greece**. Local: Liturgical Press, 2010.

LEE, Mireille M. **Body, dress, and identity in ancient Greece**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

LERNER, Gerda. **The creation of patriarchy: Women and History**, Oxford: Oxford University Press, 1986., v. 1.

LIEBER, Elinor. Galen in Hebrew: the transmission of Galen's works in the mediaeval Islamic world" in **Galen: Problems and Prospects: A Collection of Papers Submitted at the 1979 Cambridge Conference**, London: Wellcome Institute, 1981, p. 167-186.

LITTMAN, Robert J.; LITTMAN, Maxwell L. Galen and the Antonine plague. **The American Journal of Philology**, v. 94, n. 3, p. 243-255, 1973. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/293979>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

LÓPEZ FÉREZ, Juan Antonio. El hombre em Galeno, especialmente según de *Usu partium*. In: LÓPEZ FÉREZ, Juan Antonio. **Les origines de l'homme**, n^{av}. 46, Nice: Université de Nice Sophia-Antipolis, 1998.

MAIRE, Brigitte. 'Greek' and 'Roman' in Latin Medical Texts: Studies in Cultural Change and Exchange in Ancient Medicine. In: MAIRE, Brigitte (ed.). **Studies in Ancient Medicine**. Leiden/Boston: Brill, 2014, vol. 42. Disponível em: <<https://brill.com/view/title/22784>>. Acesso em 10 jun. 2022.

MANN, Joel E. Mann. Hippocrates: On the Art of Medicine. In.: MANN, Joel (ed.). **Studies in Ancient Medicine**, Leiden/Boston: Brill, 2012, vol. 39. Disponível em: <<https://brill.com/view/title/15266>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MARTINS, Roberto de Andrade. A doutrina das causas finais na Antiguidade. 3. A teleologia na natureza, de Teofrasto a Galeno. **Filosofia e História da Biologia**, v. 9, n. 1, p. 79-120, 2014. Disponível: <<https://www.abfhib.org/FHB/FHB-09-1/FHB-9-1-05-Roberto-de-Andrade-Martins.pdf>>. Acesso em 10 jun. 2022.

MASTERSON, Mark; RABINOWITZ, Nancy Sorkin; ROBSON, James (ed.). **Sex in Antiquity: Exploring Gender and Sexuality in the Ancient World**. Nova Iorque: Routledge, 2018.

MATSUI, Sussumo. Galeno e a “biografia bioética” de Hipócrates: um exemplo de um médico-filósofo a ser imitado. **Prometheus**, v. 11, n. 28, p. 27-41, 2018. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/9073>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MATTERN, Susan P. **Galen and the Rhetoric of Healing**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2008.

MCAULEY, Mairéad. **Reproducing Rome: Motherhood in Virgil, Ovid, Seneca, and Statius**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

MENNITTI, Danieli. A (des) construção do ideal de virilidade e o homoerotismo: compreendendo a (s) masculinidade (s) no principado romano. **Em Tempo de Histórias**, n. 24, 2014. Disponível em:

<<https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/14825>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MICHAELIDES, Demetrios (ed.). **Medicine and healing in the ancient Mediterranean**. Oxford: Oxbow Books, 2014.

MILNOR, Kristina. **Gender, domesticity, and the age of Augustus: inventing private life**. Oxford: OUP Oxford, 2005.

NEVES, Amanda C. A. S. Mos maiorum e a formação do cidadão ideal na República Romana. **Revista Historiador**, n. 11, p. 7-15, 2018. Disponível: <<https://www.revistahistoriador.com.br/index.php/principal/article/view/205>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

NIJHUIS, Karin. Greek doctors and Roman patients: a medical anthropological approach. **Ancient Medicine in its socio-cultural context**, v. 1. Leiden/Boston: Brill, 1995, p. 49-67.

NOY, David. **Foreigners at Rome: citizens and strangers**. London: Gerald Duckworth & Co, 2000.

NUTTON, Vivian. **A medicina antiga**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

NUTTON, Vivian. **Galen: a thinking doctor in imperial Rome**. Nova Iorque: Routledge, 2020.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora UFMG/IUPERJ, 2004.

PANTEL, Pauline Schmitt. **Mulheres na Roma Antiga**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

PARKER, Holt N. Parker, H. Women physicians in Greece, Rome, and the Byzantine Empire. In: FURST, L. R. (ed.). **Women Physicians and Healers**. Lexington: University of Kentucky Press, 1997, p. 131-150.

PARKER, Holt N. Galen and the girls: sources for woman medical writers revisited. **Classical Quarterly**, v. 62, n. 1, p. 359-386, 2012. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/41820017>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Fronteiras Culturais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p. 35-39.

PHILLIPS, Eustace Dockray. **Greek medicine**. London: Thames and Hudson, 1973.

PINHEIRO, Cristina. Corpos em construção: Natureza e condições do corpo feminino na antiguidade greco-romana. **Cadmo**, n. 20, p. 479-497, 2010.

PINO CAMPOS, Luis Miguel *et al.* Doctrina de Galeno sobre las causas en los pulsos. V: las causas secundarias naturales y no-naturales. **Fortunatae**, v. 1, n. 29, p. 91-106, 2019. Disponível em: <<https://riull.ull.es/xmlui/handle/915/12683>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

PRIORESCHI, Plinio. The idea of scientific progress in Antiquity and in the Middle Ages. **Vesalius**, v. 8, n. 1, p. 34-45, 2002. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12422886/>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

RAWSON, Beryl (ed.). **A companion to families in the Greek and Roman worlds**. Sussex: John Wiley & Sons, 2010.

REBOLLO, Regina. O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Galeno. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 45-82, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-31662006000100003>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

REDONDO, Jordi. **Anotaciones críticas al Comentario de [Galeno] al tratado hipocrático Sobre los humores**, Bolonha: Pàtron editore, 2016. p. 221-234. Disponível em: <https://www.academia.edu/29824762/Anotaciones_cr%C3%ADticas_al_comentario_de_Galeno_al_tratado_hipocr%C3%A1tico_Sobre_los_humores>. Acesso em 10 de jun. de 2022.

RICHLIN, Amy. Not before Homosexuality: The Materiality of the Cinaedus and the Roman Law against Love between Men. **Journal of the History of Sexuality**, v. 3(4), p. 523-573, 1993.

ROMERO, Andrés *et al.* Galeno de Pérgamo: Pionero en la historia de la ciencia que introduce los fundamentos científicos de la medicina. **Anales Médicos de la Asociación Médica del Centro Médico ABC**, v. 56, n. 4, p. 218-225, 2011. Disponível em: <<https://www.medigraphic.com/cgi-bin/new/resumen.cgi?IDARTICULO=35328>>. Acesso em 10 jun. 2022.

ROWETON, William; KAGAN, J. **Galen's prophecy: Temperament in human nature**. New York: Basic Books, 1994.

SALIH, Sarah. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Trad. de Guacira Lopes Louro. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SALVÁ, Mercedes. Introducción. In: GALENO. **Del uso de las partes**. Trad. de Mercedes Salvá. Madrid: Editorial Gredos, 2010. p. 7-89.

SANT'ANNA, Denise. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen (org.). **Corpo e história**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 3-24.

SANTOS, Alicia Esteban. Galeno. Lengua, composición literaria, léxico, estilo. **Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Griegos e Indoeuropeos**, v. 27, p. 271-275, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ucm.es/index.php/CFCG/issue/view/3084>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

SARTRE, Maurice. Virilidades gregas. In: VIGARELLO, Georges (org.). **História da virilidade: A invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes**, vol. 1. Petrópolis: Vozes. p. 17-70.

SCHAPS, David. **Handbook for Classical Research**. London/New York: Routledge, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para os estudos históricos. **Educação e Realidade**,

n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em:

<<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz T. da *et al.* (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SINGER, Peter N. **Galen: Selected Works**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

SISSA, Giulia. Filosofias do gênero: Platão, Aristóteles e a diferença dos sexos. **História das mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento, vol. 1, p. 79-123, 1993.

SKINNER, Marilyn B. **Sexuality in Greek and Roman Culture**. 2. ed. Oxford: Oxford Blackwell Publishing Ltd., 2014.

SMALL, Chanley M. Reinventing Sex: The Construction of Realistic Definitions of Sex & Gender. **The American Biology Teacher**. v. 60, n. 8, p. 590-593, 1998. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/4450555?seq=1>>. Acesso em: 01 jul. 2022.

THUILLIER, Jacques P. Virilidades romanas: vir, virilitas, virtus. In: CORBIN, Alain *et al.* **História da virilidade**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 74-124.

TORRES, Milton L. A Contribuição de Galeno de Pérgamo para a História da Educação. **Docent Discunt**, v. 2, n. 2, 2022. Disponível em: <<https://revistas.unasp.edu.br/rdd/article/view/1368>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

VAN DER EIJK, Philip J. **Medicine and Philosophy in Classical Antiquity: Doctors and Philosophers on Nature, Soul, Health and Disease**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VAUGHAN, Theresa. **Women, Food, and Diet in the Middle Ages: Premodern Health, Disease, and Disability**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2020.

VENTURINI, Renata L. B. Estoicismo e imperium: a virtus do homem político romano. **Acta scientiarum education**, v. 33, n. 2, p. 175-181, 2011. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2178-52012011000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jun. 2022.

VEYNE, Paul. A homossexualidade em Roma. In: ARIÉS, Philippe.; BÉJIN, André (org.). **Sexualidades Ocidentais contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. Tradução de Lygia Araújo Watanabe; Thereza Christina Ferreira Stummer. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 39-49.

VEYNE, Paul. **Amor e Sexualidade no Ocidente**. Tradução de Ana Maria Capavilla; Horácio Goulart e Suely Bastos. L&PM, Porto Alegre, 1992. p. 60-67.

WALTERS, J. Invading the Roman Body: manliness and impenetrability in Roman Thought. In: HALLET, Judith P.; SKINNER, Marilyn B. (ed.). **Roman Sexualities**. Princeton: Princeton University Press, 1997. p. 47-66.

WEE, John Z (Ed.). **The Comparable Body: Analogy and Metaphor in Ancient Mesopotamian, Egyptian, and Greco-Roman Medicine.** Leiden/Boston: Brill, 2017.

WILLIAMS, Craig A. **Roman Homosexuality.** Nova York: OUP, 2010.

WOOLF, Greg. Becoming roman, staying greek: culture, identity and the civilizing process in roman east. **Proceedings of the Cambridge Philological Society**, n. 40, p. 116-143, 1994. Disponível: <<https://www.jstor.org/stable/44712049>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

WRIGHT, Jessica. Roman North Africa: Environment, Society and Medical Contribution. **Acta Classica**, Amsterdam, v. 63, p. 258-262, 2020. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/761008>>. Acesso em: 10 jun. 2022.